

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

CAROLINE RODRIGUES SILVA

***AS SUGAR BABIES E OS RELACIONAMENTOS AFETIVOS
MONETÁRIOS: A (RES) SIGNIFICAÇÃO DA ATIVIDADE DO SEXO A
PARTIR DO MUNDO SUGAR***

VITÓRIA - ES

2020

CAROLINE RODRIGUES SILVA

**AS SUGAR BABIES E OS RELACIONAMENTOS AFETIVOS
MONETÁRIOS: A (RES) SIGNIFICAÇÃO DA ATIVIDADE DO SEXO A
PARTIR DO MUNDO SUGAR**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Administração do Programa de Pós-Graduação em Administração, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para titulação de Mestre em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Eloisio Moulin de Souza

VITÓRIA - ES

2020

CAROLINE RODRIGUES SILVA

**AS SUGAR BABIES E OS RELACIONAMENTOS AFETIVOS
MONETÁRIOS: A (RES) SIGNIFICAÇÃO DA ATIVIDADE DO SEXO A PARTIR
DO MUNDO SUGAR**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Administração do Programa de Pós-Graduação em Administração, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para titulação de Mestre em Administração.

Aprovado em ____ de _____ de 2020.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Eloisio Moulin, de Souza

Prof.^a Dra. Josiane Silva de Oliveira

Prof.^a Dra. Letícia Dias Fantinel

“Todas as revoluções que eu desejo começam em mim”

Ryane Leão

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SÍBI/UFES e elaborada pelo autor

R696s Rodrigues Silva, Caroline, 1987-
AS SUGAR BABIES E OS RELACIONAMENTOS AFETIVOS MONETÁRIOS: : A (RES) SIGNIFICAÇÃO DA ATIVIDADE DO SEXO A PARTIR DO MUNDO SUGAR / Caroline Rodrigues Silva. - 2020.
126 f. : il.

Orientador: Eloisio Moulin de Souza.
Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas.

1. Sugar Baby. 2. Relacionamento sugar. 3. Poder. 4. Gênero. 5. Mundo Sugar. I. Moulin de Souza, Eloisio. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas. III. Título.

CDU: 65



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO



ATA DA 256ª DEFESA DE DISSERTAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

Às 14 horas do dia 27 do mês de abril do ano de 2020, em Vitória (ES), reuniu-se a banca examinadora composta pelos Professores Drs. Eloísio Moulin de Souza (orientador), Letícia Dias Fantinel (Membro interno) e Josiane Silva de Oliveira (Membro externo) para a defesa da dissertação de **Caroline Rodrigues Silva**, com o título: AS SUGAR BABIES E OS RELACIONAMENTOS AFETIVOS MONETÁRIOS: A (RES) SIGNIFICAÇÃO DA ATIVIDADE DO SEXO A PARTIR DO MUNDO SUGAR. Todos os participantes da banca estão remotos, por meio de videoconferência. Com a palavra, o presidente da banca deu início à sessão, passando a palavra à aluna, que procedeu à exposição da dissertação. Na sequência, os membros da banca formularam as suas arguições, as quais foram respondidas pela mestranda. Concluída a avaliação realizada pela banca, o presidente da sessão comunicou o resultado, que foi favorável à **APROVAÇÃO** da aluna. Por fim, o presidente informou que a aprovada fará jus ao diploma de Mestre após cumprir todos os requisitos, dentre eles: entrega da versão final de sua dissertação (em meio físico e digital) à secretaria do programa, conclusão de todos os créditos necessários, realização das atividades obrigatórias, e após a homologação do resultado da defesa pelo Colegiado Acadêmico do PPGADM. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão da qual se lavra a presente ata, que vai assinada pelos membros da banca examinadora e pela mestranda.

Prof. Dr. Eloísio Moulin de Souza

Orientador

Profa. Dra. Letícia Dias Fantinel

Membro interno – PPGADM/UFES

Profa. Dra. Josiane Silva de Oliveira

Membro externo – UEM

Caroline Rodrigues Silva

Mestranda

**Campus Universitário Almor de Queiroz Araújo – Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras, Vitória/ES.
Cep. 29.075-910 Tel. (27) 4009-5371/7712 E-mail: ppgadm@gmail.com.br**

ELOISIO MOULIN DE SOUZA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO **PROTOCOLO DE**
ASSINATURA

O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo



Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por

ELOISIO MOULIN DE SOUZA - SIAPE 1712712

Departamento de Administração - DAd/CCJE

Em 27/04/2020 às 15:41

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/18757?tipoArquivo=O>



ELOISIO MOULIN DE SOUZA 57

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO **PROTOCOLO DE**

ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo

Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por

LETICIA DIAS FANTINEL - SIAPE 1618662

Departamento de Administração - DAd/CCJE Em
27/04/2020 às 15:47

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:

<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/18762?tipoArquivo=O>

AGRADECIMENTOS

Eu quero agradecer a tantas e tantos que fazem parte dessa minha trajetória e dizer que o ato de escrever essa dissertação se tornou secundário no processo reflexivo. Bem, não se assustem com os dizeres. As reflexões mais importantes estão aqui, nos agradecimentos. Se vocês não têm pretensão de buscar uma reflexão acerca do tema, sugiro se deliciar no processo de gratidão e de construção do conhecimento que estão nos agradecimentos. Mas Carol, você não ia agradecer? Eu vou, mas eu sou prolixa, como dizem por aí! E é aí meus caros, que mora a parte interessante. Eu dou voltas, mas as minhas voltas sempre querem dizer alguma coisa, e quem vive na pressa prefere não perceber. Tudo bem, eu sigo!

Eu quero agradecer a catarse que foi me tornar esse ser reflexivo que aqui escreve para vocês. A ordem de agradecimento não virá em grau de importância. Por favor, não pensem isso. Está assim disposta, porque sinto e sinto muito, pois, meu coração é grande e, em conjunto à cabeça, produz mil ideias simultâneas. Começo a agradecer ao Rômulo, um amigo presente, desde a primeira vez, que eu estive em um congresso, mesmo sem nos conhecermos ainda na ocasião. Não me canso de repetir essa história, porque, para mim, é icônica. Recentemente, Romulo, muito gentilmente, em meio ao meu caos de mil ideias e aflições, lembrou-me: “Carol, essas pessoas aí tem que andar com a humanidade no bolso e no coração, se não, para que serve isso tudo?” E com um suspiro, me lembro desse dizer: **Se não temos humanidade, para que serve isso tudo?** Obrigada amigo! Esse caminho sem você não seria tão colorido, divertido, reflexivo e leve. Mesmo comigo pirando, a cada etapa!

Juliana Teixeira, a quem serei eternamente grata por abrir, especificamente, essa porta do conhecimento. Ela sabe, pois, eu digo sempre que possível. [Vocês dizem para as pessoas que vocês as amam?]. Porém, eu escrevo, porque é bom registrar. É isso Ju: eu amo você e a potência que foi o nosso encontro em vida! Ju abriu a porta de um mundo que já me gritava, mas eu não sabia como encontra-lo. Me proporcionou a oportunidade de dar nomes a inquietações tão fortes, que arrisco a dizer que são seculares. Um grito de ancestralidade? Para quem acredita, assim como eu, digo que sim! Obrigada por

ser a minha amiga, por ser irmã de aniversário e de vida, por ser mentora. Gratidão, gratidão, gratidão!

Eu quero agradecer, imensamente, à minha amiga Aline, quem apoiou nas escritas, nos puxões de orelha das vírgulas e nos “de modo que”. Essa amiga, dá forma e sentido ao dizer que quilometragem não é distância, porque se fez presente, durante toda essa caminhada. Depois de ler todas as minhas milhões de palavras, todos os meus surtos reflexivos, estar presente em todas as minhas crises que acompanharam e atravessaram os mais próximos de forma visceral, eu temo que esse parágrafo não será suficiente para te dizer o quão eu sou grata amiga. É uma vida inteira, gratidão!

Agradeço ao grupo Plenas, que de plenas só temos o título do grupo de WhatsApp, por todas as conversas amigas, os cafés, as caronas, risadas. Essas minhas amigas: Maria Leticia, Lorrara, Sâmela, Elaine, Greice e Simone toparam tudo comigo. Uma mineira que caiu no Espírito Santo, quase que sozinha [Ju Porto, vai chegar a sua vez]. Posso dizer que tenho, na cidade, amigas do peito que parecem estar na minha vida, há anos.

Lê, eu não esqueço o dia que você pegou na minha mão e me tirou do espiral de loucura que era a prova de quanti. Foi a primeira vez que senti paz no mestrado. Desse dia em diante, de mão dadas com a sua paz, o sentimento por você foi de muito carinho e gratidão. **Lô**, que me levou para comer siri, porque sou metida à turista que encara tudo, e se emocionou com a minha história, no primeiro dia em que nos vimos. E que, dia desses, me manda um áudio divertidíssimo de como ficou corajosa na vida. Orgulho e gratidão, minha amiga. **Elaine**, um exemplo de mulher forte e, não posso deixar de dizer, injustiçada nesse processo, que é a academia. Ainda depois do caos, me manda áudios carinhosos me apoiando em um processo que, para mim, parecia o fim do mundo. Ô sorte, gratidão, amiga! **Greice**, o oposto de mim, porque falo muito, foi com um jeito meigo e ponderado, sempre presente nos momentos mais precisos. Obrigada de coração! **Simone**, que nos acolheu na sua casa, em meio a uma agenda louca de trabalho, mestrado, filha, cachorrinha, e, ainda assim, nos acolheu com amor. Gratidão!

Sâm, a nossa relação foi construída aos poucos e se tornou uma mega parceria. Sâmela é a pessoa que eu não posso encontrar na vida: eu devo, porque ela topa tudo igual a mim. Mentes inquietas, com ideias mirabolantes,

que dizem sim para as loucuras que passam voando na cabeça. Demos uma aula na lagoa, fizemos artigos juntas, filme de terror, congressos, praia, yoga, fizemos anos, por mil vezes, em um só dia! Obrigada, amiga!

Ju Porto, agradeço a você a acolhida imediata e contínua em Vitória. E, também, os anos de crescimento que passamos juntas. Acho que posso me arriscar a dizer que amadurecemos, por diferentes processos, uma vida inteira. Obrigada por me salvar com o creme de leite, por ir à praia, mesmo sem gostar, e pelos vídeos engraçados de aniversário! Quem diria que uma programadora, pouco falante [mas, quando quer também, falaaa], seria essa parceira incrível de uma escorpiana maluca, tagarela, nessa viagem maluca que é a vida! Obrigada!!

Chiara e Juliana Schneider, minhas amigas que me acompanham, desde a graduação. Os nossos caminhos no mestrado foram diferentes, mas não deixaram de se cruzar. Assim, espero que permaneçam na vida. Chiara, com ligações intermináveis, hora uma, hora outra. Pisciana incorrigível, me disse palavras certas, em momentos quase que cirúrgicos. Adoro você, miga! Ju, companheira de apartamento, irmã de orientação, por mais de uma vez, presente em toda as loucuras. Sobretudo, na catarse, que é escrever, juntas, os tão pedidos e necessários artigos. Além da loucura da academia, companheira de congressos e evoluções pessoais, nacionais e internacionais. De bebedeiras no Ap. 406 a fechar Pub em Londres. Ju, o nosso *match* não foi instantâneo, ainda bem que o tempo me permitiu perceber quão maravilhosa você é, e agradeço o tanto que estamos conectadas. Adoro você. Obrigada, meninas, por se fazerem tão presentes!

Mari, assim como o Rômulo, esteve presente no meu primeiro congresso e já me ofereceu abrigo, em Vitória, para o processo seletivo. Eu, desconfiada, pensei que era apenas uma gentileza dita. Mas não, Mari me acolheu, me perguntou de restrição alimentar e me apresentou Vitória. Irmã de orientação, de escuta e compartilhamentos. A vida sempre coloca pessoas certas no nosso caminho. Você é, sem dúvida, uma delas. Obrigada por compartilhar as descobertas e as transformações peculiares de quem pesquisa sobre o que acredita e decide, realmente, não separar teoria de prática. Ainda das irmãs de orientação, a Isa. Isa me acolheu de braços abertos, aceitou todos os convites para a Lama: ficamos na Lama como se não houvesse amanhã. Ainda bem que

tem e agora tomamos café! [Haha]. Obrigada Isa e Mari, pelas parcerias, escutas, compartilhamentos e momentos tão preciosos juntas!

Eu tive e tenho uma família em Vitória: aos muitos amigos e amigas que me acolheram e acolhem, minha eterna gratidão. Adriana, Zyl, Jove, Anne, Penha, Dona Aurea, Evy, Michele, Felipe, Rafa, Saulo, Edu e tantas e tantos que me escapam os nomes, mas se sintam representadas e representados. Dessa turma, ressalto a Dona Aurea: quem limpava o 406D na escala da Ju. Gente, Dona Aurea, além de deixar a casa limpa como nunca vi, fazia laços com o que estivesse disponível. Ela trazia afeto e sensação de lar para o nosso cafofo. Que mulher incrível! Falando em lar, me remete diretamente à Mih! Michelle, virou minha mãe, irmã, amiga. Do abraço apertado, cuidado, praias, bebedeiras e frases de apoio. Mi, sempre, tem um conselho especial! Obrigada por topar, desde o chão do apartamento como apoio para a cerveja, aos momentos incríveis na praia! Amo você!

Se de um lado, o processo pode e deve ser incrível, quando assumimos que é feito de gente, de momentos, de choro, de vida e renascimento, é pertinente lembrar o quanto pode ser cruel, marcado por ausências, e te afastar de outros espaços [porque você precisa estudar e não é pouco], também importantíssimos! Se a saúde mental pode ser um problema [aqui como possibilidade, ainda que quase que uma sombra], a saudade com certeza é certa.

“Pessoas nascem e morrem durante o mestrado”, eu, como boa ansiosa, escrevo meu agradecimento, antes do fim. Contudo, essa frase continuou pertinente para um espaço temporal adiante. O que posso dizer do agora, é que eu deixei amigas no cantinho da saudade. Amigas que comemoram vida e sofreram morte, durante esses anos, e que eu não me fiz presente como gostaria. Em especial, Fê, aqui eu peço desculpas, por não ser a irmã que eu era. A sua alegria foi a minha, mesmo que de longe. Eu ainda não sei o que te dizer sobre a sua dor. Eu só posso te dizer que me faltam palavras. Sinto muito! Dizer também que eu amo você e que você é uma das amigas irmãs que me fizeram falta, presencialmente, nesse caminho.

Para a minha família de sangue, Mãe e Pai, que sempre acreditaram na educação como motora de mudanças positivas em nossas vidas, obrigada por acreditarem em mim e estarem na retaguarda para tudo que precisei e preciso

de vocês. Na minha casa, a palavra-chave é amor. Nós nos amamos muito. Lipe, obrigada por me inspirar, por dizer que esse caminho existia, quando eu ainda nem imaginava. Obrigada pela paciência do despertar. Lou, irmã amada e querida, só posso dizer o orgulho que eu tenho da mulher forte que você é. Obrigada por estar sempre comigo, nas ligações, em pensamento, no coração e agora na academia. Obrigada ao Davi, que chegou com vida, alegrando toda nossa família, e gratidão à Stefany por ter entrado, por escolha, em nossa família. Ao Pedro, meu agradecimento, por acreditar em mim. A vida é uma soma de todos e tudo que nos atravessa. Alguns passam, outros ficam. Assumo que, na vida, temos escolhas como guia e sou grata por nossas escolhas, por todas elas.

Agradeço imensamente ao ensino público de qualidade e ressalto o quão importante é o investimento na educação e em pessoas. De investimento à educação, tenho plena consciência que esse processo se iniciou, no ano de 2015, quando entrei para a universidade pública UFSJ. Entendo como investimento e verba pública tudo que se relaciona com o ensino. Sendo assim, gratidão aos faxineiros e faxineiras, seguranças, assistentes administrativos, serviços gerais e, em especial, aos professores e professoras que acreditaram no meu potencial. Agradeço em especial à CAPES, que, como agência de fomento, me permitiu mudar de cidade e reinvestir o valor da bolsa, em congressos nacionais e internacionais, bem como a minha permanência em um estado diferente do meu.

Agradeço às professoras e professores, que, após se tornarem doutores, não se limitam ao individual e assumem a responsabilidade de compartilhar conhecimento, por meio de pesquisa e extensão. Nesse espaço, relembro Juliana Teixeira e Geraldo Magela, meus primeiros guias de pesquisa com as iniciações científicas. Agradeço ao meu orientador nesse trabalho, Eloisio Moulin. Quem logo que nos encontramos em sala disse algo sobre sermos latinos e misturarmos o trabalho com vida pessoal e eu entendi como se isso não fosse assim lá tão bom [para ele]. E ao longo do processo, se permitiu ser latino e construir afetos durante a produção de conhecimento e quem tanto me chamou para as regras, via que eu gosto de permear outros tipos de escrita [como essa], gratidão pelos compartilhamentos. E, em especial, às professoras Josiane e Letícia, que aceitaram ler o trabalho, as quais reconheço por terem sido

acolhedoras e ativas na construção e desconstrução dos conhecimentos que me atravessaram. Obrigada a todas e a todos docentes, foram muitas e muitos, que compartilharam conhecimento e afeto e fizeram do meu sonho realidade.

O que eu aprendi com o mestrado? Além da dissertação que vem recheada de conceitos, conversas entre os autores e autoras que proporcionaram reflexões para além do empírico empreendido na dissertação? Eu aprendi a refletir, tanto no individual, quanto no coletivo. Uma vida que acontece de dentro para fora. E que se, em certos momentos, houveram dúvidas, eu tive mãos que me deram certezas. E que a escrita adiante se tornou produtiva, não só para um corpo da ciência. Se fez importante, porque conectou todos os momentos e pessoas. E, por isso, eu sou grata. Se eu posso ousar no final e dizer cinco palavras-chave para a busca “ativa” desse agradecimento, assim como usamos no artigo, eu diria:

Palavras chaves: Caos; Amizade; Intensidade; Apoio; Gratidão.

RESUMO

Esta dissertação objetivou compreender como os discursos que perpassam a atividade das *Sugar Babies* que podem ressignificar a atividade venal do sexo. Tais vivências são experienciadas a partir de relacionamentos afetivos financeiros entre *Sugar Babies* e *Sugar Daddies*, os quais têm como ponto de encontro o *site* Meu Patrocínio. Esse trabalho apresentou a miríade de possibilidades discursivas representadas pelas *sugar babies*, a plataforma online da empresa Meu Patrocínio, grupos presentes na plataforma online *facebook* e do livro “Como con\$eguir um homem rico”. Diante dos embates discursivos em torno da atividade do sexo das mulheres, uma vez que há distintas maneiras de se perceber a atividade feminina do sexo, esta dissertação buscou responder à seguinte questão de pesquisa: Como os discursos que perpassam a atividade das *Sugar Babies* são capazes de ressignificar a atividade venal do sexo? Para tal, conceitua-se a relação com a atividade venal, com as relações legítimas e ilegítimas, situando a aproximação discursiva das categorias de identidades de gênero a partir das *sugar babies*. Ao relacionar atividades ilegítimas, destaca-se a atividade marginalizada da prostituição, igualmente a precarização e trabalhos envoltos com corpos generificados. Finalmente, para análise, utilizou-se a proposta da análise crítica de Fairclough (2001), a qual abarca três dimensões: texto, prática discursiva e prática social, embasadas nas relações de poder presentes na constituição dos sujeitos e nas relações sociais. Como contribuições desse trabalho, destaco como contribuição teórica a possibilidade de compreender a atividade do sexo para além de questões legais que flutuam entre o legítimo e o ilegítimo. Contribuí por explicitar algumas das múltiplas possibilidades discursivas que perpetuam relações de poder assimétricas. Como também, a reprodução da lógica normativa pela mesma matriz heterossexual, na qual legítima relação conservadoras que localizam uma performance de homem como provedor.

Palavras Chaves: *Sugar Baby*; Relacionamento *sugar*, Poder, Gênero, mundo *sugar*

ABSTRACT

This dissertation aims to understand how the discourses that permeate the activity of Sugar Babies can resignify the local activity of sex. These experiences are experienced based on affective financial relationships between Sugar Babies and Sugar Daddies, which are the meeting points on the *Meu Patrocínio* website. This work shows a myriad of discursive possibilities represented by sugary babies, an online platform from the company *Meu Patrocínio*, groups present on the online platform facebook and book "How to configure a rich man". Before incorporating discursive into the ankle of women's sex activity, since there are different ways of perceiving female sex activity, this dissertation sought to answer the following research questions: How are the speeches that permeate an activity of sugar babies to re-signify a sex activity? For this, a relationship with a local activity is conceived, such as legitimate and illegitimate relationships, placing a discursive estimate of the categories of gender identities from babies with sugar. When relating illegitimate activities, exhibiting a marginalized activity of prostitution, equally precarious and work wrapped in generated bodies. Finally, for analysis, use Fairclough's (2001) critical analysis proposal, which addresses three levels: text, discursive practices and social practices, based on the power relations present in the constitution of individuals and in social relations. As contributions of this work, as a theoretical contribution, it is possible to understand sex activity in addition to legal issues that fluctuate between the legitimate and the illegitimate. It contributes to explain some of the various discursive possibilities that perpetuate asymmetric power relations. As well, a reproduction of the normative logic by the same heterosexual matrix, which is a legitimate conservative relationship that locates the performance of man as a provider.

Keywords: Sugar Baby; Relationship sugar, Power, Gender, world sugar

RESUMO DE FIGURAS

FIGURA 1 - SÍNTESE DE TRATAMENTO DE DADOS.....	70
FIGURA 2 - SITE MEU PATROCÍNIO - O QUE É SER SUGAR	77
FIGURA 3 – SITE MEU PATROCÍNIO – O QUE É SER SUGAR.....	78

RESUMO DE TABELAS

TABELA 1: SÍNTESE DE DOCUMENTOS PRODUZIDOS NO SITE MEU PATROCÍNIO	71
TABELA 2 SÍNTESE DOCUMENTAL NO LIVRO	72
TABELA 3 - SÍNTESE DOCUMENTAL PRODUZIDA NO FACEBOOK.....	72

SUMÁRIO

PRÓLOGO	15
1.INTRODUÇÃO: “(DES)CONSTRÓI! AMÉLIA”	19
2. MULHER DE VERDADE: “SENTA DIREITO; FECHE AS PERNAS; NÃO FALE NOME FEIO; ALICERCE DA FAMÍLIA; MULHER PARA CASAR FAZ ASSIM”	26
2.1 PODER: O MOVIMENTO DAS AMARRAS DE GÊNERO	27
2.2 GÊNERO: AFASTA DE MIM ESSE CALE-SE	35
2.3 FEMINISMO PARA QUEM?	44
3. “NUNCA UMA ESPELUNCA?” UM BREVE CONTEXTO DO DESLOCAMENTO DAS MULHERES ENTRE OS ESPAÇOS PÚBLICOS E PRIVADOS	50
3.1 SE É VENAL, NÃO TEM ESTIMA? PÁGINA VIRADA, DESCARTADA DO FOLHETIM.	51
3.2 ORGANIZAÇÕES SEXUALIZADAS: UM CORPO, UM SIGNO, MARIA?.....	57
4. (DES)CAMINHO METODOLÓGICO: CAMINHANDO E REFLETINDO	61
4.1 O CAMINHAR E REFLETIR DO MÉTODO	61
4.1.1. PRÁTICAS TEXTUAIS	64
4.1.2. PRÁTICAS DISCURSIVAS.....	65
4.1.3 PRÁTICAS SOCIAIS.....	66
4.2 <i>PRODUÇÃO DE DADOS</i>	67
4.3 <i>TRATAMENTO DE DADOS</i>	70
5. ANÁLISES DAS ATIVIDADES SUGAR	73
5.1 QUEM “CONŞEGUE” UM HOMEM RICO: <i>SUGAR BABIES</i> “ADOCICADAS”	74
5.2 “DOCE DOCE, A VIDA É UM DOCE, VIDA É MEL”	81
5.3 <i>SUGAR BABY</i> E A ATIVIDADE DO MUNDO <i>SUGAR</i>	88
5.4. RESISTÊNCIA: O DIA A DIA DO MOVIMENTO DE SUBVERSÃO DA ATIVIDADE SUGAR	95
5.5 CARDÁPIO: A OFERTA DISCURSIVA DA ATIVIDADE <i>SUGAR</i>	98
6. CONCLUSÃO: TEMPO, TEMPO, POR SERES TÃO (IM)PRECISO	102
REFERÊNCIAS	106

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	114
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	118

PRÓLOGO

“Intuições: são suas ancestrais soprando nos seus ouvidos segredos de sobrevivência¹” (Ryane Leão)

Angélica Brígida. Conceição Aparecida. Angélica de Paula. Caroline. Louise. Gilcelia. Jandira. Natiele. Laíz. Lorena. Nicole. Brenda. Ayla. Aalyah. Cataleya. Giovana. Isadora. Alana. Maria Auxiliadora. Maria Aparecida. Maria de Lourdes. Amanda. Jéssica. Kênia. Vanessa. Rafaela. Fernanda. Franciele. Núbia. Eu não poderia começar nada, sem dizer os nomes das mulheres que estão interligadas à minha vida por laços de sangue. Mulheres de lutas cotidianas, de múltiplas vivências, experiências e grandiosidade. Algumas já se foram, porém, deixaram alguns “causos”. Da minha avó Angélica Brígida, fico com o sopro de intuição que ela sempre ouvia [ela me contou] e a tirou de algumas situações indesejadas. Por exemplo, um casamento arranjado com um fazendeiro rico, o qual minha bisa não só arranjou, como também era amante [segredos da família tradicional mineira, ops!]. Já da minha avó Conceição Aparecida, eu fico com a ausência [não a conheci]. Sua vida foi breve. Para além da saudade de uma possibilidade, fico com a semelhança física e a coragem. Seu “causo” foi a fuga para casar com meu avô, ele era negro. Das muitas “estórias” e das muitas mulheres, escolho essas, para demonstrar que somos mulheres de resistência, de subversão, contra normas e de múltiplas existências.

Simone de Beauvoir² (1970) começa seu livro com a frase “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Entre as minhas inúmeras reflexões pessoais e, posteriormente, acadêmicas, eu me perguntava em qual momento da vida eu me tornei feminista. Existiu um momento anterior à Carol feminista? E foi em Michael Foucault e Judith Butler que encontrei nome para o que eu, desde que me lembro por gente, sentia. Foram os discursos, por meio das relações de poder, os quais perpassaram e me constituíram enquanto sujeita feminista [deixo os conceitos para os tópicos que constroem esse trabalho]. Nesse momento, trago reflexões no sentido de que não precisamos de classificações e rótulos para sermos corpos políticos, para movimentarmos amarras sociais, subvertermos regras que

¹ Livro “Não peço desculpas por me derramar” autora Ryane Leão

² Livro “O segundo Sexo” autora Simone Beauvoir

não nos cabe, questionarmos normas, as quais não foram feitas por nós e, sim, para nos conter. No entanto, é um tanto quanto libertador, quando temos conhecimento, não falo aqui só o da academia, e torna-se possível deixar para trás a culpa de não nos encaixarmos em uma sociedade opressora para com corpos femininos.

Djamila Ribeiro, um ícone contemporâneo, aborda o lugar de fala³ muito sabiamente. E então, para contextualizar, quem sou eu? De qual lugar eu parto para dizer o que pretendo? Parto de um corpo de mulher, que sempre esteve em movimento e conseguiu sentir as amarras das opressões. Eu não me conformava com o fato de as regras serem diferentes para mim frente ao meu irmão mais novo. Por isso questionava, subvertia, fazia escondido, até receber o nome de revoltada da família por alguns, corajosa por outros e outros. O meu incômodo sobre as relações desiguais entre homens e mulheres pareciam ser só meus, eu não sabia nomeá-lo. Agora eu sei, tem nome, é estrutural: o machismo, o sexismo e a misoginia violentam física e psicologicamente, em especial, corpos femininos. Igualmente negam espaços, sexualizam corpos, produzem desigualdades salariais, produzem comportamentos “esperados”, discriminam e matam. De acordo com a ONU⁴, o Brasil possui a quinta maior taxa de feminicídio do mundo. Precisamos falar de gênero, precisamos falar e fazer política para todxs. A busca por equidade propiciada pelo feminismo, plural, múltiplo e em constante transformação, acredito eu, pode salvar muitas vidas. Além das questões de gênero, me descobri negra. Exato, eu não sabia, eu negava, eu justificava, eu me “embranquecia”, e como não sou branca, eu era apagada pelo sistema, por outras pessoas, a ponto de quase acreditar nessa nulidade. O racismo é perverso com os corpos negros. “*A carne negra é a carne mais barata do mercado*”⁵, subjugada, diminuída e massacrada. O racismo também mata e precisa ser posto em pauta. A oportunidade de ser um corpo político na academia não poderia ter sido mais libertadora. Ao vislumbrar a oportunidade de trabalhar e pesquisar com identidades como marcadores de diferença foi como se todas as (re) significações da minha vida tivessem me levado até aqui. Esse é o meu lugar!

³ Livro “O que é lugar de fala” da coleção Feminismos Plurais autora Djamila Ribeiro.

⁴ Pode ser acessado na página <<https://nacoesunidas.org/>>

⁵ Trecho da Música “A carne” cantada por Elza Soares.

Todo corpo está situado na sociedade, na cultura e na história. Por isso, além das mulheres, as quais citei no primeiro parágrafo, deixo, também, meu registro e homenagem às mulheres torturadas, desaparecidas e mortas na resistência à ditadura militar brasileira⁶, que teve início em 31 de março de 1964. DITADURA NUNCA MAIS! Com dor no coração e pensando que possam existir muito mais do que a história deu conta de registrar, são elas: Labibe. Catarina. Alceri. Marilena. Heleny. Iara. Nilda. Gastone. Ísis. Miriam. Lígia. Maria Regina. Ana Maria. Esmeraldina. Aurora. Lourdes Maria. Soledad. Pauline. Anatália. Maria Augusta. Ranúzia. Sônia Maria. Angel. Maria Lúcia. Helenira. Lúcia Maria. Jana. Maria Célia. Dinaelza. Luiza. Áurea Eliza. Dinalva. Suely. Telma. Walquíria. Ieda. Ana Rosa. Jane. Neide. Zuleika. Maria Auxiliadora. Therezinha. Mônica. Lilian. Lyda. Solange. Rose. Izabel. Maria Diva. Dulce. Maria Luiza. Dulce. Hecilda. Marise. Lilian. Yara. Maria do Socorro. Inês. Ignez Maria. Lenira. Damaris. Jessie Jane. Dilea. Elza. Áurea. Eleonora. Cecília. Lucia. Maria Amélia. Lylia. Rioko. Darcy. Gilse. Não podemos esquecer-las, nenhuma delas, nenhuma de nós.

O contexto político brasileiro me lembra uma frase de Beauvoir: *“Nunca se esqueça que basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. Esses direitos não são permanentes. Você terá que manter-se vigilante durante toda a sua vida”*⁷. Para essa vigilância, não estou sozinha, somos muitas e estamos juntas. Um dia eu sonhei em ser escritora, falar do coração, falar das dores e dos amores, dizer sobre a vida. Que coisa! Eu pensei ter perdido essa menina sonhadora, eu pensei que a vida tinha me levado para outros caminhos, tolinha. Mal sabia eu que a vida permitiria o meu sonho e muito mais, gratidão!

*“Escuto umas canções e cada uma delas
desperta uma mulher diferente dentro de mim.
Sou muitas em uma e todas elas juntas podem derrubar:
guerras, presidente, cidades, supremacias, regras, imposições”*⁸
Ryane Leão

⁶ Livro “Luta, substantivo feminino: Mulheres torturadas, desaparecidas e mortas na resistência à ditadura militar. Coleção Direito à memória e à Verdade.

⁷ Citação do Livro O Segundo Sexo de Simone de Beauvoir, p.191.

⁸ Livro “Tudo Nela Brilha e Queima” autora Ryane Leão

Marielle⁹, presente! Marielle, semente!!

⁹ Marielle Francisco da Silva, conhecida como Marielle Franco, foi uma socióloga, política, feminista e defensora dos direitos humanos no Brasil. Filiada ao Partido Socialismo e Liberdade, elegeu-se vereadora do Rio de Janeiro para a Legislatura 2017-2020. Assassinada, a tiros, no dia 14 de março 2018. O mandante do crime segue desconhecido. “Quem mandou matar Marielle?”

Marielle teve seu mestrado concluído na Universidade Federal Fluminense, no curso de Administração. <http://lattes.cnpq.br/9314795985644167>

1.INTRODUÇÃO: “(DES)CONSTRÓI! AMÉLIA”¹⁰

Esta pesquisa traz a proposta de articular enunciados e vivências experimentadas por *Sugar Babies* cadastradas no *site* de relacionamento: Meu Patrocínio. Tais vivências são experienciadas a partir de relacionamentos afetivos financeiros entre *Sugar Babies* e *Sugar Daddies*, os quais têm como ponto de encontro o *site* Meu Patrocínio. O *site* em questão é localizado na plataforma *online* www.meupatrocínio.com, na qual homens e mulheres podem fazer seus cadastros em busca de um relacionamento que envolva trocas, tanto financeiras quanto afetivas, sendo justificadas e baseadas na honestidade e clareza dos acordos (MEU PATROCÍNIO, 2019).

Os enunciados e vivências questionados nessa dissertação vão ao encontro da similaridade da relação *sugar* com a atividade venal do sexo (RAGO, 2005) e, também, a despeito dos relacionamentos tidos na sociedade como normais. Para tal, englobam a relevância da categoria discursiva das identidades de gênero, a sociedade organizada pela heteronormatividade e suas possíveis performances (BUTLER, 1990; SOUZA, 2017). Por fim, engendra os saberes da gestão do cotidiano das mulheres em relação ao estilo de vida *Sugar* (CARRIERI, 2014).

O *corpus* que compõe o presente estudo está situado na ligação entre a relação conflituosa da prostituição no Brasil e as relações de gênero que perpassam a categoria discursiva *Sugar Babe*. Diversos são os estudos que discutem a prostituição, relacionando-a ao universo do trabalho (ANDRADE; SILVA, 2016; JEFFREYS, 2005; MATTOS, 2009; PARREÑAS; HWANG; LEE, 2016; SILVA, ; CAPPELLE, 2017). Trabalho esse que se configura na esfera do marginal, invisível, do não dito e dos estereótipos construídos em torno da atividade de venda do sexo. Essa relação envolve de um lado, sexo, companhia, erotização do corpo, dentre outros aspectos da sexualização do corpo e, por outro lado, trata da troca monetária, ainda que não legalizada, porém não proibida no contexto brasileiro. Nesse sentido, se faz necessário aprofundar nas discussões relacionadas à prostituição e ao conceito da atividade do sexo enquanto atividade marginal presente na gestão ordinária do cotidiano (AGUIAR; CARRIERI, 2016; CARRIERI, 2014) às relações de troca afetivas e monetárias.

¹⁰ Alusão à música “Desconstruindo Amélia” da cantora Pitty.

No Brasil, a partir do ano de 2002, o Ministério do Trabalho reconheceu, por meio da Classificação Brasileira de Ocupações, o profissional do sexo, definido como: “garota de programa, garoto de programa, meretriz, messalina, michê, mulher da vida, prostituta, trabalhador do sexo” (MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO, 2002). No entanto, não existe aprovado um projeto de lei que regule a atividade da prostituição, apesar do projeto de lei Gabriela Leite, em trâmite na Câmara dos Deputados com o intuito de regulamentar a atividade dos profissionais do sexo no Brasil (LENZ, 2014). Trata-se de projeto apresentado à Câmara dos Deputados por meio da Lei 4.211/2012, de autoria do Deputado Federal Jean Wyllys, do PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) do Rio de Janeiro. Anterior a este projeto tramitou, no contexto brasileiro entre 1998 e 2003, o Projeto de Lei 98/2003 o qual dispunha sobre a exigibilidade de pagamento por serviço de natureza sexual, encaminhado pelo Deputado Federal Fernando Gabeira do PT (Partido dos Trabalhadores) e arquivado em 2011 (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2003).

Os saberes são culturais, sociais e históricos, nesse sentido, Foucault (1999) conceitua as relações de poder-saber como mecanismos discursivos de disciplina, uma forma de governo de si e governo dos outros. Louro *et al.* (2000) afirma que, próximo do ano 1100, os padrões culturais foram modificados em relação às práticas generificadas. Entre os exemplos tem-se o casamento tardio entre homens e mulheres [para os padrões da época], o início de relações monogâmicas e as proibições de relações fora do padrão heterossexual (LOURO *et al.*, 2000). A prostituição participou, nessa nova configuração, com o status de atividade pecaminosa, pois não era procriativa, além de estar na esfera das relações fora do casamento, consideradas proibidas (LOURO *et al.*, 2000). No entanto, a percepção do que é legítimo cria a falsa relação dicotômica entre o que é proibido e liberado, criando a ilusão que o proibido não existe. Porém, para Foucault (1999), as práticas sexuais passaram a ser, nesse contexto, dispositivos de poder-saber e a prostituição passou a coexistir com as relações socialmente aceitas, como o matrimônio. Nesse contexto, a relação *sugar* permeia tanto o campo das relações amorosas, que buscam um status legitimado para as relações autorizadas, quanto transita pelo submundo da relação venal entre os corpos.

Essa relação de troca é analisada a partir do site, o qual propõe possíveis encontros entre a *Sugar Babies* e os *Sugar Daddies*, os quais buscam relacionamentos significados como de interesses mútuos. Os encontros e as trocas são acordados entre as partes, incluindo presentes, viagens, dinheiro, dentre outros possíveis mimos em troca de companhia, sexo, relacionamento casual, namoros e possíveis casamentos (MEU PATROCÍNIO, 2019). O site Meu Patrocínio é uma empresa operante no Brasil desde 2015, o qual estimula e aceita cadastros com o propósito de oferecer relacionamentos afetivos. Sua CEO, Jennifer Lobo¹¹, é também uma das autoras do livro indicado pelo site para leitura: “Como Con\$eguir Um Homem Rico – Dicas Para Encontrar Amor e Dinheiro”. Tal produção linguística exposta, no site e livro, procura idealizar o estilo de vida *sugar* em contraponto com o que seria a estereotipada prostituição.

As trocas relacionadas no site são enredadas com o intuito de vender um estilo de vida, “um relacionamento normal... com um toque de doçura” (MEU PATROCÍNIO, 2019, n.p.), configurado como o mundo *sugar*. Tal concepção coloca, de um lado, pessoas que possuem possibilidade de mimar os/as *Sugar Babies*, sendo eles os *Sugar Daddies* ou as *Sugar Mommys*. Assim, são representantes da parte da relação de troca que despendem dinheiro em troca de companhia, sexo, conversas e o que mais fizer parte do acordo com os/as *Babies*. O site Meu Patrocínio articula a possibilidade de ser *Sugar Babie* em duas plataformas digitais, separadas por categorias que abordam a orientação sexual, sendo elas o Meu Patrocínio versão hétero e Meu Patrocínio versão *Gay* (MEU PATROCÍNIO, 2019). No recorte dessa dissertação, se analisará a plataforma e as relações que se configuram na versão hétero, com foco nas *Sugar Babies*.

Para tal, será abordado as mulheres e sua relação com a prostituição, a venda do corpo e estereótipos socialmente construídos em torno da atividade venal. É importante entender que é sabido que a objetificação do corpo não acontece apenas com as mulheres, pois, atinge também: homens, travestis, não gênero, dentre outras possibilidades de performance. Nesse sentido, transcende uma única identificação de gênero. Isto posto, intenta-se articular as relações de poder-saber de Foucault, configuradas como dispositivos de poder, que

¹¹ Nome exposto como a responsável pelo site www.meupatrocinio.com.br

permeiam a atividade do sexo e seus saberes (FOUCAULT, 1999). Síncrona com os conceitos de Foucault, as identidades de gênero são analisadas pela teoria *queer* de Judith Butler (1990), a qual permite a fluidez em questões de gênero.

Dado que há distintas formas de se perceber as identidades de gênero, por se tratar de múltiplas identidades constituídas de forma instáveis, fluídas e contextualizada historicamente, socialmente e culturalmente (SOUZA; BREWIS; RUMENS, 2016), não se pretende criar uma categoria unitária e fixa do que é ser uma *Sugar Baby*. No entanto, serão analisados os discursos empreendidos no site, nas entrevistas feitas com as *babies*, e em outros meios de comunicação, como o livro “Como conseguir um homem rico”, dentre outras manifestações, as quais apresentam a categoria discursiva *Sugar Baby*. O ser *Sugar Baby* é, então, apresentado por meio de enunciados, tais como: “Mulheres jovens, bonitas e ambiciosas, de muito bom gosto, que apreciam honestidade e transparência (MEU PATROCÍNIO, 2019, n.p.)” e “Você se preocupa com a aparência, gosta de se cuidar e sabe o preço da beleza” (MEU PATROCÍNIO, 2019, n.p.), dentre outras práticas discursivas que serão demonstradas, ao longo da dissertação.

A prostituição como atividade sexual permeia diversas esferas de discussão acadêmica, política, social e histórica, configurando debates dissonantes nas diversas perspectivas feministas (CALÁS; SMIRCICH, 1999). Configurada discursivamente como a profissão mais antiga do mundo, é polêmica, diversificada e passa por muitos conflitos (PARREÑAS; HWANG; LEE, 2016). Em meio a esses conflitos, este trabalho busca compreender os discursos representados pelo universo velado da prostituição (SILVA; CAPPELLE; NAVES, 2016), como também a visão normativa, a qual abarca relacionamentos socialmente aceitos. Tido que as prostitutas são, então, reconhecidas como transgressoras da moral da sociedade (RAGO, 1990), a *sugar baby* transita pelos discursos legítimos e ilegítimos conferindo uma fluidez no espaço temporal contemporâneo.

Diante do exposto, este trabalho é relevante, pois contribui para o campo dos Estudos Organizacionais, por meio de sua inserção numa lógica de discussão a respeito de atividades contextualizadas, no que se pode chamar de vida social organizada. Tal perspectiva abarca este campo de estudos que considera outras dimensões organizativas da vida social, para além das

organizações tradicionais (CARRIERI, 2014; CARRIERI; SOUZA; AGUIAR, 2014; NASCIMENTO *et al.*, 2015). Além disso, tem-se a possibilidade de estudo das dinâmicas intrínsecas a esta atividade, a partir de um referencial que aborda identidades de gênero, por meio das relações de poder e saber, nos jogos de verdade (PHILLIPS; KNOWLES, 2012).

Tal abordagem proporciona a discussão da possível mercantilização da mulher empreendida, neste estudo, a partir de uma organização que se constitui como um negócio do setor de serviços. Os objetivos desta pesquisa exigem a inserção deste estudo no Paradigma Pós-Estruturalista, pois permite a discussão de aspectos transdisciplinares. Nesse contexto, o sujeito não existe *à priori*, e sim, se constitui, a partir das relações de poder (FOUCAULT, 2008). Dessa forma, o sujeito não está subjugado ao que é considerado natural e cristalizado e, nesse escopo, são questionadas as práticas e estratégias de normalização (PETERS, 2000). Visto que toda relação de poder é também uma relação de resistência, é importante salientar a possibilidade de ruptura, de quebra de normas e a constituição de novos discursos (FOUCAULT, 1992).

Diante dos embates discursivos em torno da atividade do sexo das mulheres, uma vez que há distintas maneiras de se perceber a atividade feminina do sexo, esta dissertação buscou responder à seguinte questão de pesquisa: **Como os discursos que perpassam a atividade das *Sugar Babies* são capazes de ressignificar a atividade venal do sexo?**

Tem-se como inferência pressuposta, nesse sentido, que o afastamento discursivo da atividade da prostituição envolve a mobilização das diferentes categorias de gênero, evidenciando diferentes formas de experienciar a atividade do sexo, de acordo com os interesses da mercantilização explícita do relacionamento significado como afetivo, a partir do site Meu Patrocínio, exposto ali como negócio que idealiza como clientes homens de alto poder aquisitivo. O pressuposto é o de que os afastamentos do estigma da prostituição sejam, pois, intencionalmente estratégicos, o que reforça a importância da análise das especificidades da atividade.

Desta forma, nesta pesquisa, o objetivo geral é **compreender como os discursos que perpassam a atividade das *Sugar Babies* podem ressignificar a atividade venal do sexo**. Tal objetivo se desdobra nos seguintes objetivos específicos:

- 1) Analisar os sentidos sociais e temporais sobre o que é ser *sugar*.
- 2) Analisar o contexto social, no qual se movimentam as vulnerabilidades das *babies*, intrínsecas nas relações de poder;
- 3) Compreender, por meio das relações de saber- poder, a atuação do contexto do relacionamento *sugar*, enquanto atividade do sexo e a forma de reprodução da matriz heterossexual de gênero;
- 4) Identificar as possíveis formas de resistência em relação às normas hegemônicas de gênero, as quais as *Sugars* acabam desenvolvendo em sua atividade.

Os pontos de partida para essas análises estão envoltos nas relações de poder-saber (FOUCAULT, 1992) relacionadas ao dispositivo de gênero (BUTLER, 1990). De forma que o caráter social, histórico e cultural situa a categoria mulheres no sentido de normalizar e tornar inteligível o que é “ser” mulher. Para tal, normas são cristalizadas para produzir espaços, roupas, relacionamentos, lugares, criando, assim, uma falsa noção sobre a categoria mulher. Como se, nesse sentido, existisse um senso de uma mulher verdadeira em detrimento de todas as outras, quando, na verdade, as relações sociais generificadas são produzidas nas e pelas relações de poder.

Isso posto, temos as relações sociais que classificam, caracterizam, localizam a mulher na sociedade e criam inverdades dicotômicas entre homens e mulheres, a partir de uma ditadura de comportamentos, possibilidades, e, porque não, proibições. Tais relações são analisadas, nesse trabalho, pelo dispositivo de poder foucaultiano, seguidas por Butler (1990), os quais partem da perspectiva das relações de poder que constituem e generificam os corpos. Destaca-se, também, o feminismo e suas lutas políticas ligadas às questões de gênero, durante um contexto sócio histórico, e à continuidade dessas relações de poder que buscam significar a existência fluida de gêneros. Segue-se com o resgate histórico da relação da mulher com a sociedade, na esfera pública e dos fatores os quais as circunscreveram na sociedade. Importante ressaltar que no contexto brasileiro as mulheres brancas e negras não foram constituídas da mesma maneira na esfera pública e privada. As mulheres brancas, lutaram por direitos de serem reconhecidas como cidadãs de direito e com isso se respaldaram no feminismo. Enquanto isso, mulheres negras não eram reconhecidas como cidadãs, foram animalizadas, violadas e não eram tinham o

status de cidadãos, mesmo que sem direitos sociais (GONZALEZ, 1993; VIANA, 2010). Para tal, conceitua-se a relação com a atividade venal, com as relações legítimas e ilegítimas, situando a aproximação discursiva da categoria mulher com as sujeitas de pesquisa: as *sugar babies*. Ao relacionar atividades ilegítimas, destaca-se a atividade marginalizada da prostituição, igualmente a precarização e trabalhos envoltos com corpos generificados. Finalmente, para análise, utiliza-se a proposta da análise crítica de Fairclough (2001), a qual abarca três dimensões: texto, prática discursiva e prática social, embasadas nas relações de poder presentes na constituição dos sujeitos e nas relações sociais.

2. MULHER DE VERDADE: “SENTA DIREITO; FECHE AS PERNAS; NÃO FALE NOME FEIO; ALICERCE DA FAMÍLIA; MULHER PARA CASAR FAZ ASSIM”¹²

Nesta seção, apresenta-se o conceito de poder, para se pensar a categoria gênero, entendida, nesta dissertação, a partir de uma perspectiva foucaultiana, a qual é concebida como uma analítica e não apenas uma teoria (RAFFNSØE; MENNICKEN; MILLER, 2019; SOUZA, 2014). Ao pensar a categoria discursiva mulheres, pode-se resgatar algumas falas sobre o que é “ser” mulher em determinado contexto sócio-histórico, como os exemplos, “Mulher: Senta direito; feche as pernas; alicerce da família; mulher para casar faz assim”.

Igualmente pode-se pensar em músicas populares, como a música “Ai que saudades da Amélia” a qual constrói uma ideia de mulher de verdade em detrimento de outras mulheres, de acordo com um comportamento esperado (ALVES; LAGO, 1940). Na continuidade do título da introdução busca-se desconstruir a Amélia, tida, nesse trabalho, como as múltiplas possibilidades de performar mulher, pois, tais categorias são, na prática, uma constituição dessas sujeitas na e pelas relações de poder (BUTLER, 2019).

Essa dissertação apresenta alguns caminhos para pensar dispositivos de gênero e suas evoluções. Dentro do campo de Estudos Organizacionais, assume o poder de modo difuso, reforçando seu caráter multiforme e não centrado. Butler (1990) apresenta a continuidade das relações de poder que constituem corpos e os materializam gênero. Destarte, compreende-se as possibilidades do organizar intrínseco na sociedade por isso, é necessário lembrar que o Brasil as relações generificadas são igualmente racializadas (SILVEIRA; NARDI; SPINDLER, 2014). Um organizar heteronormativo, importante no campo, pois, constitui e produz hierarquias, organizações, disparidades e normalidades. Assim, essa dissertação coaduna com o pós-estruturalismo, ao problematizar e permitir um desconstruir de dentro do organizar.

¹² Alusão à música “Ai que saudades da Amélia” de Ataulfo Alves e Mário Lago.

A abordagem desse estudo relaciona o negócio empreendido no site Meu Patrocínio, a partir das relações das *Sugar Babies* com os *Sugar Daddies*, intenta compreender o poder, a partir das interpelações e relações que perpassam o chamado universo *sugar*. Compreendê-lo é perceber quais relações o constituem, quais forças e condições são articuladas, discursivamente, e mantém as relações de *Babies e Daddies* como relacionamento de troca. Os subtópicos seguintes abarcam os constructos, os quais embasam o trabalho proposto.

2.1 Poder: o movimento das amarras de gênero¹³

Para falar de poder e o efeito na constituição do sujeito, faz-se necessário compreender que o sujeito contextualizado no pós-estruturalismo se afasta dos ideais de um sujeito essencial construído no iluminismo (SOUZA *et al.*, 2006). O sujeito e objeto se constroem na interpelação, na processualidade e interação nas e pelas relações de poder (CAVALCANTI; ALCADIPANI, 2011). O poder, por sua vez, não é palpável, não é uma instituição, não é o estado, não pode ser tomado, não é hierárquico. Nessa perspectiva, o poder não existe *a priori* (FOUCAULT, 1992). O poder perpassa as relações, é microfísico e relacional, pois depende de interpelações e interações dos sujeitos. Ninguém o possui e não existe uma origem, uma fonte ou ponto estrutural para reconhecê-lo (FOUCAULT, 1992; SOUZA *et al.*, 2006). Para compreendê-lo é importante distinguir diferentes concepções que abordam as relações de poder:

[...] fundamenta em duas concepções distintas com relação à dinâmica das relações de poder: uma que as compreende a partir da visão do poder como algo que opera pela repressão, e outra que o concebe como mecanismos sociais disciplinadores. Na perspectiva do poder opressor, os sujeitos lutam contra o poder por liberdade, enquanto na do poder disciplinar [foco do trabalho], a luta é por desconstruir as normas e as convenções culturais que nos constituem como sujeitos (MISKOLCI, 2012, p.27).

Diante de tal afirmação, têm-se que o poder não é repressivo, nem tão pouco negativo. Na perspectiva de Foucault (1992), o poder é positivo e constitui os sujeitos por meio de interações. O poder não está em algum lugar e pode ser tomado. É por meio das interações e relações entre os sujeitos que o poder é

¹³ Frase parafraseada, original foi dita por Rosa Luxemburgo “Quem não se movimenta, não sente as correntes que os prendem”.

exercido. Por fim, o poder não é central e nem periférico, dessa forma, se constitui, perpassando todas as esferas relacionais de forma capilar (SOUZA *et al.*, 2006). Nesse sentido, o poder atua na produção de subjetividades e identidades do sujeito, de acordo com sua temporalidade, espaços sociais simbólicos, interações situadas, pertencimentos e exclusões sociais (AGUIAR; CARRIERI, 2016). Para tal, quando se considera a genealogia foucaultiana, “o que existe são processos de subjetivação que moldam, desmoldam, enfim, dobram o homem a todo tempo, e constroem sua subjetividade (SOUZA *et al.*, 2006, p. 5).”

As mulheres, enquanto sujeitas produzidas nas e pelas relações de poder, são moldadas e subjetivadas por dispositivos de poder constituídos na história (AGUIAR; CARRIERI, 2016). Os dispositivos de poder, ordenam, classificam, situam e regulam arranjos sócio históricos, determinam saberes e produzem identidades (LOURO, 2003). Didaticamente, ao tratar dos dispositivos de poder nesse trabalho, o qual versa sobre as identidades de gênero, se considera uma tentativa de regulação dos corpos, de modo que, por meio de sistemas heterogêneos, opera como uma rede, a qual une as instituições, o Estado, enunciados, o dito, o não dito, e produzem corpos num determinado poder-saber histórico (FOUCAULT, 1999).

Desse modo, assume-se, enquanto identidade de gênero, um não modelo fixo ou “estável”, no qual diferentes ações acontecem, nem seu lugar de agência; mas uma identidade tenuamente constituída no tempo – identidade instituída por meio de uma repetição estilizada de certos atos (BUTLER, 2019, p. 213).” Tais repetições são possíveis por meio do dispositivo de poder, o qual opera um conjunto de princípios e comportamentos que buscam regular a vida da população (FOUCAULT, 1999).

Os dispositivos de poder, então, possibilitam engrenagens de organizações sociais e temporais, de modo que possuem curvas de visibilidade e enunciabilidade. Isso porque, o que é dito recorrentemente é importante, porém, o que se não diz e busca esconder, também o é (DELEUZE, 1996; FOUCAULT, 1992, 1999). Os jogos de verdade são produzidos de forma orgânica, por meio de linhas de força, consideradas, também, linhas de fuga e em constante movimento e produzem linhas de subjetivação (DELEUZE, 1996).

Assim, as identidades nunca estão completas, estão sempre em negociação e podem ser subvertidas (BUTLER, 2019).

Dessa maneira, o processo identitário é produzido, enquanto enunciado social, por maneiras de agir e pensar legitimadoras do mecanismo da inteligibilidade dos sujeitos (AGUIAR; CARRIERI, 2016; CAVALCANTI; ALCADIPANI, 2011; FOUCAULT, 1992). Tais relações entre os sujeitos não possuem medidas iguais e, sim, características móveis, de modo que produzem desigualdades sociais. Assim, o poder se articula no movimento, e se faz presente em contextos de saberes que envolvem economia, sexo, medicina, religiões, dentre outros saberes, ao produzir corpos, desigualdades e espaços (ALCADIPANI; ALMEIDA, 2000; FOUCAULT, 1999).

A identidade é ordenada por práticas discursivas e configurada como objeto e também sujeito de múltiplos discursos (AGUIAR; CARRIERI, 2016; CAMARGO; LEÃO, 2015; RAFFNSØE; MENNICKEN; MILLER, 2019). Tais práticas discursivas permanecem em constante movimento, o que implica na identidade constituída sobre o que é “ser” mulher. Nesse sentido, identidades não são imutáveis, ao contrário, fazem parte de um processo, no qual são (re) ajustadas, (re) construídas e (re) negociadas em todo tempo (SOUZA; CARRIERI, 2012). Corroborar-se com Butler (2019), em relação à processualidade da constituição da identidade de um gênero ideal e essencial ser apenas uma ilusão. Assim, a identidade é forjada e performada pelos atores sociais, por meio do discurso, em determinado modelo de crenças.

O discurso, enquanto dispositivo, “organiza não apenas objetos, mas também conceitos, agrupamentos de objetos, temas, teorias e a própria identidade do enunciador” (SOUZA; CARRIERI, 2012, p. 47). Dessa forma, os sujeitos discursivos fazem parte do processo de produção, afetam e são afetados nas e pelas relações de poder, são produtos e produzem suas identidades. Destarte, o sujeito não se encontra fadado, preso, às relações de poder que o constituem, sem qualquer vontade e possibilidade de mudança. Para tal, existe a possibilidade de quebra, de ruptura, de resistência, de um novo pensamento, um devir (CAVALCANTI; ALCADIPANI, 2011; FOUCAULT, 1992, 1999).

Isso posto, a categoria discursiva gênero é passível de rupturas e renegociações e, mais do que isso, é fluída, permanece em aberto e não se pretende fechá-la e colocar um ponto final (SOUZA; BREWIS; RUMENS, 2016).

De tal forma que a resistência, na perspectiva foucaultiana, é coexistente com o poder, um só existe se existir o outro: “para resistir, é preciso que a resistência seja como o poder. Tão inventiva, tão móvel, tão produtiva, quanto ele” (FOUCAULT, 1992, p. 136). Resistência essa que também é capilar, a qual irradia em todas as esferas de relações de poder. Tal qual como o poder a resistência não aprisiona como uma força exclusiva.

Dessa forma, se existe poder, necessariamente, existe resistência (FOUCAULT, 1999) e a relação entre poder e resistência não é contraposta ou antagônica (SOUZA *et al.*, 2006). Tal condição remete à sincronia entre as relações de poder e de resistência, sendo estas multiformes, multifacetadas, plurais, contrárias e radiais. A produção identitária e subjetivada do sujeito, em meio a estratégias de poder-saber, permitem rupturas, configurando estratégias dos jogos de liberdade, permitindo novas formas inesperadas de existência (CAVALCANTI; ALCADIPANI, 2011; SOUZA *et al.*, 2006). Sendo assim, a resistência e a liberdade de ação do sujeito, configura uma possível ruptura da norma. Tais condições são essenciais para a organização social e a circulação do poder. Destarte, a relação entre poder e liberdade inclui possibilidades de agência e mudança (RAFFNSØE; MENNICKEN; MILLER, 2019).

Dessa forma, articula-se nesse trabalho o conceito de Butler (2016) sobre vulnerabilidade, considerado pela autora um dispositivo analítico central, em acordo com o conceito de poder, no qual os sujeitos são produzidos no e pelos discursos, e afetados sem escolha *a priori* (BUTLER, 2016). Como descrito por Butler (1990), as relações discursivas produzem corpos, leis, espaços, normas, dentre outras materialidades (BUTLER, 1990) e, a partir dessas produções, alguns sujeitos se encontram em posições de vulnerabilidades (BUTLER, 2016). Para Butler (2016, p. 21) “a vulnerabilidade é entendida como uma exposição deliberada ao poder, faz parte do próprio significado da política de resistência [...]” [tradução minha]. O conceito de vulnerabilidade possui, ainda, uma dualidade, a qual se vale de dimensões de resistência psíquicas e políticas. A saber, como primeira dimensão:

A resistência psíquica desejaria que nunca fosse o caso, em que o discurso e o poder fossem impostos para nós de maneiras que jamais escolheremos. Para tanto, seria possível a busca de uma noção de soberania individual contra as forças modeladoras da história em nossas vidas corporificadas [tradução minha] (BUTLER, 2016, p. 24).

Por outro lado, a segunda dimensão aborda o significado político da vulnerabilidade, quando se compreende como parte da resistência política de grupos, características importantes das movimentações extralegais, protestos e assembleias, ações de resistência política presentes na movimentação das vulnerabilidades em comum de grupos (BUTLER, 2016). Assim, para a autora, o poder e resistência são articulados por meio das relações dos sujeitos, como também de grupos, dos quais se valem de vulnerabilidades comuns. Dessa maneira, o movimento e as relações de poder em movimento, produzem tanto poder, quanto resistência nos mais diversos níveis relacionais.

Síncrono, para Foucault (1992), o poder é estratégico e intencional, já, no caso da resistência, ela é fugidia e acontece no escape, na ruptura, no inesperado, para novas formas de existência (FOUCAULT, 1992). Sendo assim, a movimentação de vulnerabilidades, quando não produzida intencionalmente, opera resistências (BUTLER, 2016).

Diante disso, a vulnerabilidade pode ser exposta e oculta, ao mesmo tempo, não é uma disposição subjetiva, ela caracteriza uma relação com um campo de objetos, forças ou paixões que nos tocam de ou afetam de alguma forma [tradução minha] (BUTLER, 2016, p. 25).

Butler (2016) afirma, ainda, que a vulnerabilidade em movimento permite maneiras de resistência e poderes [pois são coexistentes]. Destarte, o movimento, por vezes, permite existir em espaços públicos [quando seu corpo está fora das normas], sobreviver a violências, sobreviver a guerras, ter direito a mobilidade e em alguns casos apenas existir (BUTLER, 2016).

Diante dessas mobilizações de poder e resistência, destacam-se os focos locais de poder e saber, os quais não partem de um conhecimento neutro. Ao engendrar os acontecimentos aos dispositivos de poder, determina-se o pensamento de como em tal época uma dada configuração do saber, designou-se como condição de verdade, por meio da história (CAVALCANTI; ALCADIPANI, 2011). A movimentação desses saberes e poderes estão implicados nos jogos de verdade, os quais intentam cristalizar normas, as quais na realidade são relações fortes de poder, que passam representar efeitos de “verdades absolutas”. “Nessa perspectiva as relações de poder-saber não são formas de repartição, são matrizes de transformações” (FOUCAULT, 1999, p. 94).

O poder é estratégico e o discurso é veículo da estratégia do poder, de modo que estratégias são articuladas nos discursos, processando-se de formas descontínuas. Como dito, o poder é multiforme, multifacetado, não linear e não estável. Isso posto, a multiplicidade do discurso pode ser conectada estrategicamente de maneiras diferentes, de acordo com quem fala, com o contexto institucional e como se desloca, de acordo com os interesses e suas reutilizações (FOUCAULT, 1992, 1999). A estratégia, nesse sentido, admite discursos polivalentes:

É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso poder ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso vincula e produz poder; reforça-o, mas também a mina, expõe, debilita e permite barra-lo. Os discursos são elementos ou blocos táticos no campo das correlações de força; podem existir discursos diferentes e mesmo contraditórios dentro de uma mesma estratégia; podem ao contrário, circular sem mudar de forma entre estratégias opostas (FOUCAULT, 1999, p. 96).

Em *Microfísica do Poder*, Foucault (1992) propõe pensar a história por uma perspectiva não linear, de modo que tal perspectiva forja verdades históricas. Por exemplo, quando se pensa em determinado documento como um registro fiel dos fatos, desconsidera-se todas as relações de poder que permitiram que alguém, em um determinado tempo e espaço, o tornar-se um fato e/ou uma verdade. Foucault (1992) propõe considerar todas as relações de poder, difusas, que tornam a história um acontecimento (SOUZA *et al.*, 2006). Desse modo, o acontecimento é discurso, ação, finito e efetivamente limitado. O enunciado é um acontecimento que nem a língua, nem o sentido, podem esgotar inteiramente (FOUCAULT, 1992). O sujeito não tem condições de dar conta de um acontecimento, assim como não consegue dar conta do seu todo. Toda linguagem desenvolvida não é suficiente para pensar esse acontecimento de fato, de tal forma que recai em uma interpretação, que pode ser interpretada de muitas maneiras e não como uma verdade absoluta.

Diferente do fato que presume a verdade, o acontecimento é historicamente situado e está arquitetado entre saberes e poderes que constituem esse efeito de verdade. O efeito de verdade é a naturalização de um processo, por meio de relações de poder, em que esse processo passa ser entendido e acionado como se sempre fosse assim (FOUCAULT, 1992). É preciso pensar então quais são as relações que permitem, em um recorte

temporal, que determinado efeito de verdade se torne naturalizado a ponto de não ser questionado (FOUCAULT, 1999).

Assim, pensar as relações de poder constituídas no e pelo discurso é: Por que todo mundo fala, mas apenas algumas falas são legitimadas? Quais foram os processos situados, historicamente, que transformaram aquilo em um fato? Quais os discursos que normalizam tal processo?

O discurso não é homogêneo, não faz parte de uma estrutura fixa. Os discursos são múltiplos, multiformes, finitos e localizados historicamente em contextos sociais e culturais (RAFFNSØE; MENNICKEN; MILLER, 2019; SOUZA *et al.*, 2006). O discurso é ação, espaços, lugares, gostos, é o movimento por meio de interpelações experienciadas pelos sujeitos (CAVALCANTI; ALCADIPANI, 2011; FOUCAULT, 1999). O discurso, então, é pensando como forma e não como conteúdo, constituído por saberes e poderes situados (FOUCAULT, 1992; SOUZA *et al.*, 2006). Nesse sentido, os jogos de verdade são relações entre saber e poder constituídos no e pelo discurso, os quais produzem sentidos sociais e temporais sobre o que, nessa dissertação, significa quem é “ser” mulher e *Sugar Babe*.

Para Foucault (1992), as relações de saber e poder são conceitos conectados e sincronicamente interligados. Dessa forma, as relações de poder são constituídas por meio do saber, concomitantemente. Para existir um saber, são necessárias relações de poder, as quais o legitimam (FOUCAULT, 1992). As relações de poder e saber são codependentes e se tornam um dispositivo de poder que operam no sentido de governar, institucionalizar e cristalizar determinadas normas, por meio dos discursos, como um feito de verdade. Tais efeitos são materializados através de documentos, leis, livros, arquitetura, espaços, falas cotidianas, tradições, igreja, patologias, políticas, ciências, dentre outras materialidades (FOUCAULT, 1999).

Em História da Sexualidade I, Foucault (1999) apresenta como o efeito de verdade foi constituído em torno da sexualidade e na generificação dos corpos. Dessa forma, o falseamento do conceito linear e determinístico entre sexo, gênero e sexualidade, apropriado pelas ciências biológicas e mantido como *status quo* de naturalidade, é revelado pelas relações de poder, as quais constituíram tal efeito de verdade (SOUZA; CORVINO; LOPES, 2014). No entanto, nessa dissertação, apesar do conhecimento sobre as múltiplas

identidades que perpassam os sujeitos, como gênero, orientação sexual, raça, classe, etarismo, dentre outras (LOURO *et al.*, 2000) e o caráter interseccional das múltiplas identidades, será discutido o conceito das identidades de gênero.

Nesse sentido Foucault (1999), desvela as possibilidades relacionais do poder que atuaram e atuam discursivamente em torno desse dispositivo de gênero, o qual governa e atribui gêneros inteligíveis aos corpos, ao permitir determinadas formas de existência e condenando outras formas de existência, ocultando-os e marginalizando-os (BUTLER, 1990; FOUCAULT, 1999). Ao pensar a discursividade em torno do saber do sexo, o qual generifica corpos, é necessário identificar quais são os discursos autorizados estrategicamente por meio dos saberes médicos, judiciais e religiosos existentes em determinado período. Porém, não são apenas os saberes legitimados por instituições jurídicas, religiosas ou estatais que fazem parte da estratégia discursiva do poder. Os saberes ocultos e marginalizados, os quais configuram a esfera do não dito, do silenciado e enuviado fazem, igualmente, parte das relações de poder exercida e produzidas nos corpos (FOUCAULT, 1999).

Desse modo, o fato de um saber ser oculto, não retira a existência sobre o saber, como exemplo, o lugar das práticas sexuais da prostituição. Os mecanismos de proibição atuam, situando-as no proibido, de tal forma que é discursivamente oculta e imoral (FOUCAULT, 1999). Logo as proibições, inseridas na marginalidade como, por exemplo, os prazeres da mulher vinculados com a histeria do corpo feminino, a psiquiatria do prazer perverso, ou mesmo a pedagogização do sexo da criança, são um conjunto de tecnologias que ocultam e revelam, no momento “certo”, os saberes (FOUCAULT, 1999). Para tal, ainda que, com caráter repressivo, proibido, subversivo, silenciado, nas sombras e na possibilidade de desaparecer, os saberes estão presentes no dispositivo de poder (FOUCAULT, 1999).

Nesse contexto, o poder, em caráter multiforme, envolto nas relações de saber, opera de forma difusa e multiforme, possui o caráter positivo e não negativo, “circula nas famílias, instituições, grupos restritos e serve de suporte a amplos efeitos e clivagens que atravessam o conjunto do corpo social” (FOUCAULT, 1999, p. 90). Dado que os corpos são constituídos a partir dessas relações de poder, é importante repensar seus significados. Pois, não são, tão evidentes e “coerentes” como uma determinada história, cultura e sociedade

intenta que sejam. Nesse sentido são fragmentados, instáveis e suscetíveis a rupturas, mudanças e fluidez (BUTLER, 1990; LOURO, 2003). De forma que as “identidades [não] são uma decorrência direta das “evidências” dos corpos” (LOURO *et al.*, 2000, p. 8).

Finalizando, esse tópico visa articular, a lente pós-estruturalista, para compreender as relações das *Sugar Babies*, não apenas enquanto relacionamentos de troca mútua, e sim, também, como essas relações se constituem com os *Daddies* por meio do cadastro efetuado no site Meu Patrocínio. Igualmente importante é investigar quais as relações de saber e poder as localizam frente às demais relações sociais que as significam. Ademais, é necessário entender as relações de poder e resistência, as quais perpassam a atividade da *Sugar Baby* e conceber a relação de troca afetiva de tais mulheres na troca por dinheiro de forma direta ou não.

Destarte, é importante discutir o contexto social no qual se movimenta as vulnerabilidades das *babies*, intrínsecas nas relações de poder. Sendo assim, compreender as relações das *babies*, ante a um contexto social situado, corrobora com o conceito de saber poder e articula vulnerabilidades enquanto resistência [tático] e poder [estratégico]. Dessa forma, coaduna com o sentido foucaultiano, no qual as resistências produzem quebra, ruptura de normas, subversão de convenções e com o conceito de poder-saber que produz corpos, leis, espaços e temporalidades. Por conseguinte, é importante compreender os corpos e suas generificações produzidas nesse conjunto de relações de poder e saberes, que dada a sua importância e complexidade, serão tratadas no tópico a seguir.

2.2 Gênero: afasta de mim esse cale-se¹⁴

Mulheres foram historicamente silenciadas, violadas e alocadas na esfera do privado, do mutismo. São múltiplas as vozes que falam, porém poucas são [de fato] escutadas. Para afastar o som do silêncio aborda-se nessa sessão as identidades de gênero. Tal apreensão se faz necessária para articular a categoria discursiva *sugar* em questão nessa dissertação. Dado que o site Meu

¹⁴ Subtítulo parafraseado da música “Cálice” de Chico Buarque, escrita no contexto da ditadura militar no Brasil. Nesse trabalho é uma alusão ao silenciamento das mulheres ao longo da história.

Patrocínio articula a possibilidade de ser *Sugar Baby* em duas plataformas digitais separadas por categorias que abordam a orientação sexual: o Meu Patrocínio versão hétero e Meu Patrocínio versão *Gay* (MEU PATROCÍNIO, 2019). Para tal, a categoria discursiva analisada no recorte desse trabalho empreende as *sugar babies* compreendidas por meio de relações de saberes e poderes, as quais as constituem e as nomeiam como mulheres. Apesar da análise se basear na categoria mulher, a dissertação busca se distanciar e problematizar a lógica binária entre homem e mulher, mantendo a categoria do que é ser *sugar* em aberto, assim como a categoria discursiva mulher. Sendo assim, mais do que responder o que é ser *sugar*, intenta-se questionar quais são as relações de saber e poder que produzem as identidades de gênero.

Partindo da perspectiva pós-estruturalista, gênero é compreendido não como uma simples categoria analítica que categoriza identidades, fixando padrões femininos ou masculinos (BUTLER, 1990; LOURO et al., 2000; SCOTT, 2017). A analítica de gênero empreendida, nessa dissertação, corrobora com a analítica foucaultiana, na qual gênero é uma relação de poder, que constitui corpos, materializa discursos, torna inteligível o que é socialmente construído como aceito e desejável, é um poder que circula e é historicamente enraizado (LOURO et al., 2000). Portanto, é um dispositivo de poder, o qual governa corpos e que, em constante movimento é produzido por relações de poder e resistência. Destarte, gênero é verbo e não substantivo (SOUZA, 2017), tópico emergente nos trabalhos sobre gênero no mundo ocidental, o qual perpassa diversos campos de saberes. Dessa forma, produzem intercâmbio entre a ciência social e ciência social aplicada (CONNELL, 2019; KNIGHTS, 2019; MISKOLCI, 2009; PEREIRA, 2018; RUMENS; DE SOUZA; BREWIS, 2018; SOUZA; BREWIS; RUMENS, 2016).

Por conseguinte, se faz importante entender que ao falar de gênero como verbo, movimento e ação, deve-se considerar a possibilidade de mudança e ruptura como característica preponderante das identidades em questão (LOURO, 2003). Portanto, apesar do trabalho abarcar as categorias sujeitas mulheres [não essenciais], vale lembrar que são múltiplas e finitas. Pois, constituídas pela estratégia do poder enquanto discurso, são finitas ante as possibilidades de representação, porém, sempre com a possibilidade de uma ruptura constituindo uma nova forma de existência (PULLEN et al., 2016a). Os

estudos de gênero iniciaram com categorias dicotômicas entre mulher e homem, masculino e feminino, menino e menina, e ao relacionar o sexo com o corpo na lógica homem masculino e mulher feminina. Esse trabalho, no entanto, se afasta da categoria binária e dicotômica entre os sujeitos tidos como masculino e feminino. Nesse sentido os sujeitos são fluídos e um contém o outro (HEARN, 2019; SCOTT, 2018; SOUZA; CORVINO; LOPES, 2014).

Dessa forma, gênero se configura, para além das características biológicas, e, é necessário entender como socialmente as categorias foram forjadas em uma representatividade do que é ser mulher e ser homem (LOURO, 2003). Igualmente, sobre gênero, é importante considerá-lo como “constructo histórico, social e cultural envolto por relações entre poder e saber” (SOUZA, 2016, p. 23). Percebe-se, nesse sentido, o significado de gênero, por meio de relações de poder, constituídas socialmente, a partir de diferenças percebidas entre os sexos (SCOTT, 2017).

Destaca-se que ao considerar um constructo histórico, social e cultural é necessário diferenciar mulheres negras e mulheres brancas, pois, a história que as constituíram partem de lugares diferentes. Sendo, as mulheres negras foram capturadas e tiveram seu corpo escravizado e excluído da categoria do que é socialmente construído como feminilidade (GONZALES, 1984; HOOKS, 2018b). Em um outro lugar social, as mulheres brancas tiveram seus direitos negados, contudo, eram representadas por seus familiares e maridos e humanizadas (CARDOSO, L., 2010; SCHUCMAN, 2014). Não se pretende criar nesse trabalho lugares dicotômicos para as mulheres negras ou brancas, porém, é necessário destacar que a história supracitada as expusera a diferentes formas de opressões. Se de um lado as mulheres brancas sofreram com o sexismo, machismo e misoginia, as mulheres negras tiveram à essas opressões a soma do racismo tensionado por homens e mulheres brancas (GONZALEZ, 2018; HOOKS, 2018a).

Em relação a identidade de gênero e as diferenças são organizadas, no sentido de uma produção coerente de normas existentes, as quais buscam estabelecer efeito e causa, por meio de uma ligação entre o sexo biológico e sobre um gênero culturalmente constituído (BUTLER, 1990; KNIGHTS, 2019). Quando Simone de Beauvoir fala sobre o não nascer mulher e, sim, tornar-se mulher (BEAUVOIR, 1970), a autora discute sobre a construção de gênero na

história, porém, apesar da crítica, a autora, ainda, separa sexo de gênero, ao reafirmar um sexo biológico e uma capa de generificada para o corpo. Para a perspectiva empreendida pela Butler (1990), sexo e gênero não estão separados, são indissociáveis e ambos são construídos por um efeito de verdade. Assim, os efeitos de verdade se constituem a partir das microfísicas de poder, as quais produzem, por meio dos discursos que atravessam os sujeitos, as materialidades tal qual “enxergamos” o corpo, as ações, e a partir dessa percepção, as relações sociais são naturalizadas (FOUCAULT, 1992).

Por isso, vale ressaltar que as próprias normas que constituem a categoria gênero, também, constituem a categoria sexo, o colocando no lugar de anterior à lei, criando o efeito como se tivesse sido sempre assim. As categorias sexo e gênero, indissociáveis, são também produções discursivas históricas, sociais e culturais produzida pelo discurso. Por meio de normas que se repetem, são proibidas e liberadas pelas próprias leis que operam, no sentido de normalização da categoria gênero (BUTLER, 1990).

Sendo assim, o que se compreende como possibilidade dicotômica de menina e menino, homem e mulher, nada mais são do que discursos, produzidos nas falas, as quais interpelam os sujeitos, em um espectro de realidade produzida nas relações de poder (LOURO, 2003). O espectro traz uma falsa noção de que existe uma verdade neutra sobre gênero, quando, na realidade, tais nomeações são fruto de práticas reguladoras que produzem identidades inteligíveis através de uma matriz de normas de gênero (BUTLER, 1990). De modo que:

O corpo não é uma materialidade fatídica, terminada na sua própria imagem; ele é uma materialidade que carrega, pelo menos, certos significados, e esse carregar é fundamentalmente dramático. Por dramático, quero dizer que o corpo não é apenas matéria, ele é uma materialização contínua e incessante de possibilidades. As pessoas não são seus corpos, mas fazem os seus corpos – essa diferença de ser e fazer é fundamental (BUTLER, 2019, p. 216).

Gênero é, então, uma das categorias produzidas nas e pelas relações de poder (LOURO, 2003). Nesse sentido, os sujeitos são atravessados estrategicamente, por um cálculo, uma ordem e uma organização (FOUCAULT, 1999) que permite uma matriz de inteligibilidade. Assim, os sujeitos não possuem uma essência e não existem *a priori* do discurso, sendo assim não se pode dizer que exista uma essência identitária *per se* (MARIANO, 2005).

Ante a matriz de inteligibilidade de gênero, alguns corpos são compreendidos dentro da norma e, por conseguinte, reconhecidos como normais, sujeitos que devem ser seguidos, pois se apresentam dentro de determinados padrões sociais aceitos (BUTLER, 1990). Contudo, toda norma produz uma proibição e, a partir dela, se constituem outros corpos, os quais também possuem seu lugar de existência (FOUCAULT, 1999). Ainda que em caráter subversivo à norma, tais corpos, mediante a circulação do poder, são constituídos por meio da exclusão, e, em oposição ao normal, tornam-se abjetos (BUTLER, 1990). Nesse sentido, a regulação conferida as identidades de gênero operam sim como norma, porém, produzem corpos fora da norma. Isto é, fazem parte de uma prática que regulamenta, movimenta, e, que, por meio das relações de poder, produz e controla os corpos (BUTLER, 1990).

Tal regulação, ao que se refere às identidades de gênero, constituídas como normativas, as quais atuam dentro das normas de inteligibilidade, essa são representadas, na sociedade brasileira, como corpos *cis* gênero. Corpos que nascem com o sexo que lhes são imputados e performam com o mesmo gênero que lhes é conferido nas posições, ainda que assimétricas, discriminadas como “feminino” e “masculino” (LOURO *et al.*, 2000). A partir de tais composições, a matriz produz a heterossexualização do desejo (BUTLER, 1990). Entretanto, tenciona-se que tal manipulação desconsidera que os corpos não atuam da mesma maneira, nem em sua contemporaneidade, nem no passado, nem no futuro (BUTLER, 2019).

Dessa maneira, outras identidades de gênero são igualmente reconhecidas e percebidas por não representarem o padrão imposto pela matriz de inteligibilidade, apreendidas então como falhas do sistema (BALIEIRO, 2018). Contudo, a própria condição de existência das demais identidades fazem parte da matriz de inteligibilidade, pois as normas reguladoras permitem o reconhecimento de matrizes rivais, criando a falsa imagem dicotômica do correto e do subversivo (BUTLER, 1990).

Tais construções são efeito da heteronormatividade, uma forma de controle e normalização de corpos generificados (ORTLIEB; SIEBEN, 2019). Para Miskolci (2009, p.8) “a heteronormatividade é um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto”. Assim, a reprodução

sexual foi falseada em um modelo, no qual o casamento e a heterossexualidade operam no sentido de garantia de reprodução e parentesco (BUTLER, 2019).

Importante destacar que a heteronormatividade não diz respeito apenas ao que ela nomeia como normal, por exemplo, a heterossexualidade como compulsória e natural. No sentido que ela produz signos e sentidos de normalizações e ordens sociais para os corpos inteligíveis dentro e fora do considerado padrão social, todas as produções de sentido e regulação dos corpos fazem parte da heteronormatividade (MISKOLCI, 2009).

Esse controle e normalização busca evidenciar caixas inteligíveis que abarcam categorias relacionadas à gênero e produção de corpos. Dessa forma, produz, na sociedade contemporânea, classificações, como feminino, masculino, transgênero, andrógino, agênero, e quaisquer classificações discursadas em torno da categoria gênero (LOURO, 2003). Diante desse contexto, as identidades de gênero corroboram com o que diz Butler (1990), as quais são forjadas, mediante as relações de poder, se constituindo por meio da performatividade:

No lugar de uma identificação original a servir como causa determinante, a identidade de gênero pode ser reconcebida como uma história pessoal/cultural de significados recebidos, sujeitos a um conjunto de práticas imitativas que se referem lateralmente a outras imitações e que, em conjunto, constroem a ilusão de um eu de gênero primário e interno marcado pelo gênero, ou parodiam o mecanismo dessa construção (BUTLER, 1990, p.197).

Dessa forma, “a performatividade funciona como uma rede de premiações e punições que confere e afirma um poder vinculado sobre a ação performada que acontece e é operada por meio do discurso” (SOUZA, 2017, p. 316). Tais discursos operam, no sentido de tentativa de normalizar e cristalizar o sexo e gênero dos sujeitos. As normas performativas buscam materializar o que se deseja, por meio de relações de poder, de forma contínua e renovando o que se nomeia (BUTLER, 1990; NASH, 2018). Contudo, vale lembrar que há possibilidades de mudar os tipos de atuações, pois, “os atores estão sempre no palco, inseridos nas demarcações da performance” (BUTLER, 2019, p. 23).

Importante considerar os sujeitos inseridos em determinada sociedade, nomeados por meio da linguagem e tornam se inteligíveis ao que se pretende nomear (BUTLER, 2016). Por exemplo, a linguagem age sobre os sujeitos, quando, ainda bebês, recebem a designação de gênero, e, de certa forma,

estamos passíveis à classificação binária sobre ser uma menina ou um menino (BUTLER, 2016). Isso porque “a língua, como desempenho de toda linguagem, não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer” (BARTHES, 1977, p. 7). Assim, os corpos nascem em uma obrigatoriedade de discursos disponíveis para serem performados.

Por isso, a performatividade de gênero atua, então, num primeiro momento, na tentativa de cristalizar as normas, antes mesmo de nos ser dada a possibilidade de ruptura (NASH, 2018). Para tal, a linguagem não só age em nós, sujeitos, em um primeiro momento, como continua agindo igualmente sobre nós, em todos momentos em que agimos. Todas essas maneiras inteligíveis de nomeação, nas quais os sujeitos são ou eram nomeados, agem contra e os moldam (BUTLER, 2016).

Diante desse paradigma pós-estruturalista, gênero é, então, compreendido como performance (PHILLIPS; KNOWLES, 2012). Os sujeitos não existem *a priori* e, são afetados por normas que são repetidas, na intenção de cristalizar comportamentos, corpos, falas, genericando-os, através da performatividade (BUTLER, 1990). A performatividade permite que as normas circulem, a partir de uma gama de possibilidades de existência, as quais atravessam os sujeitos e possibilitam a performance. Tal performance de gênero se constitui como um ato limitado, um ato de fazer gênero e (des)fazer gênero (SOUZA; BREWIS; RUMENS, 2016). Afinal, gênero é uma relação de poder, na qual permissões e proibições fazem parte da mesma matriz de inteligibilidade constituída (BUTLER, 1990).

No entanto, os corpos não se adequam rigorosamente às normas, as quais não são fixas e são passíveis a resistências, permitindo sempre uma ruptura e, a partir dessa nova forma de existência, são configuradas socialmente e culturalmente novas formas de performatividade, atuando fora de uma materialidade compulsória (BUTLER, 2016; MISKOLCI, 2009). A materialidade do sujeito, discursivo, está constantemente em curso, através do corpo, materializando-se e investindo-se de poder (BUTLER, 1990).

Tal materialidade nem sempre é consciente e nem sempre passível de percepção do todo de um processo, o qual é atravessado por múltiplas relações de poder, que a produziram. Para Butler (1990), o corpo passa a ser a

materialidade desse sujeito reflexivo se distanciando, nesse sentido, da dicotomia da ideia de alma e corpo [sujeito inconsciente e consciente]. A produção do sujeito discursivo acontece na interpelação, pois, o sujeito só descobre quem é, quando descobre o outro [a diferença], sendo a viabilização das identidades movimentada por uma ideia de alteridade/diferença. Um questionamento contínuo entre o lugar que o indivíduo ocupa e que identidade que o define (BUTLER, 1990).

A teoria *queer* pretende discutir relações de gênero a partir de uma lente fluída, sendo, portanto, o aporte teórico do trabalho, incluindo discussões sobre a atividade do sexo em si, especificamente, demarcadas, sobretudo, por relações de poder e saber (FOUCAULT, 1999). A teoria *queer* não é uma teoria, é uma analítica, e assim como o paradigma pós-estruturalista, pretende balançar, desconstruir, questionar, colocar em xeque padrões normalizadores. Destarte, a analítica da teoria *queer* pode e deve ser utilizada em outros contextos, ao analisar a sexualidade, padrões normativos sociais, generificação do sujeito, espaços e lugares constituídos e cristalizados (NASH, 2018; PULLEN et al., 2016a; RIACH; RUMENS; TYLER, 2014). Por exemplo, é possível analisar, neste trabalho, os lugares falseados da mulher como puta, mãe, esposa, prostituta, filha e a subordinação histórica em relação aos homens, dentre outras relações de poder. Dessa forma, “se *queer* é qualquer coisa, é uma forma de crítica imanente, uma atitude incessante de romper com a ordem, e uma tomada para além dos pressupostos, subestimados em torno do conhecimento, poder e identidade” [tradução minha] (PULLEN et al., 2016a, p. 1).

A teoria *queer* foi [e ainda é] confundida como aporte teórico para trabalhos os quais buscam dialogar com a sexualidade e as possíveis subversões das normas heterossexistas (MISKOLCI, 2009). Tais trabalhos estão coerentes com a analítica *queer*, contudo outras formas de invisibilidade e injustiças, são focos de problematizações “implicadas na disseminação e na demanda do cumprimento das normas e das conversões culturais, violências e injustiças envolvidas tanto na criação dos "normais" quanto dos "anormais" (MISKOLCI, 2012, p.26).

Com o intuito de elucidar questões das identidades de gênero, Miskolci (2018) aborda o contexto político brasileiro atual, no qual alianças entre parte de

grupos religiosos, partidos políticos conservadores subvertem as identidades de gênero a uma “ideologia de gênero” e a traduzem em um inimigo comum (MISKOLCI; PEREIRA, 2018; NEVES, 2018). Esse inimigo deve ser combatido, colocado na penumbra e, por vezes, excluído dos problemas reais que devem ser debatidos e solucionados (MISKOLCI; PEREIRA, 2018). Nesse âmbito, é importante afastar das produções acadêmicas o “fantasma” da ideologia de gênero (MISKOLCI, 2018; PEREIRA, 2018). Pois, para além da questão imaginária, face ao contexto histórico político brasileiro, é de grande relevância demonstrar nos Estudos Organizacionais, inseridos na grande área da Ciência Social Aplicada, a importância de estudos referentes às identidades de gênero. Tal prerrogativa corrobora, dessa forma, com questões políticas e sociais que envolvem a busca por equidade, direitos humanos, segurança cotidiana e direitos de grupos historicamente subalternos (MISKOLCI, 2018).

Destarte, “inimigos imaginários” são associados erroneamente a grupos antagonistas, por exemplo, grupos trans, feministas, prostitutas, dentre outros, os quais são vítimas de discurso de ódio. Por trás da articulação de grupos constituídos historicamente como subalternos (MISKOLCI, 2018), existem vozes que buscam serem ouvidas em seus lugares de fala, ao escancarar problemas sociais reais, negligenciados em várias esferas do cotidiano. Butler (2019) tenciona os atos performáticos, para além de uma possibilidade teatral, como quando se assiste a uma peça de teatro e aquele corpo “estranho” se esvai ao fim do show. Na vida real, esses corpos não desaparecem, são corpos que performam ativamente na sociedade. Por vezes, causam “estranhamentos” e, por isso, são tratados como inimigos, quando, na verdade, estão na busca da possibilidade de (re) existir (BUTLER, 2019).

Foucault (1992) afirma que o poder circula entre todos os indivíduos, pois existe, por meio das interpelações e nas relações sociais. No entanto, historicamente, se reproduziu nas relações de gênero a categoria mulher, por meio de silenciamentos e subalternizações (BRAH, 1991), inferiores em oposição à categoria constituída como homem. Admite-se, ainda, o caráter multiforme da categoria gênero atravessada por diversos outros dispositivos, como idade, etnia, classe, raça, dentre outros (YUVAL-DAVIS, 2006). Ressalta-se que a própria categoria gênero não é definida *a priori*, não é estável, e não existe uma fórmula ou manual (SOUZA; BREWIS; RUMENS, 2016; YUVAL-

DAVIS, 2006). Assim, a performatividade é tratada como uma paródia, um teatro, um falseamento da realidade. Tal suposto pretende normalizar a heteronormatividade forjada nas relações de gênero, na medida em que busca a estabilidade entre sexo, gênero e desejo (BUTLER, 1990; MARIANO, 2005). Diante de tal trama, Butler (1990) reivindica a possibilidade de ruptura, uma maneira de mostrar o que estava oculto e a possibilidade de existência de identidades fluidas.

2.3 Feminismo para quem?

Diante de tais afirmações, é importante destacar o posicionamento social e político do Feminismo, imbricado nas relações de poder, ao buscar direitos de equidade nas relações sociais. “O feminismo é uma parte crucial destas redes de solidariedade e resistência precisamente porque a crítica feminista desestabiliza instituições que dependem da reprodução da desigualdade e injustiça” (BUTLER, 2016, p. 20). O feminismo é plural, histórico, político, cultural, múltiplo e está em constante movimento. A partir de um recorte sócio-histórico, para explicitar didaticamente separou-se o feminismo em ondas. Contudo, se reconhece que tal organização também esta circunscrita em relações de poder-saber, as quais legitimaram vozes das mulheres brancas em detrimentos das mulheres negras e com isso invisibilizaram as pautas das mulheres negras (COLLINS, 2019; DAVIS, 2016; GONZALEZ, 2018; HOOKS, 2018b).

Têm se a primeira onda do feminismo como a luta que buscou estabilizar a categoria da mulher, branca no final do século XIX. Desse modo, o movimento sufragista é simbólico, pois, trouxe as mulheres brancas para a esfera pública, propiciando reflexões, direitos trabalhistas e direito ao voto (CORRÊA, 2001). No entanto, o foco da discussão se ateve à comparação binária e dicotômica à categoria homem e mulher [branca europeia], negligenciando os demais marcadores de identidades (LOURO *et al.*, 2000).

A nomeada segunda onda do feminismo tem como uma das precursoras a escritora Simone Beauvoir, autora do livro Segundo Sexo (1970). Nessa obra, desenvolve-se o conceito de se tornar mulher em contrapartida com o ser mulher referente ao conceito biológico (BEAUVOIR, 1970). A ideia de dominação se deu, a partir da sociedade patriarcal, num contexto de pós-guerra, e discussões

como aborto, divórcio, controle de natalidade, antes pautadas pela esfera privada, passaram ser discutidas (MARIANO, 2005). Desse modo, teorias feministas buscaram um resgate histórico que localizasse o patriarcado (LOURO, 2003). A busca por tal início levaria ao entendimento de um possível fim, caso encontrasse regimes que envolvessem o matriarcado ou matrilinear. Após esse período, estudos feministas entenderam que a reificação do patriarcado minimizaria as questões mais amplas que devem ser discutidas de gênero (BUTLER, 1990). Dito isso, imputar o patriarcado como o motivador das igualdades de gênero é reducionista e oculta outras discussões em torno dos problemas de gênero, constituídos em diversas culturas e sociedades (BUTLER, 1990). Nesse contexto, é importante contextualizar que:

[...] seria um erro para subscrever uma noção progressista de história em que várias estruturas são entendidas para ter sucesso e suplantar um ao outro. Não há história a ser contada sobre como alguém se move de feminista para *Queer* ou para trans. A razão pela qual não há história a ser contada é que nenhuma das essas histórias são o passado; essas histórias continuam a acontecer em formas simultâneas e sobrepostas como lhes dizemos. Eles acontecem, em parte, através das formas complexas que são tomadas por cada um destes movimentos e práticas teóricas (BUTLER, 2004, p. 14).

O feminismo tido como plural é dissonante e abarca várias teorias, como também trabalhos sociais (RAGO, 2008). O feminismo branco, no Brasil, ganhou corpo, durante a ditadura militar, quando ativistas, jornalistas, pesquisadoras e artistas se conectaram em busca de luta por direitos (CORRÊA, 2001). “O Ano Internacional da Mulher, 1975, oficialmente declarado pela ONU, propicia o cenário para início do movimento feminista no Brasil” (SARTI, 2001, p. 36), dada simbólicas construções de resistências e lutas por direitos das mulheres brancas. Importante ressaltar que o Brasil possui um processo histórico patriarcal e, também, escravagista, o qual segregou as mulheres brancas e negras e as alocaram em diferentes contextos (GONZALES, 1984).

Nesse sentido, enquanto as mulheres brancas buscavam oportunidades de trabalho, direitos trabalhistas, questões de saúde pública, como o aborto, dentre outras chamadas por igualdade, as mulheres negras buscavam e buscam o reconhecimento do feminino, pois foram animalizadas, abjetificadas e excluídas da possibilidade de qualquer direito (GONZALES, 1984). Assim, racismo e sexismo se configuraram de diferentes formas para mulheres brancas e negras, o que coaduna com a proposição de bell hooks:

A discriminação sexista impediu as brancas de adotarem o papel dominante na perpetuação do imperialismo racial branco, mas não as impediu de assimilarem, apoiarem e defenderem a ideologia racista ou de agirem de modo individual enquanto opressoras racistas em vários domínios da vida da América (HOOKS, 2018b, p. 200)

Nesse sentido, a sociedade brasileira foi forjada, para além de um sistema sexista, como também escravagista. Tal produção sócio, histórica e cultural produziu e (re) produz diferenças de performances dos corpos, pois, os homens brancos foram produzidos como os normais, padrões sociais, e a partir deles, os outros corpos sofreram e sofrem opressões. Portanto, os homens brancos operam sistemas sexistas frente às mulheres brancas, racista ante aos homens negros e sexista e racista em relação às mulheres negras, sendo as mulheres negras bases de um sistema de precariedade (DAVIS, 2016).

Esse sistema perverso de opressões atua de modo diferente nos corpos, pois, são relacionais, de maneira que uma mulher branca consegue operar o sistema racista tanto para homens negros, quanto para mulheres negras. Já os homens negros conseguem produzir sexismo para as mulheres negras e não negras. Para pensar um sistema racista estruturante na sociedade brasileira, parte-se da afirmação de (Almeida; 2019, p.34):

“[...] o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes e inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam”

De modo que, esse trabalho, apesar de fazer um recorte de gênero não busca invisibilizar o processo de racialização como estruturante na constituição desses múltiplos corpos brasileiros. Fluídos, sim, porém, atravessados por uma produção racial que os localizam pela diferença entre a negritude e branquitude (BENTO; SILVA, 2014; MUNANGA, 2009; SCHUCMAN, 2014), um espiral entre opressões e privilégios. De maneira, que esses conceitos não foram condutores principais do trabalho, o que não os faz menos importantes em detrimento das identidades de gênero como matriz heteronormativa. As escolhas se deram pelo processo de conhecimento e acesso as leituras, o que por si só já denuncia um caráter embranquecido da academia, como espaço produtor e reproduzidor de racismo e elitismo.

Para os corpos femininos destaca o processo de misoginia, o qual reprimiu o processo de sexualidade das mulheres, uma aversão, um quase ódio.

Assim, como firmado as mulheres foram atravessadas pelo processo de racialização. No qual, enquanto as mulheres brancas eram imaculadas, tidas como mães e para casar, as mulheres negras foram estupradas, violadas, usadas para a satisfação sexual dos homens (CALDWELL, 2007; GONZALES, 1984; HOOKS, 2018b).

O processo de separação desses corpos de mulheres produziu e reproduz diferenças de motivadores das lutas sociais. Por inúmeras vezes, as mulheres brancas e negras estiveram em diferentes lados de uma arena. Em uma dessas inúmeras situações, as mulheres brancas tiveram as mulheres negras como inimigas, depravadas, as quais roubaram seus maridos. Já as mulheres negras eram estupradas e animalizadas pelos mesmos maridos das brancas (DAVIS, 2016). Ressalta-se que a misoginia atravessada pela crença cristã organizou a sociedade brasileira por meio da repulsa da sexualidade. Nesse sentido, a repressão da sexualidade é advinda do receio ao desejo sexual, negado pela igreja e compartilhado pelos homens (HOOKS, 2018b; PEREIRA, 2018).

A igreja católica, ao longo da história, produziu discursos dissonantes. Se no processo de colonização, negou a sexualidade e a constituiu na esfera do perverso, em meio a Segunda Revolução Feminista, entre a década de 70 e 80, amaciou seu discurso (KELLER, 2006). Por meio da articulação política, social e cultural e apoio, em níveis regionais, parcial da igreja católica apoiou pautas feministas brancas que buscavam direitos. Apesar de algumas pautas serem divergentes, apoiou o suo de anticoncepcionais, camisinhas, porém, o aborto permaneceu condenado (SARTI, 2001). O contexto é controverso, dado que historicamente a igreja católica se posiciona contra discussões de gênero, a partir do discurso moral da família tradicional heterossexual e de função de reprodutiva (CORRÊA, 2018).

Ao abordar as *sugar babies*, e as possíveis trocas venais e amorosas, destaca-se, então, o processo de negação da sexualidade da mulher branca e hiper sexualização da mulher negra, o que produz e reproduz imaginários sobre mulheres racializadas (LANDES, 2002). Para as mulheres negras, foi legado um estereótipo de mulher forte, porém, não por motivos de orgulho, sim, por serem sobreviventes de múltiplas opressões. A esse estereótipo ressalta-se que “ser forte face à opressão não é o mesmo que ultrapassar; que não se pode confundir resistência com transformação” (HOOKS, 2018b, p. 24). Assim, enquanto

feministas brancas comemoravam o direito de trabalhar, da opção de não terem filhos; para as mulheres negras foram reafirmados os lugares subalternos, a maternidade como inata [seus filhos foram sistematicamente vendidos durante o processo escravocrata], e a objetificação sexual (GONZALES, 1984; GONZALEZ, Lélia, 1993; HOOKS, 2018b).

Para o feminismo, compreende-se, então, sua pluralidade e possibilidades de lugares de fala contextual (RIBEIRO, 2017). Ressalta-se a importância das discussões de classe, o Feminismo Marxista (HARDING, 1993); o Feminismo Liberal (JEFFREYS, 2005), criticado por ser cooptado pelo capitalismo e individualizar opressões; o Feminismo Radical (SOUZA, CORVINO; LOPES, 2014), criticado por excluir corpos trans da possibilidade de serem consideradas mulheres e; o Feminismo Negro que reconhece as mulheres negras como oprimidas tanto pelo sexismo, racismo sendo excluídas de múltiplas formas sociais (COLLINS, 1998; GONZALES, 1984; GONZALEZ, 1993; HOOKS, 2018b).

Assim, esse trabalho localiza-se na possibilidade de questionar as as opressões de gênero e sempre possível destacar os atravessamentos pelas demais opressões supracitadas. Trata-se de um feminismo em aberto, que busca o estranhamento do que se constitui como normal (BUTLER, 1990). Ciente que a teoria *queer* não problematiza diretamente a constituição de outros marcadores sociais [como classe e raça]. Contudo, abarca as múltiplas possibilidades de performances de gênero, as quais atravessam, de modo fluído, as possibilidades de existência. Destaca-se, politicamente, o não silenciamento das mulheres negras em contraponto a mulheres brancas [tidas erroneamente como mulheres universais]. Para tal, gênero performado como feminino engloba todas as possibilidades de (re) existência.

As buscas por equidade e direitos perpassaram/perpassam o mercado de trabalho, pois, historicamente, oportunidades foram propiciadas de forma excludente entre gêneros (SARTI, 2001). Os contextos supracitados se organizam igualmente no mercado de trabalho, pois, tal construção histórica propiciou tanto diferença salariais, quanto distorções discursivas, entre identidades (MACHADO JÚNIOR; BAZANINI; MANTOVANI, 2018; TEIXEIRA; CAPPELLE; OLIVEIRA, 2011; TEIXEIRA; SARAIVA; CARRIERI, 2015).

Para além das discrepâncias no mercado de trabalho formal, parte das mulheres se encontram à margem, vivenciando uma vida organizativa da esfera da subversão (SILVA; CAPPELLE, 2017); enquanto alguns outros corpos, devido ao processo sócio, histórico, foram forçados a marginalidade e reproduziam os estereótipos de subalternos (CALDWELL, 2007; REZENDE; MAFRA; PEREIRA, 2018; TEIXEIRA; SARAIVA; CARRIERI, 2015). Diante desse contexto, o tópico seguinte problematiza a saída da mulher branca da esfera privada (PATEMAN, 1993; SOVIK, 2009), como também a reificação da mulher negra como hiper sexualizada e sua luta para ser reconhecida como mulher, inclusive no privado (GONZALES, 1984; HOOKS, 2018b). As pertenças e a relação com a sexualidade se tornam, por vezes, antagônicas, outras vezes síncronas, como também se afastam e se aproximam de atividades sexualizadas e da relação com a estereotipia da prostituição.

3. “NUNCA UMA ESPELUNCA?”¹⁵ UM BREVE CONTEXTO DO DESLOCAMENTO DAS MULHERES ENTRE OS ESPAÇOS PÚBLICOS E PRIVADOS

Margaret Rago apresenta o contexto de inserção das mulheres brancas brasileiras, especificamente, na sociedade paulista, entre os anos de 1890 a 1930, nos quais, a presença do corpo feminino na sociedade foi demarcada entre a “mulher honesta” e “mulher da vida” (RAGO, 2005). Antagonicamente e paralelamente, nesse período, as pessoas escravizadas estavam em processo de libertação. Reconhecido pela burguesia, por meio da lei áurea. No entanto, já consolidado no último senso antes da assinatura da lei, como sendo 5% da população escravizada (GONZALEZ, 2018). Ante tal contexto, enquanto as mulheres brancas assumiam a subversão social, às mulheres negras eram reafirmadas e negadas todas as possibilidades de direitos (GONZALEZ, 1993; GOUVÊA, 2017).

Cabe destacar, que na sociedade paulistana, polo industrial brasileiro, a presença das meretrizes acompanhou o crescimento industrial. Foi nesse espaço e tempo em que a sociedade industrial paulista, em amplo crescimento, entrou em contato com os bordéis, casas de diversões e espaços culturais criados seguindo padrões europeus, por conseguinte brancos, de modernidade (CORRÊA, 2001; RAGO, 2005; SCHUCMAN, 2010). Para pensar as organizações dessas mulheres na sociedade, parte-se do que foi considerado normal e possibilita a existência do oculto:

O voto conjugal oferece cobertura pública para formas de vida sexuais que não são reconhecidas, e felizmente assim. Nesses casos, o casamento organiza a sexualidade como poderíamos [a sociedade] esperar, formas conjugais e monogâmicas, mas também produz outra zona de sexualidade definida precisamente por sua falta de reconhecimento aberto na esfera pública (BUTLER, 2016, p. 17).

Se o voto conjugal oferecia e oferece cobertura pública e organiza a sexualidade, realiza-se, nesse contexto, o duplo apagamento da mulher negra da vida pública e na privada (GONZALES, 1984; HOOKS, 2018b) e, assim, a impossibilidade de subverter a moral vigente, pois, as lutas eram por direitos básicos, não uma dicotomia entre o público e o privado. A saber o uso do sexo se tornou um dispositivo passível de controle do estado, com possível

¹⁵ Título parafraseado da música “A história de Lily Braun” canção de Chico Buarque.

regulamentação da prostituição e saberes, a partir da medicina que buscavam uma higienização social (RAGO, 2005), contudo, operava entre exclusões e marginalizações de maneiras diferentes.

Tal condição de repressão do sexo somada a condições morais de repressão não limita a existência do sexo, pelo contrário, faz com que o poder circule na esfera do marginal, nos micropoderes (FOUCAULT, 1999). Diante desse contexto analisar as relações das *Babies* no relacionamento de troca íntima por pagamentos diretos ou indiretos, ainda que não ligadas ao estereótipo da prostituta, conferem a relação com os *Daddies* há uma associação sexualizada e monetária. A partir da ótica da analítica *queer*, que intenta desestabilizar normalizações em diversas esferas, sobretudo neste tópico, o modo de se pensar organizações e trabalho (PULLEN *et al.*, 2016b). Para tal, os subtópicos a seguir corroboram para a construção teórica sobre trabalho sexualizado e prostituição.

3.1 Se é venal, não tem estima? Página virada, descartada do folhetim¹⁶.

Se a matriz heteronormativa produz efeitos do que é considerado normal na sociedade, ao provocar tanto aceitação e repulsa dos corpos destoantes, faz-se importante destacar os estereótipos constituídos como normais (BUTLER, 1990), a partir da possibilidade de discutir o trabalho sexualizado. Quais são os corpos que não produzem estima? Os corpos estereotipados passam por possibilidades de estigmas sociais e podem ser separados entre as abominações do corpo; estereotipia de caráter e; estereotipia relacionadas a tribos, raça, religião (GOFFMAN, 2004, MESQUITA *et al.*, 2020). Nesse trabalho, considera-se os corpos que produzem marcadores de diferença dentro de uma matriz de heteronormatividade.

[...] Seguindo Foucault, nossa compreensão do trabalho sexual é sempre inextricavelmente ligado à nossa compreensão da sexualidade, da masculinidade e feminilidade, e suas alternativas. Esse entendimento é moldado por discursos que são, [...], formulações textuais institucionalizadas no raciocínio jurídico, regras administrativas e organizativas, relatos literários e jornalísticos dessas regras e sua relação com a vida cotidiana, que têm um impacto sobre as maneiras pelas quais as pessoas pensam, falam e agem. Esses

¹⁶ Título parafraseado da música “Folhetim” cantada por Chico Buarque.

discursos variam temporal e espacialmente: assim, como nossa compreensão das mudanças de sexualidade, masculinidade, feminilidade, normalidade e perversão, também deve se dar a compreensão da prostituição [tradução minha] (BREWIS; LISTEAD, 2000, p. 190).

Tais discursos são configurados na plataforma *online* Meu Patrocínio (2019), de modo que os sujeitos se reconheçam no mundo *sugar*. Enunciados informativos são dispostos no *site*, tal como “Relacionamentos pré-definidos e expectativas atendidas com benefícios mútuos (MEU PATROCÍNIO, 2019, n.p.)” e “*Sugar Daddies* e *Sugar Babies* sabem o que querem, o que podem oferecer e falam abertamente em acordos pré-estabelecidos, sem ter que se sentir culpados por seus desejos e intenções” (MEU PATROCÍNIO, 2019, n.p.).

O próprio *site*, quando acessado para explicar os termos e condições, desassocia de um possível agenciamento e nega a relação com a prostituição. Destaca-se denominações como “trabalho sexualizado” se referem à mercantilização do desejo em troca de bens e serviços (ELMER, 2010; RIACH; WILSON, 2014) e “trabalho sexual” se trata de uma troca imediata de sexo e dinheiro (SANDERS, 2005). Tais termos não são, determinantemente, diferentes, por estarem em constante movimento e permitirem acordos amplos consonantes com as propostas e interesses individuais (BREWIS; LISTEAD, 2000; HALES; RIACH; TYLER, 2018). De acordo com tais afirmações, os discursos do *site* Meu Patrocínio envolvem acordos de trocas financeiras e desejos sexuais, sendo assim, o universo *sugar* perpassa os papéis de gênero e suas variações venais.

A prostituição, no contexto brasileiro, está inserida na marginalidade e agenciamentos não são autorizados pelo Estado. Esse fato faz com que a prostituição não exista? O fato de estar inserida na esfera do não dito faz com que a atividade do sexo em troca de dinheiro desapareça? De acordo com Foucault (1999), ainda que, com caráter repressivo, proibido, subversivo, silenciado, nas sombras e na possibilidade de desaparecer, o que se é repreendido ainda existe. Dessa forma, a proibição faz com que existam comportamentos sociais, os quais se pretende apagar.

Nesse cenário, entre o crescimento industrial, o fim dos processos legalmente escravagistas, e a modernização, a sociedade brasileira produziu, a partir dos discursos, normas que classificam o que é normal e anormal, permitido e proibido, público e privado, dentre outros conhecimentos (RAGO, 1993). Dado

que, além de atuar nas normas instituídas, as relações de poder e saber influem nos corpos, nas leis, nos espaços, na medicina, instituições religiosas, dentre outros (BUTLER, 1990), visto que o efeito de verdade é o processo de naturalização de determinada ideia, na qual os sujeitos, em um recorte de espaço e tempo, passam agir como se fosse sempre assim (FOUCAULT, 2008). Problematisa-se a ideia binária da mulher prostituta e mulher para casar, como também, a posição dicotômica dos homens em relação às mulheres. Ratifica-se que em meio às relações sociais, foram e são construídas, por meio do poder e suas interpelações sutis, fortes, as quais atuam em sua manutenção.

Para as mulheres “para casar”, apresenta-se, uma construção social de quem são essas mulheres. Elas são reificadas pela Disney, empresa de grande sucesso de entretenimento, como princesas brancas, ocidentais, heterossexuais e conectadas à aristocracia por meio do príncipe encantado (CECHIN, 2014), mulher essa representada pela mulher branca, quando brasileira. Rago (1990) afirma que, no momento em que as mulheres [brancas] começaram a ocupar a esfera pública, tão logo receberam distinções de classificações entre “mulheres honestas”, as quais eram consideradas para o matrimônio e “rainhas do lar”, voltadas para a maternidade. Em contrapartida, as “mulheres da vida” eram consideradas públicas, viciadas, noturnas e relacionadas ao amor venal (RAGO, 1990).

As mulheres negras já buscavam o resgate da feminilidade e, por vezes, a possibilidade de se casarem (HOOKS, 2018b), pois, em uma sociedade estruturalmente racista, como a brasileira, o amor tem cor (HOOKS, 2018a). Retoma-se à Disney, como produtora discursiva de identidades femininas, desde a infância, as quais constituem quem são as “princesas” e quais delas são merecedoras do amor (CECHIN, 2014). As mulheres negras e homossexuais ficaram de fora dos corpos vinculados às histórias de finais felizes. A Princesa e o Sapo é uma tentativa de incluir as mulheres negras na possibilidade de relacionamento, no entanto, apagou traços negroides e, ainda, afastou-se, discursivamente, da sociedade aristocrata, dado que a princesa tem o sonho de ser a dona de seu próprio negócio. Para além disso, o príncipe não vem em um cavalo branco, é falido e é um homem negro. A personalidade representado pelo homem negro é ligada ao estereótipo do malandro e que não gosta de trabalhar. A princesa Tiana também possui a personalidade afastada das princesas

boazinhas. Ela é ambiciosa e ainda é retratada, na maior parte do filme, como sapa verde, apagando assim sua negritude (BALISCEI; CALSA; STEIN, 2017).

Diante de tal construção discursiva, antagônica, têm se, ainda, a mulher tida como prostituta, contruída por um falseado padrão binário. As mulheres da vida foram distanciadas da mulher para casar (RAGO, 2005). Compreende-se, ante tão contexto, a tentativa de afastar o amor e a venda do corpo, a dicotomia entre ser companhia e ter/oferecer prazeres sexuais. De modo que as prostitutas eram/são lidas pela sociedade como sendo de todos e não sendo de ninguém. Dessa forma, o conceito de prostituição é carregado de denominações moralistas, comumente relacionadas com imagens de sujeira, esgoto, fazendo parte de uma dimensão marginal, por conseguinte, rejeitada pela sociedade (RAGO, 1990).

Os discursos, de acordo com Brewis e Listead (2000), movimentaram-se no sentido de normalizar a libido dos homens como compulsórias, baseadas em um discurso biológico [produzido] da necessidade pelo sexo. A fidelidade também foi generificada, e aos homens foi conferida a possibilidade da traição (CAMARGO; LEÃO, 2015). A infidelidade também impulsionou configurações coloniais, reproduzidas em diferentes roupagens na contemporaneidade. No contexto escravocrata, no qual as mulheres brancas foram produzidas discursivamente, e antagonicamente, como puras em contraponto a mulher negra, têm se que:

“[a] exploração em massa das negras cativas [em contraponto a mulher branca] – tal qual como a rígida moralidade sexual da Inglaterra vitoriana criou uma sociedade em que a exaltação da mulher como mãe e companheira ocorreu em simultâneo com a formação de um imenso submundo da prostituição (HOOKS, 2018b, p. 63)

Assim, a busca por mulheres públicas foi legitimada na construção discursiva, a qual colocou em oposição as mulheres casadas “frígidas” e as prostitutas “fogosas” (BREWIS; LISTEAD, 2000; RAGO, 2005). O contexto apresentado por bell hooks (2018) descreve as possibilidades de existência das mulheres estadunidenses no processo escravagista. Corrobora-se que, no Brasil, o sistema escravagista e sexista operou de maneira similar (GONZALES, 1984) e produziu espaços, imaginários sociais, corpos, autorizações e proibições de maneiras similares entre as mulheres brancas e negras (LANDES, 2002).

Nos anos sessenta, a liberdade sexual permeou pautas discursivas em torno do desejo da mulher, tal qual o masculino, permitindo igualmente discursos, para além do relacionamento heterossexual (BREWIS; LISTEAD, 2000). Vale lembrar que os discursos são multiformes, múltiplos, podendo ser coerentes ou antagônicos, e materializam a forma pela qual percebemos o mundo temporal e espacial. Assim, o mito da democracia racial e o processo de embranquecimento no Brasil permitiu o apagamento das questões raciais (GUIMARÃES, 2006), no entanto, não produziu igualdade, pelo contrário, silenciou diferenças pautadas na cor da pele e outros estigmas raciais, por meio do racismo, operado no Brasil como preconceito de marca (GOUVÊA, 2017).

Isto posto, a da prostituta está engendrada no imaginário popular e contribui para a relação conflituosa com a atividade da prostituição, conhecida por intermediar o campo dos afetos explicitamente com a relação monetária (MATTOS, 2009). A “mulher da vida” está em oposição ao casal legítimo considerado modelo social a ser seguido e autorizado à prática sexual, permitida apenas no privado (FOUCAULT, 1999). Nas relações sociais subversivas, tem-se a mulher imoral, a qual é constantemente banida para a marginalidade da sociedade. Configura, em paralelo a figura do homem, o qual, discursivamente, possui o apetite sexual permitido e precisa de um espaço para a sua libertação (RAGO, 2005). Prostíbulos, casas de massagem, bordéis, acordos individuais, espaços físicos e virtuais dão movimento às relações entre a figura da mulher prostituta e dos homens. Importante destacar, que tais movimentos são temporais e situados. Consequentemente, quem é configurada como prostituta, por exemplo, na década de 1930, não corresponde, em seu todo, à prostituta das décadas de 2019.

Rago (2005), corroborando com Foucault (1999), aborda em seu trabalho como a sociedade paulistana se organizou e como os médicos tiveram grande participação nas classificações atribuídas especificamente às mulheres. Médicos classificaram as mulheres, em honestas, termo presente no Código Penal até 1988 (RAGO, 2005), e em mulher prostituta. A segunda classificação se desdobrou em diversos rótulos dentro da própria categoria. São classificações como “prostituta pública” caracterizadas por “trabalhadoras” (modistas, costureiras etc.), “ociosas” (pertencentes a ambientes aristocráticos) consideradas difíceis. Ainda na classe da prostituta pública as fáceis estavam

instaladas em bordéis e as fáclimas eram consideradas gastas (RAGO, 2005). Para além da prostituta pública, tem-se a “prostituta clandestina”, sendo as mulheres divorciadas, separadas, viúvas, mulheres livres e escravizadas. Bem como, práticas como a masturbação e orientações sexuais diferentes da heterossexual, como *gays* e lésbicas, eram igualmente condenadas e encaixadas na prostituição clandestina (RAGO, 1990, 2005). Tais rótulos demonstram que a categoria prostituta é fluída e se caracteriza de acordo com os jogos de verdade, ao se opor ao normal vigente no recorte temporal situado.

De toda forma, as prostitutas são estereotipadas de modo que causam estranhamento as moralidades vigentes, quando comparadas aos discursos que legalizam e autorizam relações interpessoais (FOUCAULT, 1999). Como posto na seção sobre poder, o fato de o poder-saber sobre o desejo, estar inserido na marginalidade, no saber oculto, não desautoriza a sua existência, pelo contrário, é parte do mesmo dispositivo de poder, tal qual o saber autorizado (FOUCAULT, 1999). No entanto, a prostituição é classificada discursivamente como anormal, considerada incomum, quando comparada a características de normalidade e fazem parte de grupos divergentes estigmatizados pela sociedade, sobretudo, nas instituições familiares e organizacionais (GOFFMAN, 2004). Tais tentativas de classificações acontecem, na sociedade contemporânea, dentro dos seus próprios grupos, como as do baixo e alto meretrício (BLANCHETTE; SILVA, 2009).

No baixo meretrício, as prostitutas, no geral, possuem baixa escolaridade, poucas condições financeiras e maior diversidade de aparências estéticas. As mulheres que trabalham no baixo meretrício têm como retorno o pagamento mais baixo, assim como a maior exposição da prática da prostituição. Mulheres do alto meretrício tem uma contrapartida maior dos seus serviços, a exemplo, das acompanhantes de luxo, nem sempre identificadas, diretamente, como praticantes da prostituição (BLANCHETTE; SILVA, 2009). Afinal, sua atuação é de forma velada, uma atividade fim mascarada por padrão estético hegemônico, alta escolaridade e silêncio.

Mattos (2009) afirma que a atividade da venda do sexo permeia as relações afetivas monetárias explícitas, nas quais, os homens buscam a satisfação do desejo sexual. Essa afirmação corrobora com o discurso de normalização do desejo masculino, heterossexual e sedento por prazer. No

entanto Brewis e Listead (2000) ressaltam a importância da auto validação na relação entre o cliente e a prostituta, que vai além do ato sexual em si. Relatos de prostitutas demonstram que companhia, aconselhamento, gentileza e afeto estão presentes nas relações de troca entre quem paga pela troca e quem recebe por ela (BREWIS; LISTEAD, 2000). Na atividade do sexo monetária explícita, existe também o desejo, não só sexual, mas o desejo de satisfazer o outro seja qual for a sua necessidade. Desse modo criam-se relações de amizade, companheirismo e, alusões a profissões como terapeutas, massagistas (BREWIS; LISTEAD, 2000).

Além disso, as trabalhadoras do sexo não vendem seus corpos - eles vendem muito mais e muito menos do que isso - porque o trabalho sexual é sempre incompletamente mercantilizado e é a natureza dessa parcialidade que os trabalhadores negociam com os outros e com eles mesmos [tradução minha] (BREWIS; LISTEAD, 2000, p. 292).

Dessa forma, essa dissertação está contextualizada sob a perspectiva de das teorias feministas, para além do *management* da Administração. Bem como, o cotidiano e suas micro gestões fazem parte dos lócus de estudos empreendidos, tendo como foco “as relações sociais envolvidas e em constante jogo na gestão do cotidiano [nas organizações] são objeto de apreensão na gestão ordinária” (CARRIERI, 2014, p. 29). Corroborando com a perspectiva foucaultiana que empreende os micros poderes e suas relações com a sociedade, pretende-se compreender as microrrelações e gestões empreendidas pelas *babies* no universo *sugar*. Contextualizando nos estudos organizacionais, então, prostituição é trabalho?

3.2 Organizações Sexualizadas: Um corpo, um signo, Maria?¹⁷.

Nos estudos organizacionais, historicamente, gênero foi negligenciado pelo *mainstream*. O campo dos estudos organizacionais silenciou e invisibilizou questões sobre gênero (SOUZA; CORVINO; LOPES, 2014). Resgata-se, nesse contexto, o conceito de gênero, quando não negligenciado pela literatura, significou-se como sinônimo de mulher. No entanto, gênero não quer dizer ser mulher, pois não se considera o homem como neutro (SCOTT, 1989). Isto posto, Maria e Eva foram significadas no ocidente cristão em oposição dicotômica. Um

¹⁷ Título parafraseado “Maria, Maria” cantada por Milton Nascimento.

binarismo falseado entre o sagrado e o profano (SCOTT, 1989), o qual não se pretende reforçar neste trabalho. Nesse sentido, o signo das mulheres e o erótico corresponde a identidades fluidas, antagônicas e em constante busca, incompletas. Assim Maria contém Eva, Eva contém Maria, ou nem Maria e Eva existem de modo determinístico.

Por conseguinte, uma suposta neutralidade dos corpos no trabalho e nas organizações fora alocada pela literatura hegemônica. No entanto, Brewis e Listead (2000) chamam a atenção para essa tentativa de negação do erótico, presente nos corpos dos sujeitos e nas organizações: “O trabalho nega o erótico, ou pelo menos tenta, porque o erótico é abjeto; lembra-nos de nossa morte iminente, nos leva a nos permitir olhar para dentro (BREWIS; LISTEAD, 2000, p. 290).

Trabalhos contemporâneos, presentes nos estudos organizacionais, sobre gênero vêm sido publicados no Brasil (ANDRADE; SILVA, 2016; CARRIERI *et al.*, 2013; FIALHO *et al.*, 2018; HRYNIEWICZ; VIANNA, 2018; MOLINETE; BARCELLOS; SALLES, 2017; SILVA; CAPPELLE, 2016), corroborando com trabalhos do mundo ocidental (BREWIS; LISTEAD, 2000; HALES; RIACH; TYLER, 2018; HANCOCK; SULLIVAN; TYLER, 2015; LEWIS, 2014; MCCARTHY; MOON, 2018; REID, 2018) A saber, a prostituição como trabalho não reconhecido atravessa a esfera do invisível, atividade que não gera reconhecimento laboral e, por vezes, levam a silenciamentos e mascara a construção de identidades sociais dessas mulheres (SILVA; CAPPELLE, 2017). Por vezes, as relações sociais mais próximas como amigos e familiares, não sabem sobre a atividade do sexo, embora muitos se beneficiem financeiramente do trabalho (SILVA; RABELO; PEREIRA, 2007).

No Brasil, apesar de existir, o reconhecimento do profissional do sexo desde o ano de 2002, classificado pelo CBO pela numeração 5198-05 (MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO, 2002), não existe aprovado um projeto de lei que regulamente a atividade da prostituição. O projeto de lei que tramita na câmara através da Lei 4.211/2012, traz o nome de Gabriela Leite, falecida em 2013, ativista, prostituta e figura recorrente na luta por garantia de direitos para a categoria prostitutas (LENZ, 2014).

Sanders (2008) confere significado ao comércio do sexo, que é reconhecido e regulado, sendo parte integrante da economia formal. Como

exemplo, por meio de canais de TV a cabo pornográficos comercializados por empresas brasileiras. Ainda, no Brasil, o mercado do sexo da prostituição não é legalizado. Porém, não é oficialmente criminalizado e ao gerar valor econômico, configura-se como mercado das “sombras” (SANDERS, 2008). Sanders (2008), ainda chama atenção para o amplo mercado relacionado do desejo sexual, o qual esbarra em questões criminais, tráfico humano e, por consequência, na exploração sexual ou escravidão contemporânea (PARREÑAS; HWANG; LEE, 2016; SANDERS, 2008).

Dessa maneira, situado nos Estudos Organizacionais, gênero está presente nas mais diversas esferas do trabalho e organizações e, portanto, é essencial que esteja em pauta. Por exemplo, Hales *et. al.* (2018), pensam a indústria do sexo, por meio da imagem apresentada para venda, em sites corporativos, e como afeta a experiência do trabalho com o sexo, relacionados a clubes de dança. Ao problematizar as promessas feitas pelo *site*, o qual produz o *marketing* da casa, afirmam que existe um duplo desejo, os quais se relacionam entre o que é prometido e o que é, de fato, experienciado (HALES; RIACH; TYLER, 2018) nem sempre correspondendo às expectativas geradas.

Ainda na esfera do trabalho, Tyler (2011), aborda o termo de “trabalho abjeto”; a partir da pesquisa desenvolvida em *Sex Shops*, localizados no Soho, bairro de Londres (TYLER, 2011). A definição do trabalho abjeto indica, atração e repulsa simultânea, tentação pelo desejo concomitante com o trabalho sujo e repulsão por aqueles que o realizam (DUFFY; HANCOCK; TYLER, 2017; HANCOCK; SULLIVAN; TYLER, 2015). Assim, em acordo com uma forma de abjeção, as mulheres experienciam a prostituição, expondo o corpo a violações e vulnerabilidades (BUTLER, 2016). Afinal, existem riscos intrínsecos na prostituição, como a violência, a exposição social e as preocupações relacionadas com saúde, criminalização, marginalização, exclusão dos direitos civis e trabalhistas e das comunidades locais. Assim, como existe o imaginário do desejo e estratégias das mulheres que desenvolvem a atividade do sexo.

Existem distintas maneiras de se perceber a atividade feminina do sexo e, entre as correntes feministas, não se percebe consenso em torno da significação da prostituição como trabalho e/ou escolha possibilitada a partir da liberdade de uso do próprio corpo e/ou precariedade e forma de violência. Exemplo desses posicionamentos divergentes é a teoria abolicionista, defensora

da perspectiva da prostituição enquanto opressora, na condição das mulheres como vítimas do patriarcado (JEFFREYS, 2005; PATEMAN, 1993). Sua visão opositora, a teoria liberal feminista, considerada pró-prostituição, defende que as mulheres se empoderam quando, mediante o poder de escolha, decidem comercializar o seu corpo e exercem, por meio dessa decisão, o seu direito de liberdade, posição esta que não implica, contudo, que se deixe de reconhecer a precarização de algumas formas de prostituição (JOLIN, 1994). No entanto, não se idealiza buscar um consenso entre teorias feministas, tal como afirma Butler (1990), ao ressaltar a pluralidade do feminismo e as possibilidades fluídas de existências. Diante de tal afirmação, observar e compreender as relações normativas que localizam as mulheres prostitutas, enquanto marginais, coaduna com a perspectiva desse trabalho, o qual pretende desconstruir, desestabilizar, refletir não apenas as normas, mas as relações de poder que as constituem.

Por fim, porém, não como ponto final, é importante identificar saberes ordinários, saberes que ordenam e subvertem a ordem da atividade do sexo, e que constroem e desconstroem saberes. A atividade venal do sexo configura palco de diversos conflitos e passa por questões de gênero e pela própria marginalidade da atividade, lugar na qual é constituída (CARRIERI, 2014; FOUCAULT, 1999). Empreender esses saberes é parte de um longo processo sócio-histórico e está longe de um consenso, não sendo a intenção dessa pesquisa. Nesse sentido, busca-se compreender as formas de normalização e cristalização de saberes, construções históricas e sociais que permitem o movimento de saber-poder que categorizam disputas políticas relacionadas à generificação dos corpos.

4. (DES)CAMINHO METODOLÓGICO: CAMINHANDO E REFLETINDO ¹⁸

Em relação ao tipo de pesquisa, este projeto abarcou duas dimensões: uma de natureza qualitativa e outra de perfil descritivo. A abordagem foi qualitativa, dada a pretensão de contato direto da pesquisadora com as *sugars*, como forma de estudar o fenômeno e obter sua compreensão, por meio da própria perspectiva das sujeitas de pesquisa e dos aspectos subjetivos a elas relacionados. A pesquisa é também descritiva, uma vez que busca observar e descrever as características de determinado fenômeno, com o intuito de explanar dados ou fatos da própria realidade (COLLIS; HUSSEY, 2005).

Desta forma, buscando-se responder os objetivos desta pesquisa, são apresentados a seguir os procedimentos metodológicos adotados nesta dissertação.

4.1 O caminhar e refletir do método

Os dados produzidos por meio de entrevistas e documentos, posteriormente foram triangulados na busca de um descaminho, pautado na ética e reflexividade, presente na possibilidade da analítica *queer*, a qual pretende desconstruir performances organizativas (RIACH; RUMENS; TYLER, 2014). A triangulação de dados presente no estudo não buscou dar mais verdade ao fenômeno estudado (ZAPPELLINI; FEUERSCHÜTTE, 2015), pois, os sistemas de verdades são construções sociais envoltos em relações de poder (FOUCAULT, 1999). O que se pretendeu com múltiplos discursos foi organizar e produzir múltiplos discursos, consonantes e dissonantes sobre o fenômeno.

Nesse contexto, a abordagem utilizada como pano de fundo é a ADC (Análise do Discurso Crítica), cujo pressuposto é analisar as três dimensões: prática textual, prática discursiva e prática social (FAIRCLOUGH, 2001), embora não se pretenda apreender, diretamente, as práticas sociais, por sua vez, refletidas nas práticas discursivas. A ADC possui caráter interdisciplinar, ao aliar teorias linguísticas, sociológicas e políticas na análise da linguagem, e busca mostrar que a linguagem tem potencial, muito além das estruturas linguísticas na produção de sentido. Síncrona com a virada social, a abordagem teórica

¹⁸ Título parafraseado da música “Para não dizer que não falei das flores” cantada por Geraldo Vandré no contexto da Ditadura Militar.

metodológica é inserida em uma problemática social, nesse contexto, produtora e reprodutora de disparidades entre gêneros. Assim, buscou-se desnaturalizar discursos hegemônicos sociais.

Antes de ser um método, a Análise do Discurso Crítica é uma orientação epistemológica e teórica a respeito da linguagem e dos discursos sociais, dado que as práticas sociais são produzidas no e pelo discurso (FOUCAULT, 2008) e engendradas nas relações de poder e saber. Por conseguinte, a metodologia utilizada vai ao encontro das teorias utilizadas referentes ao dispositivo de poder e saber (FOUCAULT, 1999), como também, em acordo com a analítica *queer*, a qual considera a categoria gênero e organizativa sempre aberta e em constantes transformações (RIACH; RUMENS; TYLER, 2016; SOUZA, 2017) inserida nos estudos organizacionais e parte do cotidiano das *Sugar Babies*.

Ademais, a ADC coaduna com Foucault (1992) na ordem de discurso, na qual a distribuição e o controle do poder se dão via discurso (FOUCAULT, 1992). Assim, os sujeitos são atores sociais, e os discursos são produtores das práticas sociais. Para tal, é preciso considerar a ação dos sujeitos, os quais vivem em negociação em torno do poder que, por sua vez, perpassa todos os processos sociais (FAIRCLOUGH, 2001; ZANONI; JANSSENS, 2015). Nesse sentido, o sujeito é produzido na ordem do discurso. Ao mesmo tempo, pode haver uma transformação discursiva ao ser reconfigurada, alterada e, por isso, ser modificada no e pelos sujeitos (FAIRCLOUGH, 2001).

Esta abordagem busca desvelar as relações, por vezes, ocultas entre uma causalidade e determinação, concomitante com práticas, textos e ações moldadas por relações de poder, as quais constituem e organizam ideologias (FAIRCLOUGH, 2001). A partir da proposta de múltiplos discursos, este estudo explora como as *sugar babies* constituem suas identidades de gênero ante as relações de poder que as perpassam (RIACH; RUMENS; TYLER, 2014). A base do discurso relaciona as práticas de falar e escrever, as quais constituem o mundo social, produzindo identidades, relações e outros aspectos da sociabilidade. Tais fenômenos são realizações práticas, contínuas e fluidas (HARDY; PALMER, 2000).

Para tal, considera-se que a linguagem produz os sujeitos, por meio da interpelação, a qual produz normas e, também, permite rupturas das mesmas (BUTLER, 1990). Diante disso, é preciso, antes de tudo, a percepção da própria

forma do sujeito de significar o mundo, a partir de dado contexto sócio-histórico e cultural, no qual a linguagem figura a sociedade contemporânea e se faz presente nas lutas de poder e nas relações de mudança implicadas pela mesma (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 2007). A partir da linguagem, é possível tanto reproduzir, quanto transformar uma realidade, de forma não determinística.

Nesse sentido, para Fairclough (2001), é importante compreender o discurso conforme três aspectos constitutivos. Em primeiro, o discurso é responsável pela produção dos sujeitos e de suas identidades, enquanto sujeitos sociais. O segundo aspecto compreende que o discurso constitui as relações sociais entre os sujeitos; e, o terceiro aspecto é representado pela construção de sistemas de crenças, sentidos e funções da linguagem, as quais interagem e coexistem no discurso (FAIRCLOUGH, 2001). Trata-se de uma prática tanto de representação, quanto de significação do mundo, ao produzir, constituir, construir as identidades sociais, as relações sociais e os sistemas de signos e significados das crenças dos sujeitos (FAIRCLOUGH, 2001; ZANONI; JANSSENS, 2015). Diante disso:

O discurso contribui para a constituição de todas dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem, suas próprias normas e convenções, como também as relações, as identidades e as instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Dito isso, a linguagem e seu uso implica, antes de tudo, na percepção do sujeito e na própria forma de significar o mundo, em dado contexto sócio-histórico e cultural (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 2007). Entender o uso da linguagem como prática social implica compreender o discurso como modo de ação, como forma pela qual as pessoas podem agir sobre o mundo e, especialmente, sobre os outros, como também o compreender como um modo de representação (AGUIAR; CARRIERI, 2016; HUBER; BROWN, 2017).

Tal análise corrobora com a semiótica crítica, de modo que a construção de sentido transborda o texto escrito. Assim, quando se fala de discurso, inclui-se linguagem, imagem, linguagem corporal, o dito, o não dito, o interdiscurso. Trata-se de uma análise crítica às relações sociais e, de forma explícita, às suas tensões (MAGALHÃES, 2005) e, dessa maneira, se alinha às identidades de gênero e suas representações sociais, pois, são constituídas, a partir de um

discurso socialmente construído e carregado de relações de poder (BUTLER, 1990). Cabe destacar como o discurso exerce poder, ao constituir sujeitos em assuntos historicamente específicos e subordinados (AGUIAR; CARRIERI, 2016; ZANONI; JANSSENS, 2015).

Fairclough (2001) apresenta passo a passo como uma ajuda para pensar o *corpus* do estudo. Nesse contexto, a partir de agora, apresenta-se como foi construída a possibilidade da análise crítica nessa dissertação. Compreende-se que, na ADC, não existe um modelo que deva ser replicado, de modo que esse modelo é didático para a compreensão da análise dessa produção.

O *corpus*, então, se situa nas possibilidades de performances das *sugar babies*, contextualizadas no Brasil, país com histórico de construção escravagista e patriarcal (GONZALES, 1984), o qual produz inúmeros marcadores de diferenças entre os corpos constituídos na história, na sociedade e na cultura (SOUZA, 2016). Assim, por motivos de recorte e aprofundamento, justifica-se as escolhas por mulheres, as quais possuem compreensão e significado do estilo de vida *sugar*, para análise. Nesse sentido, busca-se apreender as relações dispare de gênero, entre as múltiplas possibilidades de performar gênero. Recordar-se que mulher não é sinônimo de gênero e não se pretende reforçar dicotomias entre as relações de homens e mulheres (SCOTT, 1989), e, sim, compreender as *sugar babies* pelos múltiplos discursos sociais empreendidos. Para tal, os subtópicos seguintes discorrem sobre as diretrizes da Análise do Discurso Crítica.

4.1.1. Práticas Textuais

Segundo Fairclough (2001), a análise textual se organiza em quatro itens principais, a saber: vocabulário, gramática, coesão e estrutura social. Em adição, pode-se considerar a constituição e coerência dos textos e as intertextualidades, porém, esses últimos são tencionados, com maior ênfase, às práticas discursivas. O autor afirma que:

Esses itens podem ser imaginados em escala ascendente: o vocabulário trata principalmente das palavras individuais, a gramática das palavras combinadas em orações e frases, a coesão trata da ligação entre orações e frases e a estrutura textual trata das propriedades organizacionais de larga escala dos textos. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 103)

Para apreender o ato performático da *sugar baby*, compreende-se a análise do texto, a partir da construção do “ser” *sugar* (BUTLER, 2019). Frente aos múltiplos enunciados, foram selecionadas as relações semânticas, as produções de sentido; as relações gramaticais, o léxico utilizado, metáforas e possíveis figuras de linguagem, as significações políticas e ideológicas, explícitas e implícitas e, por fim, os silenciamentos entre a esfera do dito e do não dito (FAIRCLOUGH, 2001; MENEZES; OLIVEIRA; DINIZ, 2013).

4.1.2. Práticas Discursivas

Os enunciados produzem os sujeitos, instituições, objetos e, em coprodução, estabelecem modalidades enunciativas, de modo que o sujeito, as instituições e as organizações que falam são envoltas no discurso. Concomitantemente e para quem se produz o enunciado e o recebe, as modalidades enunciativas são, igualmente, importantes. Assim, a “visão da relação entre sujeito e enunciado é elaborada por meio de uma caracterização de formações discursivas constituídas por configurações particulares de modalidades enunciativas” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 68). As modalidades enunciativas analisadas em relação às *sugars* referem-se a proposições, hipóteses, descrições, tentativas de regulação, dentre outros modos organizativos (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 2007). Nesse sentido, se buscou compreender as modalidades enunciativas, as quais possibilitam e circunscrevem a atividade da *sugar baby*.

As modalidades enunciativas existentes estão localizadas na história e entre possibilidades de discursos correspondentes às condições sociais do discurso. Dessa forma, considera-se o contexto situacional, localizado; o contexto verbal e suas ligações com outros enunciados; ambos imprescindíveis para possibilitar as interpretações (FAIRCLOUGH, 2001). Considera-se, sincronicamente, quem enunciou e como o enunciado foi possibilitado. Assim, significa-se contexto, texto, significado. O autor de ADC afirma que:

Os processos de produção e interpretação são socialmente restringidos num sentido duplo. Primeiro, pelos recursos disponíveis dos membros, que são estruturas sociais efetivamente interiorizadas. normas e convenções, como também ordens de discurso e convenções para a produção, a distribuição e o consumo de textos do tipo já referido e que foram constituídos mediante a prática e a luta

social passada. Segundo, pela natureza específica da prática social da qual fazem parte, que determina os elementos dos recursos dos membros a que se recorre e como (de maneira normativa, criativa, aquiescente ou opositiva) a eles se recorre (FAIRCLOUGH, 2001, p. 109).

Inicia-se pela interdiscursividade e a intertextualidade manifesta, as quais focalizam a produção do texto (FAIRCLOUGH, 2001). Desse modo, a interdiscursividade estratifica o estilo do discurso empreendido e os múltiplos contextos sociais nos quais foram produzidos. Já a intertextualidade manifesta é considerada “uma área cinzenta entre a prática discursiva e o texto: levanta questões sobre o que vai na produção de um texto, mas também diz respeito às características que estão manifestas na superfície do texto” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 283). Assim, é necessário considerar, não de forma hierárquica, quem foi que disse? Em qual contexto, a produção do texto está inserida? Qual o passado que permitiu a construção de determinado enunciado? Como ele se localiza no presente?

A análise intertextualidade é pertinente com a relação que o texto estabelece com os outros. Dessa maneira, as relações devem ser pensadas a partir da microanálise e da macroanálise, mutualmente dependentes, sendo a primeira, a nível individual, de identificação de quem diz. A segunda trata das relações com as identidades sociais e dos discursos legitimados e excluídos, e da identificação dos dispositivos de poder em tal trecho (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 2007; ZANONI; JANSSENS, 2015). Por fim, as práticas discursivas se atentam aos temas trazidos à margem e coaduna com o modo de compreensão e de representação da *sugar baby*, os discursos consonantes e dissonantes sobre a atividade.

4.1.3 Práticas Sociais

Na última característica de análise da ADC, as práticas sociais, destaca-se o caráter ideológico de uma suposta neutralidade, da qual a análise do discurso crítica se distancia (LAZAR, 2007). Isso porque “a prática social tem várias orientações – econômica, política, cultural, ideológica e o discurso pode estar implicado em todas elas, sem que se possa reduzir qualquer uma dessas orientações do discurso” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 94). Portanto, ainda que imbuído de um discurso de neutralidade e concebida por um discurso de que

sempre foi dessa forma, vale lembrar dos discursos produzem um efeito de verdade (FOUCAULT, 1999).

Por isso, para compreender o *corpus* do estudo empreendido, enquanto prática social, fez-se necessário perceber os sistemas de classificações construídos (AGUIAR; CARRIERI, 2016) relacionados às *sugar babies*. Atentar como as performances de gênero atuam e são construídas em seu contexto; compreender a relação entre os discursos do negócio das *babies*; os discursos da empresa empreendida; e identificar os processos no dia a dia e como tais vivências são significadas.

4.2 *Produção de Dados*

Os dados da pesquisa foram produzidos por meio de entrevistas e por meio de pesquisas documentais. Para tal, a pesquisa realizou-se, no espaço temporal dos anos de 2018 e 2019. Para as entrevistas, considerou-se que o universo *sugar* abarca tanto homens quanto mulheres, no entanto, essa dissertação teve, como recorte, sujeitas de pesquisa apenas mulheres. Como critério para a escolha das sujeitas de pesquisa foi considerado a auto identificação como *sugar baby*. Cabe lembrar que, nas pesquisas qualitativas, o número de sujeitos entrevistados não é o critério relevante para se determinar padrões de cientificidade (REY; SILVA, 2005) e validade da pesquisa.

Diante disso, este número foi definido no decorrer da pesquisa, a partir do contato da pesquisadora com as sujeitas da pesquisa. Nesse sentido, de acordo com os critérios estabelecidos, foram entrevistadas duas *sugar babies*. O contato inicial foi minha apresentação enquanto pesquisadora da área de Administração com foco em identidades de gênero, com a intenção de produção de dados sobre o estilo de vida *sugar*. Importante ressaltar que o estilo de vida *sugar* é produz múltiplos significados, os quais apareceram durante o contato com as possíveis entrevistadas. O problema de pesquisa, apareceu na fase de contato com as entrevistadas, pois, algumas afirmaram não serem garotas de programa ou não serem criminosas e optaram por não se expor à entrevista. Fato esse que dificultou o nível de interações com as entrevistadas.

. As entrevistas foram feitas através de um roteiro semiestruturado (Apêndice A). O roteiro contou com questões definidas *a priori*, as quais

permitiram o início da conversa, de modo que foram fluído e se alterando, entre a pesquisadora e as sujeitas de pesquisa, sendo que o roteiro de entrevista é composto das seguintes questões guia: 1 a 5, apresentação da *sugar baby*; 6 a 9, contextualização da entrevistada sobre “ser” *sugar*; 10 a 13, significado dos encontros; 14 a 16, as experiências no *site* como promotor dos encontros; 17 a 22, sobre o significado conferido à atividade *sugar*; e 25 a 30 conclusão.

Tal técnica permitiu elucidar possíveis questões passíveis de ocorrência, durante o processo da entrevista, e elucidá-las, para agregar às discussões propostas (BONI; QUARESMA, 2005). A decisão de realizar entrevistas semiestruturadas é correspondente à abordagem discursiva, na qual se procurou analisar as construções das identidades das sujeitas, situadas, historicamente, por meio das interpelações experienciadas (FAIRCLOUGH, 2001). Para manter o sigilo das entrevistadas foram utilizados nomes fictícios para nomear as *sugar babies*. Desta forma, elas foram nomeadas nessa dissertação de Camila e Ester.

- Camila, 20 anos, estudante universitária.
- Ester, 21 anos, trabalha no comércio.

As entrevistas foram produzidas pessoalmente, após a contextualização do objetivo de pesquisa e leitura do Termo Livre e Esclarecido (APÊNDICE B). As entrevistas foram realizadas nas casas das entrevistadas, conforme preferência das mesmas. Todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. E tiveram áudios de 40 minutos e 34 minutos, com média de 37 minutos. As transcrições tiveram o total de 27 páginas transcritas para posterior categorização, conforme será retornado no tópico a frente. Destaca-se ainda que foram contactas 30 mulheres através de páginas da internet, fórum de discussões e perfis auto denominados *sugar*, porém, apenas duas consentiram a entrevista semiestruturada, gravada e de forma interativa.

Foram contactadas mais de trinta mulheres, que por meio das redes sociais se auto intitulavam *sugar baby*. Foram entrevistadas um número menor pois, não houve uma taxa de resposta significativa. Ressalta-se também que sete mulheres responderam as perguntas por meio das redes sociais, relataram experiências e mesmo negócios empreendidos que atravessam o mundo *sugar*. No entanto, quando convidadas a participar de entrevistas gravadas, as mesmas declinaram do convite. Apesar de terem confirmado que os dados poderiam ser utilizados para a pesquisa, optou-se por não os incluir por não atenderem aos

princípios básicos da entrevista oral gravada e a ausência do termo livre esclarecido.

Ainda como produção de dados utilizou-se documentos como fonte. Segundo Prior (2008), documentos são muito usados para pesquisas na área de Ciências Sociais, pois são fonte de informação e podem servir de apoio para construção de linhas históricas sobre determinado assunto. Vale ressaltar que nessa dissertação documentos são “quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano” (PHILLIPS, 1974, p. 187). Corrobora-se com Coffey (2014) que a análise documental deve levar em consideração os contextos nos quais o documento foi produzido e analisado, dada a possibilidade de informações sobre um cenário social. Nesse sentido, a produção de dados documental permite à pesquisa o entendimento sobre o contexto histórico, social e a identificação de documentos a serem utilizados e analisados.

Dado que documentos não são objetos históricos neutros, que reproduzem um passado, ao se embasar em documentos para a construção histórica os pesquisadores o devem fazer criticamente (CARNEIRO; BARROS, 2017). Assim, nessa dissertação foram analisados como documentos (1) o site que promove encontros entre as *sugar babies* e os *sugar daddies*: Meu Patrocínio; (2) o livro “Como Conseguir Um Homem Rico – Dicas Para Encontrar Amor e Dinheiro” de autoria da CEO fundadora do Meu Patrocínio; (3) páginas e grupos de *sugar babies* públicos no Facebook. Os dados foram retirados do livro, a partir da técnica de análise documental. Dada a construção sócio, histórica e cultural dos corpos, o livro, enquanto documento, situa a performance contemporânea pretendida da *sugar baby*. Todos os dados foram transcritos, organizados e categorizados produzindo aproximadamente 70 páginas de documentos. Vale lembrar que a análise documental permite outras fontes de dados, para além das oficiais, reconhecidas como documentos (COFFEY, 2014). Por conseguinte, documentos foram analisados por meio de discursos disponibilizados na internet.

Compreendeu-se o espaço virtual como um espaço fluído, tal qual o espaço físico. Nesse sentido, não existe a dicotomia entre um e outro. A produção de sentido não se separa entre um online e um offline, os quais são produzidos concomitantemente (TAYLOR; SPICER, 2007). Por isso, os dados

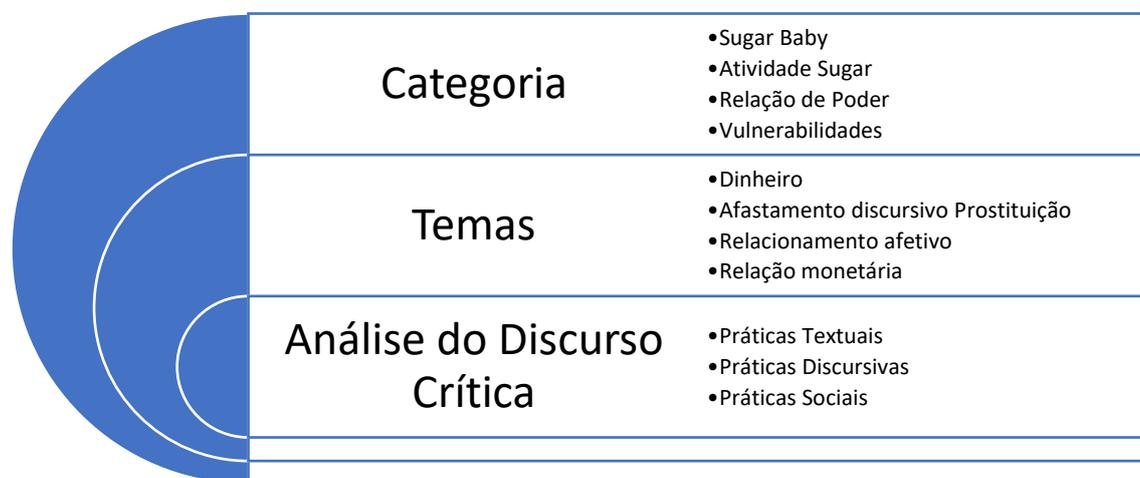
documentais foram produzidos e tratados durante a produção da pesquisa, considerados, então, dados secundários para investigação (TAYLOR; BOGDAN; DAVAUULT, 2016). Os espaços virtuais foram igualmente considerados como espaços de produção de discursos, práticas discursivas e práticas sociais.

Discorre-se que para fins de categorização foram considerados os dados produzidos no site Meu Patrocínio como “Documento A”; dados produzidos no livro Como conseguir um homem rico como “Documento B”; por fim, os dados produzidos em páginas públicas do Facebook como “Documento C”. A produção de dados foi organizada por meio dos discursos, orientados pelos objetivos de pesquisa. Sendo assim, compreendeu-se a produção de dados de acordo com palavras chaves orientadoras para os dados, a saber: sugar baby, mundo sugar, relacionamento sugar, dinheiro, acordo, mimos, prostituição.

4.3 Tratamento de Dados

Considera-se o *corpus* ampliado pelas possibilidades de pensar a *sugar baby*, a partir de sua própria perspectiva. Como também, por meio dos discursos da empresa, representados pelo livro “Como conseguir um homem rico” e pelo site Meu Patrocínio. Por fim, pela perspectiva de usuárias e usuários que conhecem o termo *sugar baby* e a prática social, representados, por meio de relatos produzidos na internet, onde os discursos circulam. Sendo assim os dados foram separados por categorias, temas e posteriormente analisados pela Análise Crítica do Discurso, conforme quadro abaixo:

Figura 1 - Síntese de tratamento de dados



Os documentos analisados via internet tiveram todos os links conferidos e validados na data 27/01/2020. De acordo com as datas do ano 2018 e 2019 foram analisados os *links* disponibilizados pela empresa Meu Patrocínio. Foram analisadas as abas: *Sugar* (O que é uma *sugar baby*, O que é um *sugar daddy*, Relacionamento *sugar*, Como Conquistar um homem rico); como funciona; Imprensa, *Blog* e *Login*. No recorte temporal proposto, na aba “Imprensa” foram encontradas 50 e 19 reportagens vinculadas aos anos de 2019 e 2018 respectivamente. No mesmo recorte temporal foram encontrados na aba “*Blog*”, respectivamente, 27 e 306 posts referentes ao mundo *sugar*.

Após a leitura de todos os links ativos, foram consideradas todas as abas supracitadas. Contudo, nas abas Imprensa e *Blog*, após uma primeira leitura foram considerados os documentos, os quais continham discursos sobre as *sugar babies*, a atividade *sugar*, relações de poder e vulnerabilidades. Dentre esses tópicos, foram considerados abordagens que envolveram dinheiro (direto ou por meio de mimos); afastamento discursivo da prostituição; relacionamento afetivo e relação monetária. Ressalta-se que foram consideradas 6 abas da imprensa e 10 abas do *blog*, as quais produziram saturação de dados. A saber, para síntese, foram utilizados os documentos e entrevistadas abaixo:

Tabela 1: Síntese de documentos produzidos no site Meu Patrocínio

Fonte	Aba	Link	Categoria
Site Meu Patrocínio	Página principal	https://www.meupatrocínio.com/	Documento A
Site Meu Patrocínio	Imprensa	https://www.midianews.com.br/cotidiano/site-refuta-prostituicao-e-diz-que-sugar-e-evolucao-das-relacoes/362546	Documento A
Site Meu Patrocínio	Imprensa	https://www.meupatrocínio.com/imprensa/2019/10/site-refuta-prostituicao-e-diz-que-sugar-e-evolucao-das-relacoes	Documento A
Site Meu Patrocínio	Imprensa	https://veja.abril.com.br/entretenimento/o-amor-nos-tempos-do-sugar/	Documento A
Site Meu Patrocínio	Imprensa	https://www.meupatrocínio.com/imprensa/2019/09/o-amor-nos-tempos-do-sugar	Documento A
Site Meu Patrocínio	Imprensa	https://www.otempo.com.br/interessa/minas-e-3-em-clientes-de-site-que-patrocina-relacionamento-aberto-1.2175033	Documento A
Site Meu Patrocínio	Imprensa	https://www.meupatrocínio.com/imprensa/2019/04/minas-e-3o-em-clientes-de-site-que-patrocina-relacionamento-aberto	Documento A
Site Meu Patrocínio	Blog	https://www.meupatrocínio.com/5-caracteristicas-que-provam-que-voce-e-uma-sugar-baby	Documento A
Site Meu Patrocínio	Blog	https://www.meupatrocínio.com/novela-sugar	Documento A
Site Meu Patrocínio	Blog	https://www.meupatrocínio.com/que-tipo-de-sugar-baby-voce-e	Documento A
Site Meu Patrocínio	Blog	https://www.meupatrocínio.com/sugar-lady-a-sugar-baby-da-novela-das-nove	Documento A
Site Meu Patrocínio	Blog	https://www.meupatrocínio.com/o-que-voce-precisa-saber-antes-de-entrar-em-um-relacionamento-sugar	Documento A
Site Meu Patrocínio	Blog	https://www.meupatrocínio.com/por-que-alguem-quer-um-relacionamento-sugar	Documento A

Site Meu Patrocínio	Blog	https://www.meupatrocinio.com/de-sugar-baby-esposa	Documento A
Site Meu Patrocínio	Blog	https://www.meupatrocinio.com/fique-com-seu-sugar-daddy-porque-voce-quer-e-nao-porque-voce-precisa	Documento A
Site Meu Patrocínio	Blog	https://www.meupatrocinio.com/7-tipos-de-sugar-babies	Documento A
Site Meu Patrocínio	Blog	https://www.meupatrocinio.com/universidade-e-relacionamento-sugar	Documento A
Site Meu Patrocínio	Como Funciona	https://www.meupatrocinio.com/como-funciona	Documento A
Site Meu Patrocínio	Sugar	https://www.meupatrocinio.com/o-que-e-sugar-baby	Documento A
Site Meu Patrocínio	Sugar	https://www.meupatrocinio.com/o-que-e-sugar-daddy	Documento A
Site Meu Patrocínio	Sugar	https://www.meupatrocinio.com/relacionamento-sugar	Documento A
Site Meu Patrocínio	Sugar	https://www.meupatrocinio.com/como-conquistar-um-homem-rico	Documento A

Fonte: Elaborado pela autora

Tabela 2 Síntese documental no livro

Livro	Categoria
Como Conseguir um homem rico	Documento B

Fonte: Elaborado pela autora

Tabela 3 - Síntese documental produzida no Facebook

Fonte	Página	Link	Categoria
Facebook	Sugar Baby Brasil / Mundo Sugar	https://www.facebook.com/oficialmundosugar/	Documento C
Facebook	Universo Sugar: Sugar Baby Daddy Mommy - Público	https://www.facebook.com/groups/universosugar/?ref=search	Documento C
Facebook	Universo Sugar	https://www.facebook.com/UniversoSugar/	Documento C
Facebook	O Mundo Sugar	https://www.facebook.com/omundosugar/	Documento C

Fonte: Elaborado pela autora

As entrevistas, relatos, textos do site e livros foram transcritos para análises. Cabe informar que, dado que se compreende o discurso para além do texto, algumas imagens do site Meu Patrocínio foram transpostas para serem, posteriormente, analisadas. Os dados produzidos, foram analisados pela análise do discurso crítica, considerando as práticas textuais, práticas discursivas e práticas sociais envolvidas nos discursos. Assim, utilizou-se práticas textuais, práticas discursivas e práticas sociais de maneira que não são indissociáveis, porém, foram didaticamente marcadas durante a análise de dados.

5. Análises das Atividades *Sugar*

Analisar é ao mesmo tempo um processo prazeroso e desconfortável, no sentido de que se apresenta nesses tópicos o aprendizado construído ao longo do tempo de pesquisa. Também se incorpora à construção da dissertação com o campo, o qual permite ser analisado e, simultaneamente, altera quem o pesquisa, quem o lê, quem o compartilha. A produção de dados se deu na trajetória de perceber múltiplos discursos em relação ao estilo de vida *sugar* e das *babies*. Assim, os trechos trazidos para compreensão trazem múltiplos atravessamentos, por vezes síncronos, em outros momentos antagônicos.

Resgata-se, no primeiro tópico, de título “Quem “con\$egue” um homem rico: *sugar babies* “adocicadas”” os sentidos sociais e temporais sobre o que é ser *sugar*. Seguido pelo segundo tópico de título “Doce doce, a vida é um doce, vida é mel”, o qual buscou-se analisar pelo fio condutor do contexto social as vulnerabilidades das *babies*, intrínsecas nas relações de poder. O terceiro tópico, com o título “*Sugar baby* e a atividade do mundo *sugar*” aborda, por meio das relações de poder, o relacionamento *sugar* e suas possibilidades de reprodução da matriz heterossexual de gênero, significado nesse trabalho como atividade.

Consecutivo, o quarto tópico de título “Resistência: o dia a dia do movimento de subversão da atividade *sugar*” apresenta as possíveis formas de resistência às normas hegemônicas de gênero encontradas nos múltiplos discursos que perpassam a atividade *sugar*. Por fim, o tópico cinco apresentou caminhos para a questão proposta “como objetivo principal que buscou responder como os discursos que perpassam a atividade das *Sugar Babies* são capazes de ressignificar a atividade venal do sexo?” representada pelo título “Cardápio: a oferta discursiva da atividade *sugar*”.

Para as análises compreende-se, no sentido macro, as relações de poder que constituíram gênero, as quais forjam a subjugação das mulheres aos homens. Em continuidade, por acessarem maiores espaços relacionados à terra, empregos e oportunidades foram forjados em uma sociedade em que homens brancos são mais ricos¹⁹, em detrimento das mulheres brancas e negras, respectivamente. Os homens negros, em questão de renda, ganham menos que

¹⁹ Dados representados pelo IBGE - Recuperado em 15 novembro, 2019, de file:///C:/Users/User/Downloads/liv101681_informativo.pdf

as mulheres brancas. Assim, as análises contêm, em primeiro plano, a construção discursiva de quem é essa mulher, a *baby*, que consegue homens ricos. Reiterada pela a construção da *sugar baby* e com o relacionamento com o *sugar daddy*, enquanto atividade do sexo, bem como sua vulnerabilidade social.

Têm-se, no micro, a construção da performatividade da *sugar baby* relacionada à performance dessa mulher que apreende como conseguir tal homem rico e suas formas de resistência. Destaca-se que o micro e o macro estão separados por questões de compreensão prévia, porém, durante a análise, permaneceram tal qual as relações de poder, radiais e múltiplos, assim, se integram e se atravessam, de maneira que se influenciam hora sincronicamente, hora antagonicamente, portanto, não existem em separado. As produções de dados das entrevistas e documentos são os fios condutores para a análise crítica do discurso da atividade *sugar*.

5.1 Quem “con\$egue” um homem rico: *sugar babies* “adocicadas”

O livro “Como Con\$eguir Um Homem Rico – Dicas Para Encontrar Amor e Dinheiro”, é o ponto de partida por meio do título do livro utilizado para compor o subtítulo deste tópico. O subtítulo do livro traz “dicas para encontrar amor e dinheiro”. O amor entra em cena, em segundo plano, tal qual o subtítulo alinhado com o dinheiro. O advérbio de modo “como” indica o início de um livro que opera como um manual de comportamentos. Tais dicas e manuais, operam na construção da performatividade pretendida na identidade da *sugar baby*, significadas como mulheres que conseguem os homens ricos. Dessa forma, o livro organiza a identidade de gênero da *sugar* “[...] como uma história pessoal/cultural de significados recebidos, sujeitos a um conjunto de práticas imitativas que se referem lateralmente a outras imitações e que, em conjunto, constroem a ilusão de um eu de gênero primário [...] (BUTLER, 1990, p.197).

A performatividade atua como uma paródia, um falseamento da realidade, intrinsecamente amarrada a relações de poder, na tentativa de criar um discurso unísono de como são essas mulheres (BUTLER, 1990; MARIANO, 2005). Coaduna-se com Judith Butler (2019, p. 213), quando a autora afirma não existir uma identidade estável e sim a “identidade tenuamente constituída no tempo –

identidade instituída por meio de uma repetição estilizada de certos atos”. Para tal se identifica, nessa dissertação, as performatividades estilizadas para se tornar *sugar*. A começar pelo discurso do documento:

(01) Nunca deixe de ser uma menina. Já ouviu dizer que homens são apaixonados por *Lolitas*? Então vamos explicar de onde vem esse termo: ele se refere a um romance inglês escrito por Vladimir Nabokov em 1955. Na história, um professor de poesia se apaixona por sua enteada, Lolita, de 12 anos de idade – daí a origem do termo. *Lolita* foi um dos romances mais polêmicos já publicados no mundo. Continuando nosso raciocínio, homens gostam de mulheres que são meninas, e não estamos falando só de idade, estamos falando de atitudes (DOCUMENTO B).

O trecho (01) apresenta, em forma de conselho, a performatividade para mulheres, representadas por meninas e crianças, justificada a partir dos interesses românticos dos homens por *Lolitas*. A história é trazida para o presente para justificar o discurso reproduzido por um romance vendido na década de cinquenta. Contudo, é silenciada a questão moral do parentesco legal: o padrasto, discursivamente apresentado por um professor de poesia e apaixonado por Lolita, uma criança de 12 anos de idade. Isto posto na esfera do silêncio evitam questões relacionadas ao incesto e à pedofilia, sendo o primeiro moralmente condenável e o segundo crime, ambos com sentidos de julgamento esvaziado. A palavra “polêmica” encerra o raciocínio, como se, de alguma forma, desconectasse a construção discursiva do desejo por uma performance dessas mulheres como meninas. O raciocínio segue, ainda que não tenha sido quebrado de fato e, assim, o desejo do homem é reforçado por meninas, não só na idade, como também, em atitude. O interdiscurso é acionado com a relação permissiva da sexualidade do homem. Assim, reafirma-se o desejo masculino livre, sem problemas de circular na sociedade, ainda quando relacionado à questões morais e criminosas (FOUCAULT, 1999). O trecho continua a dizer:

(02) Seja feminina e pareça delicada. Muitos homens adoram assim. Você deve ser forte e independente na medida certa, com uma dose de charme e sedução, é claro. Ainda que hoje homens e mulheres se confundam porque assumiram tarefas e papéis quase iguais na sociedade, no relacionamento isso não acontece. Você deve ser sempre a “menininha” delicada, frágil e misteriosa. Acredite! (DOCUMENTO B).

A construção do ato performativo, no trecho (02), se dá a partir do imperativo “seja” evocado por um feminino forjado. Retorna-se que tanto o masculino, quanto o feminino são socialmente construídos (LOURO, 2003). Nesse sentido, o feminino se vincula à uma performatividade ilegítima por meio

do discurso como prática social, implícito no conhecimento da leitora sobre o que é ser feminina. Porém, o conhecimento prévio não é o bastante, por isso, alguns atos performáticos constroem a possibilidade do feminino esperado. A saber são postos a partir dos adjetivos: “delicada”, “forte”, “independente na medida certa”, e ainda com uma “dose de charme e sedução”. A última afirmação, considerada por meio do léxico “dose” apresenta um limitador na sedução e se posiciona no oposto de transbordar. Assim, afasta-se, discursivamente, a sexualidade, o charme, a sedução e o desejo dessas mulheres. Ademais, a sexualidade para a identidade da *baby*, *a priori* não é levada em consideração, pois as mesmas são silenciadas, o que reforça, apenas, o desejo do homem (ELMER, 2010), como no trecho (01).

Ainda no trecho (02), a performatividade dos homens e mulheres são supostas como papéis sociais, invisibilizando as relações de poder presentes nos discursos da ação performada, as quais operam identidades (SOUZA, 2017). Tal prática discursiva busca organizar o mundo *sugar* a partir de uma ideologia binária, a qual intenta cristalizar atos performáticos de gênero na tentativa dicotômica de regulações sexistas (FAIRCLOUGH, 2001; HOOKS, 2018a). Assim, engendram normas da feminilidade para as *babies* que buscam homens ricos. O trecho evidenciada a possibilidade das mulheres estarem na sociedade, esfera pública, quase em paridade com os homens (PATEMAN, 1993; UHR et al., 2014). O enunciado evoca o léxico “quase” e reforça as disparidades presentes entre gêneros na esfera pública e refuta tal aproximação para relacionamentos, criando uma negação de paridade e forjando uma dicotomia de tais espaços. Para isso, o relacionamento almejado mantém as performatividade do homem como o provedor como regra, assim o homem rico é explicitado.

As mulheres são retratadas como as “menininhas” no diminutivo, seguidas pelos adjetivos “delicada”, “frágil” e “misteriosa”. A possibilidade estilística do ato performativo resgata os relacionamentos patriarcais, nos quais os homens eram responsáveis por mulheres [brancas] (BUTLER, 1990) por meio do contrato marital. O diminutivo de menina retoma o enunciado (01), no qual a criança está inserida, por meio da Lolita, no desejo dos homens.

A criança reaparece na prática textual, ao remeter à tradução dos termos cunhados para a relação. As palavras traduzidas do inglês para o português

referentes à *Sugar Baby*, o qual se traduz como bebê de açúcar e *Sugar Daddy*, como papai de açúcar, trazem à tona uma relação discursivamente incestuosa. Ainda que as relações não aconteçam entre pais e filhas de fato, os léxicos escolhidos para nomear os participantes da atividade acionam um imaginário social, que, ainda que na esfera do não dito, sexualiza “bebês” representados por “meninhas”, *Lolitas* (FOUCAULT, 1999). Para além do discurso do livro, institucionalmente, o *site* Meu Patrocínio na aba “o que é *Sugar Baby*” elucida o que é para a empresa a definição da mulher *sugar*:

(03) *Sugar Babies* são mulheres que se preocupam com aparência, gostam de se cuidar e sabem o preço da beleza. *Babies* buscam um homem bem-sucedido com quem possam conhecer o mundo e viver momentos maravilhosos, suas metas são claras: crescer pessoal e intelectualmente, parar de se preocupar com as contas, e, claro, conforto, luxo e requinte! (DOCUMENTO A)

No trecho 03, as *babies* são mulheres, não meninas. As normas de performatividade são apresentadas sobre o que se espera das mulheres que optam por fazer o cadastro no *site*. A aparência é a primeira performance de gênero autorizada (PHILLIPS; KNOWLES, 2012) somada a questões monetárias, pois, essa beleza custa portanto tem um preço. A aparência é uma questão importante a ser considerada no Brasil, dado que os padrões de beleza são fortemente marcados por padrões europeus (CALDWELL, 2007; GONZALES, 1984). Assim, a empresa (re)produz um recorte de mulheres que são consideradas belas e quanto a beleza custa individualmente. Na aba supracitada, na data verificada, apresentou-se quatorze imagens que representam as *sugar babies*, sendo apenas uma delas representada por uma mulher negra. As demais são mulheres predominantemente brancas, sendo que as mulheres representadas, brancas e negra, possuem o corpo magro (SILVA; ARAUJO, 2015). Conforme figuras²⁰ reproduzidas abaixo:

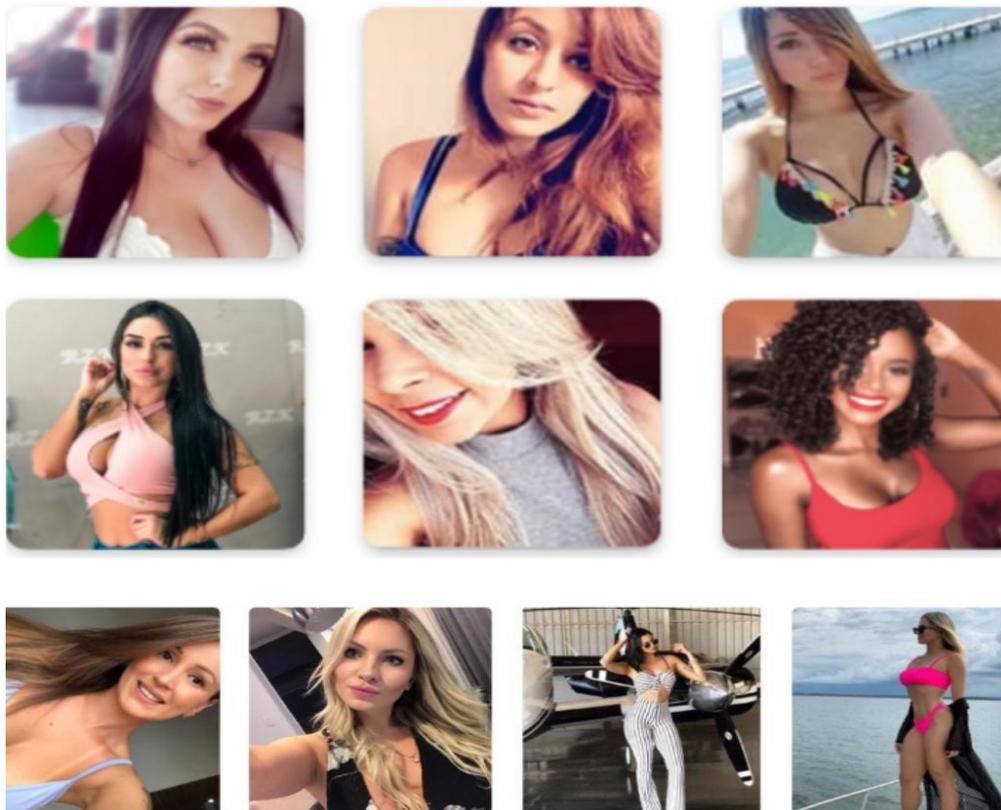
Figura 2 - Site Meu Patrocínio - O que é ser *sugar*

²⁰ Imagens retiradas do site público: <https://www.meupatrocinio.com/o-que-e-sugar-baby/>. A imagem com cores deve ser vista, nesse trabalho por meio do repositório da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) <http://repositorio.ufes.br/>.



Fonte: Site meu patrocínio -

Figura 3 – Site Meu Patrocínio – O que é ser sugar



Fonte: Site meu patrocínio

Para a entrevistada Camila, ser *sugar* é ser alguém interessante que não seja explicitamente vulgar, as fotos tem que ser sutis ao mesmo tempo que mostre que você é uma pessoa viajada ou culta. Para a entrevistada Ester, é só você ser você mesma, sem muitos truques ou preocupações de como performar um estilo. Ressalto que ambas são mulheres novas e brancas. Nas páginas alternativas do *Facebook* algumas mulheres relatam estar esperando a aprovação do cadastro a meses, ou até mesmo ano. As entrevistadas em questão não tiveram demora para o cadastro ser aprovado, questão de dias para o aceite.

Em site do *facebook*, mulheres reclamam da fila de espera: “Queria sair da fila de espera” (Documento C). E o retorno da página do Facebook, mundo *sugar* reforça que existe uma performatividade esperada para ser *sugar*: “É importante saber se o seu perfil está de acordo com as regras do site com fotos de boa qualidade, texto bem escrito. Para mais informações: suporte@meupatrocínio.com” (Documento C).

Em continuidade, apresenta-se, nesse trecho, o discurso biologizante com as performances de gênero, como forma de organizar a sociedade, ao legitimar ou negar certos atos performáticos:

(04) Lembre-se e tome muito cuidado ao se vestir, pois, se você mostrar demais, além de causar uma impressão errada, não deixará nada para a imaginação dele. Vamos fazer uma comparação dos seres humanos com os animais: já reparou que, entre esses últimos, o macho é sempre mais bonito? A juba do leão é muito mais volumosa que é da leoa. As cores da arara macho parece uma pintura! o macho se esforça e faz de tudo para chamar atenção de sua fêmea. Um macho disputa com outro para conquistar seu par. A fêmea jamais vai pra cima dele. Ela atrai até ele vir! Ele se sente importante, como se fosse único, e se exhibe todo achando que é conquistou! (DOCUMENTO B).

No recorte (04), a forma de se vestir é posta como simbólica e discursiva para atrair e se relacionar com os homens ricos. Discursivamente, um estereótipo contido é construído em oposição às roupas extravagantes. A imaginação do homem é expressada como requisito para a mulher se vestir, um discurso falocentrico (BUTLER, 1990). Para além do discurso do homem como centro das vontades e das relações, o texto manifesta as identidades de gênero como biológicas e compara os seres humanos à animais e seus comportamentos. Expressões lexicais como “macho” e fêmea” são utilizadas

para a comparação e produzem uma assimetria de comportamento e beleza, transpostos para a relação empreendida.

Ainda no trecho (04), recorda-se que a identidade de gênero como biológica e determinística não coaduna com a perspectiva discutida no trabalho. Para Butler (1990), sexo e gênero não são separados, no entanto, são constituídos por meio de relações de poder, estando situados em determinado período temporal, social, histórico e cultural. O trecho forja uma possibilidade de acasalamento, como acontece entre algumas espécies de animais e negligência, inclusive, que tal maneira de atração ou aparência não é uma regra de macho e fêmea no mundo animal. As autoras apresentam performances das mulheres com o léxico “espécie”, termo utilizado nas Ciências Biológicas:

(05)Na espécie humana, algumas mulheres inverteram essa paquera. Sim, elas foram para o ataque. E usam todas as armas possíveis: decotes, unhas longas, cabelos lindo sendo jogados de um lado para o outro (jogo de sedução), calças justas (algumas vezes temos a impressão de que ela pulou de cima do guarda-roupa ou passou manteiga para entrar) e seios fartos (naturais, sutiã com bojo e o silicone). Sabe aquele ditado de que menos é mais? Ele se aplica aqui. Você pode ser sedutora, mas não precisa exagerar nas armas visuais usando todas de uma vez. Uma mulher que apresenta tudo isso junto e misturado acaba assustando os homens. Seja sexy sem ser vulgar. (DOCUMENTO B)

Verificado o trecho (05), percebe-se que a possibilidade de as mulheres partirem de relações generificadas igualitárias é apresentada como subversão. A participação ativa nesse tipo de relacionamento não é admitida. Mesmo escolhas de vestuário, unhas e corpo são apresentadas como um não ser feito, uma colonização dos corpos, em favor de um sistema patriarcal (HOOKS, 2018b). A sexualidade, o desejo e a sedução são negadas e silenciadas como possibilidade e, quando minimamente acionadas, são circunscritas e diminuídas (FOUCAULT, 1999). As práticas discursivas, por meio dos ditados populares, reaparecem como forma de convencimento e reconhecimento social (FAIRCLOUGH, 2001). Os dizeres “menos é mais” e “seja sexy, sem ser vulgar” ativam processos de normalização da identidade *sugar* e se distanciam do estereótipo das mulheres que vivem explicitamente da venda e sexualização do corpo. Apesar do texto caminhar por um manual de performatividades possíveis, a naturalidade é novamente manifestada:

(06)(...) não adianta se modificar para agradar o outro e vestir uma máscara, porque um dia ela cai. Quer coisa mais atraente que ser você mesma, em sinceridade e essência. Dessa forma ele irá se

apaixonar por alguém que existe de verdade e não por uma personagem (DOCUMENTO B).

No trecho (06), o discurso expressa o oposto da construção do livro sobre o ato performático produzido, como forma de engendrar uma identidade sem máscara. Vale lembrar que a identidade essencial é falseada, pois, as identidades são fluídas, estão sempre em aberto, tal qual uma linha de fuga, permitida assim a subversão através do movimento (BUTLER, 2019; DELEUZE, 1996). O site ainda, faz uma lista com cinco características que devem ser evidentes e qualificam a mulher como *sugar baby*, sendo elas: “Prefere se relacionar com homens mais velhos; é ambiciosa; tem auto estima e é auto confiante; respeita o espaço do parceiro em um relacionamento; é sincera e transparente.” (DOCUMENTO A).

Esse tópico buscou evidenciar modelos de performatividades autorizadas, as quais produzem discursos que vão ao encontro dos sentidos sociais e temporais sobre o que é “ser” sugar. Ainda que as identidades sejam múltiplas, o *site* faz um recorte de quem são, como devem performar e o que se espera de tais mulheres. O relacionamento que a *baby* busca com o *daddy*, é representado explicitamente pelo homem mais velho. A associação da prática discursiva da *baby* com o dinheiro é representada pelo adjetivo ambiciosa. Por fim, ela deve ter confiança, dar espaço e ser sincera, pontos que foram exploradas nos tópicos seguintes.

5.2 “Doce doce, a vida é um doce, vida é mel”²¹

Esse tópico apresenta os discursos presentes no contexto social, na busca de possíveis vulnerabilidades vivenciadas por *sugar babies*. A empresa Meu Patrocínio discursa de como é doce, um pote açúcar, indicando que o recheio são as *sugar babies*: “Entre para o nosso “pote de açúcar” cheio de Sugar Babies!” (DOCUMENTO A). A construção discursiva imperativa, afirma uma docilidade nesse pote com *sugar babies*. O título, referente a música doce mel, é provocativo no sentido de compreender se o cotidiano da *sugar baby* coaduna com a doçura prometida ou se são acrescentados novos temperos, até mesmo o fel experimentado por situações de vulnerabilidades.

²¹ Música Doce Mel – Cantada por Xuxa no Xou da Xuxa 2. Compositores: Renato Correa José Maria/ Cláudio Ferreira Rabello.

A atividade sexual, configurada com um relacionamento entre a *sugar baby* e o *sugar daddy* tem como premissa uma troca financeira seja ela por meios diretos, o dinheiro em si, ou mesmo por meios indiretos, os ditos mimos. Não é qualquer homem que a *sugar* almeja conseguir, mas apenas o rico. Têm-se então uma disparidade de renda entre os interessados. No trecho (07), a relação com a *sugar baby* se apresenta a partir da idealização do homem provedor;

(07) Veremos como escolher o tipo de homem ideal, afinal, é difícil gozar de uma boa vida e ser verdadeiramente feliz quando você tem que se preocupar com uma coisa tão básica quanto pagar uma consulta de dentista (DOCUMENTO B).

Assim, no trecho (07), o homem reaparece como facilitador de cuidados, e mesmo como salvador de vulnerabilidades comuns à alguns grupos de mulheres, como a falta de acesso à renda e saúde (BUTLER, 2016). A felicidade e dinheiro são interconectadas e a solução não é representada por políticas públicas de acesso à saúde, ou mesmo a possibilidade das mulheres trabalharem e terem renda suficiente para acessarem o básico, representado no trecho por uma consulta de dentista. Outros discursos que abordam o dinheiro são acionados e seguem relacionados no trecho (08):

(08) A Verdadeira relação com o dinheiro. [...] “Em casa que falta pão, todos brigam e ninguém tem razão.” [...] “Quando a pobreza bate na porta, o amor sai pela janela.” [...] O combinado não sai caro. Pelo contrário, depois de ler esse livro você vai perceber que o COMBINADO É LUXUOSO! (DOCUMENTO B)

O efeito de verdade alusivo às questões financeiras reaparece no trecho (08), explicitamente, quando enuncia o que é uma “verdadeira relação com o dinheiro”, como se todas as outras fossem falsas. Na tentativa de cristalizar o efeito de verdade as autoras optam por ditados populares amplamente divulgados no senso comum. A falta, a pobreza, as brigas, a fome, aparecem em uma clivagem de vulnerabilidades existentes, quando há ausência de dinheiro. O ditado, como prática textual, “o combinado não sai caro” é exposto, sem elucidação de ser igualmente um ditado popular, é ressignificado pelo adjetivo luxuoso. O léxico escolhido, em letras maiúsculas, reforça a importância de uma relação combinada com dinheiro. A possibilidade performativa é discursivamente contínua, ao relacionar vulnerabilidades, dinheiro, relacionamento, a partir de um espectro constitutivo como inseparáveis da felicidade, hora dados explicitamente, hora implicitamente.

Em encadeamento da necessidade do dinheiro outros receios permeiam a questão da vulnerabilidade, permeados na prática social:

(09)O ponto negativo que eu mais enxerguei, foi esse, essa visão patriarcal. O homem que fornece o dinheiro tem total controle sobre você. E eu achei bastante questionável, eu fiquei encucada com o tanto que eles sentem prazer em você ser dependente dele. Eles gostam de saber que você depende deles e é por isso que eles acabam procurando essas meninas assim. Porque eles gostam, tipo assim: “olha só to te dando dinheiro aqui, olha eu te ajudando aqui”. (Camila)

No trecho (09), a entrevistada Camila expõe um modelo de sociedade patriarcal no qual o homem não só provê o dinheiro para as mulheres, como também, as controla por entenderem que o fato de serem provedores lhes confere esse direito. Butler (1990), apresenta os modelos de casamento “entre os homens”, pois, os contratos eram feitos entre o pai e o marido, ambos responsáveis não só pela parte financeira das mulheres, como também por todos os seus direitos perante a sociedade. As mulheres [brancas] havia uma divisão entre o público e privado (PATEMAN, 1993). Camila ainda se mostra incomodada por uma questão de prazer relacionada a dependência financeira na relação. Portanto, o dinheiro representa vulnerabilidades, assim quando a questão da troca do relacionamento é a busca pela atividade de troca venal explicitamente e a *baby* não encontra a contrapartida esperada:

(10)Tem pontos positivos quando você se relaciona com pessoas que realmente sabem qual a proposta do site – que, para mim, é um relacionamento recíproco e o crescimento profissional. Só que existem alguns que se aproveitam disso e acham que estar no site significa se relacionar em troca de dinheiro. Acho que esse é um ponto negativo, pois encontrei muitos homens casados em busca de diversão a troco de favor sexual (DOCUMENTO C).

De acordo com o relato encontrado no documento C, a questão financeira não é propriamente uma questão de vulnerabilidade social. Nesse sentido o enunciado é apreendido com as múltiplas possibilidades dos discursos, os quais podem ser antagônicos, radiais, síncronos ao circularem por meio de relações de poder (FOUCAULT, 1992, 1999). O que altera na perspectiva do trecho (10), a proposta do mundo *sugar* enquanto atividade de troca “recíproca” e por meio de “crescimento profissional” é tida como objetivo primeiro, o dinheiro é posto implicitamente na relação. A questão da troca explícita do dinheiro quebra a reciprocidade da atividade, comparada negativamente com trocas de favores sexuais e homens comprometidos em casamentos. Assim, tal prática se

aproxima discursivamente da prostituição por configurar trocas financeiras por sexo, trazendo à tona o estereótipo negativo da atividade (GOFFMAN, 2004; RAGO, 1993; SILVA; CAPPELLE; NAVES, 2016). A questão de proximidade com a prostituição é apontada explicitamente no trecho seguinte:

(11)Esse conceito de relacionamento “sugar”, considerado comum nos EUA, ainda causa estranhamento por aqui. Para alguns especialistas, o que é apontado como diferencial pela empresa – unir homens bem-sucedidos, ricos e poderosos a jovens atraentes e ambiciosas à procura de apoio nos estudos e carreira, fornecendo estrutura emocional e financeira – é uma forma de prostituição velada. (DOCUMENTO C)

O discurso encontrado no enunciado (11), caracteriza a opinião de alguns especialistas que apontam a atividade enquanto uma prostituição velada. A questão de gerar valor econômico, ainda que seja discursivamente implícito, nas sombras, configura um mercado que se posiciona na comercialização do desejo sexual (SANDERS, 2005). A questão da troca venal estar somada à fornecer estruturas emocionais, aproxima igualmente as *sugars* das trabalhadoras do sexo, pois, durante o seu trabalho dada a natureza parcial de negociação seus clientes e elas mesmas (BREWIS; LISTEAD, 2000). A troca financeira não é a única interação feita entre as prostitutas e seus clientes, podendo haver trocas emocionais, amizade, companheirismo, dentre outras questões que envolvem a *sugar baby*. A afirmação do trecho sobre ser um prostituição velada aproxima a atividade *sugar* do alto meretrício, o qual não explícita ou nomeia como prostituta as mulheres envolvidas na atividade (OLIVEIRA, 2008; SILVA; CAPPELLE, 2017).

A prostituição se liga a estereótipos tidos como anormais, um submundo que constitui uma repulsa social às mulheres que a praticam (GOFFMAN, 2004; RAGO, 2005), de modo que o afastamento discursivo da prostituição é estrategicamente organizador da atividade *sugar*. Contudo, quando a venalidade da relação vem à tona, de maneira explícita, o imaginário social é acionado e a prática social realoca os discursos como uma atividade suja e ilegítima (FOUCAULT, 1999; GOFFMAN, 2004).

As relações de poder operam múltiplos discursos, de maneira a produzir ideias de verdade que perpassam, de maneiras igualmente múltiplas, os sujeitos e sujeitas em suas possibilidades de performance (BUTLER, 1990). O discurso

do livro minimiza o caráter estereotipado da atividade, ainda que se ligue à relação financista do desejo (ELMER, 2010), a saber:

(12) Dinheiro pode não ser tudo na vida. Mas a falta dele pode ser a causa de muitos problemas. Principalmente numa relação a dois. Estar ao lado de quem se ama e que traga segurança financeira é mais que um desejo da mulher moderna. É uma necessidade que pode ser alcançada por mulheres que sabem se planejar. É para elas que este livro foi feito (DOCUMENTO B)

No trecho 12, a relação com o desejo e o dinheiro se liga à relação a dois, um relacionamento baseado num sistema patriarcal, no qual o homem é o provedor e o responsável pela segurança da mulher. O adjetivo “moderna” se liga ao substantivo mulheres e traz a compreensão temporal para o presente. Um ato performativo é acionado, nesse trecho, e afasta-se, discursivamente, de duas possibilidades (BUTLER, 2019). A primeira, ainda que, no implícito, diferencia a mulher moderna da mulher não moderna, de modo que ser moderna significa ter um homem provedor. Tal discurso é contrário aos processos sócios históricos e culturais brasileiros, pois, contextualmente, a sociedade foi pautada no modelo sexista e racista (GONZALES, 1984), no qual o homem era o provedor e representante legal das mulheres significando, assim, um processo tradicional, não moderno. Vale lembrar que as mulheres brancas eram as mulheres que pertenciam, por meio do relacionamento marital ou de laços consanguíneos, aos homens brancos (PATEMAN, 1993). As mulheres negras pertenceram aos homens brancos como mercadoria, tal qual os homens negros (HOOKS, 2018b), de forma que a subversão ao tradicional aconteceu, e acontece, por meio do feminismo e do antirracismo.

Ainda, no trecho 12, o segundo afastamento caracteriza-se à relação venal dos relacionamentos, afastados discursivamente da prostituição, ainda que, nos relacionamentos tidos como normais, produzidos na e pela matriz de inteligibilidade heterossexual, os relacionamentos conservadores mantenham a configuração do homem como provedor (BUTLER, 1990). O desejo e o amor aparecem em primeiro plano, sendo a diferença de ganhos financeiros, ou mesmo a ausência deles, normalizada pelas performances das mulheres do lar, submissas ao marido e ao modelo patriarcal. Nesse trecho, o dinheiro é protagonista, subvertendo, nesse sentido, o motivador da construção de um relacionamento heteronormativo, sem se ligar *a priori* ao estereótipo da prostituição (BINDEL, 2018; BREWIS; LISTEAD, 2000). A atividade é

discursivamente construída como uma necessidade posta às tais mulheres modernas. O organizar do cotidiano (CARRIERI, 2014) aparece como uma possibilidade, para se alcançar o relacionamento pretendido. Ainda no recorte do livro, o trecho (13) segue reforçando a segurança financeira como organizativa e como primordial no relacionamento:

(13)A segurança financeira que você deseja pode ser alcançada – basta criar um plano e se dedicar a ele. Seu objetivo será encontrar um homem estável financeiramente e que lhe dê valor. Você merece essa paixão a dois: inesquecível e duradoura! Você é uma mulher moderna do século XXI (DOCUMENTO B).

A questão valorativa é acionada, tanto para o homem, no sentido de estabilidade financeira (BUTLER, 1990; CECHIN, 2014), quanto para a contrapartida desse relacionamento: as mulheres. Tal valor de contrapartida fica no implícito e pode representar, a princípio, um interdiscurso com a sociedade, o qual produz o discurso de dar valor, quando alguém quer fazer o relacionamento perpetuar. A paixão e desejo também reaparecem. Os léxicos “merece”, “inesquecível” e “duradoura” constroem o desejo do relacionamento normativo como prêmio. Tal relacionamento é produzido por uma matriz de inteligibilidade, a qual produz relacionamentos heterossexuais como os padrões socialmente aceitos (MISKOLCI, 2009).

O dinheiro permeia e atravessa os discursos postos nesse capítulo de maneira que configura e organiza vulnerabilidades, atividades tidas como ilegítimas frente a sociedade, como a prostituição. Bem como, o casamento enquanto relação legítima (BUTLER, 1990, 2016; FOUCAULT, 1999). De maneira que sua discursividade é alterada de acordo com as relações de poder quem profere tal discurso. Na relação de troca as *sugars babies* estão postas com o caráter financeiro dispare aos do *sugar daddy*, causando uma ideia de vulnerabilidade seja pela falta de dinheiro prévia, pelo controle de um sistema patriarcal, por estereótipos negativos vinculados à atividade e proximidade com uma relação ilegítima. Contudo, a vulnerabilidade quando em movimento compreende-se como parte da resistência política de grupos (BUTLER, 2016).

Grupos de *facebook* foram encontrados como facilitadores de assembleias para *babies* se articularem entre si, denunciar práticas não condizentes com o estilo de vida pretendido. Assim, as *sugar babies* se movimentam ao se defenderem de possíveis vulnerabilidades quando, por

exemplo, expõe o *sugar daddy* que não performa de acordo com o esperado. No documento C, a *sugar baby* denuncia no facebook uma conversa com um suposto *sugar daddy* a quem ela chama de moleque:

[*Sugar Baby – facebook*]: Tem cabimento isso?? A questão ã é *expert* [sic] é ter que aguentar isso, saco cheio com esses moleques?

[*Sugar Baby*]: “Desculpe querido eu gosto de homens mais velho!!

[*Sugar Daddy*]: “Poderia ser uma nova experiência para ambos. Eu poderia pelo menos ver o corpo de uma mulher tão bonita como você?”

[*Sugar Baby*]: Poderia oq [sic]?

[*Sugar Daddy*]: Eu podia ver seu corpo nu, pelo menos você pode fazer isso por mim. [DOCUMENTO C]

A denúncia gerou mais de 100 comentários, sobre a postura do *daddy* o qual foi classificado como *Salt*, que seria uma forma de classificar aproveitadores no mundo *sugar*. A performance de um *salt* é assim classificada quando um *daddy* ou uma *baby* quebram a questão de mutualidade posta na atividade. São classificados como “salgados” os homens que pedem fotos íntimas, sexy, sexo sem a contrapartida financeira de maneira direta ou indireta. Igualmente, mulheres que na relação de troca estão interessadas exclusivamente no dinheiro, ao negar a parte que lhe cabe do acordo de troca. Seja a troca por sexo ou companhia. Para além das questões financeiras, a segurança física é um fator que aparece nos relatos, enquanto vulnerabilidade:

(14)Eu achava situação desse site um pouco arriscada porque corre o risco, sei lá, da pessoa ser maluca. Enfim, roubar seus órgãos. Eu vejo que ainda é muito perigoso, que você não sabe aonde está se metendo que é muito mais embaixo o buraco. Sabe você tá encontrando com uma pessoa que você não conhece. (ESTER)

(15)A gente corre risco né. A gente não sabe quem é a pessoa, acaba se envolvendo ali. Você fica vulnerável a pessoa pode te causar algum mal e te prejudicar de alguma forma. (CAMILA)

Nos trechos (14) e (15) ambas entrevistadas relatam a preocupação com o fato de não conhecerem os *daddies* que possivelmente se relacionariam. No trecho (14), Ester relata a preocupação inclusive com o tráfico de órgãos, prática criminosa que são relacionadas ao mundo criminoso da venda de órgãos ou mesmo o tráfico de pessoas (PARREÑAS; HWANG; LEE, 2016). A vulnerabilidade aparece explicitamente no relato de Camila, quem relaciona a possibilidade do *daddy* lhe prejudicar ou fazer mal. O fato de ser desconhecido é predominante no receio das *babies*. O *site* Meu Patrocínio garante que verifica

os perfis do *daddies* que pertencem ao grupo elite, os demais não possuem essa garantia de verificação.

Esse tópico buscou analisar o contexto social, no qual se movimentam as vulnerabilidades das *babies*, intrínsecas nas relações de poder. A questão do dinheiro de forma implícita ou explícita foi recorrente nos discursos, sejam eles enunciados pela empresa Meu Patrocínio, entrevistadas e documentos verificados. A falta do dinheiro é posta como um dos motivos principais para a busca do relacionamento e manutenção do mesmo. A relação explícita com a troca financeira e a aproximação com a prostituição é mal vista e aproxima a atividade à estereotipia negativa da prostituição (GOFFMAN, 2004; SILVA, K. A. T.; CAPPELLE, 2017). Ao passo que a atividade apenas como sexual ou erótica, por meio de envio de fotos sem o dinheiro envolvida é igualmente associada à estereotipia negativa da atividade.

Portanto, quando as *sugar babies* ou *sugar daddies* não correspondem com o discurso da empresa Meu Patrocínio, são postos como não pertencentes ao mundo *sugar*. Os próprios participantes movimentam se em grupos para expor quais são os comportamentos não aceitos na atividade/mundo *sugar*. Para além da questão da estereotipia, têm se a questão da proteção relacionada ao homem. Para tal, ao cria-se um discurso em que as mulheres necessitam de proteção, incentivo para a carreira e conselhos como se não pudessem alcançá-los por outro caminho. Tal discurso reforça um conservadorismo nas performances possíveis para homens e mulheres, forjando uma dicotomia entre homens e mulheres na sociedade. Os múltiplos discursos evidenciam a miríade de questões que envolvem a atividade *sugar*, para além de um mundo adocicado.

5.3 *Sugar baby* e a atividade do mundo *sugar*

Sugar baby uma nova categoria ou uma nova classificação? Inicia-se esse subtópico com essa pergunta, a qual acompanhou o trajeto para responder o objetivo principal desse trabalho. Busca-se compreender, por meio das relações de saber-poder, a atuação do contexto do relacionamento *sugar*, enquanto atividade do sexo e a forma de reprodução da matriz heterossexual de gênero. Retorna-se em Foucault (1999) para ajudar a responder as questões envoltas a

sugar baby ao tomar como ponto de partida as relações do poder-saber no contexto de quem pode nomear quem e se tornar um discurso legítimo na sociedade. E nesse mesmo sentido, quem ficaria de fora de tão nomeação existindo na esfera do ilegítimo, lugar conferido, por exemplo, à prostituição.

Para analisar os múltiplos discursos envoltos na atividade, inicia-se pela empresa explicitando a relação de venda de serviços, o site Meu Patrocínio comercializa a possibilidade de ser um lugar seguro para os encontros. Os perfis dos clientes são os que se enquadram na performance de *sugar baby*, cadastro gratuito, exceto o *Express* [que adianta a análise para aceitar ou recusar a *sugar baby*]; e o *sugar daddy*, quem paga uma mensalidade para estar no site, sendo o valor de R\$200,00 para membros comuns e R\$1.000,00 para membros elite. O livro “Como con\$eguir um homem rico” aborda as plataformas online que podem ser utilizadas como serviço de encontro de tais perfis. Sendo eles síncrono e direcionado à empresa de encontros:

(16)Esses serviços aproximam homens e mulheres por compatibilidade, portanto, lembre-se dos passos anteriores relativos à construção de seu caráter. Um dos mais disputados hoje chama-se meu patrocínio “www.meupatrocínio.com”. Esse site é especializado em aproximar pessoas que tem o mesmo interesse: unir amor e dinheiro para aproveitar a vida. Sim! Para as mulheres, o cadastro é gratuito. Já para os homens a uma cobrança mensal. Tem medo de entrar em uma fria na internet? (DOCUMENTO B)

O livro versa algumas performances possíveis, supracitadas em análises anteriores, sendo tais perfis utilizados para o encontro de pares. As autoras apresentam a plataforma Meu Patrocínio como facilitadora segura desses cadastros e encontros. Na esfera do não dito, não vinculam que uma das autoras do livro, Jeniffer Lobo, é também CEO da plataforma. A duplicidade do interesse entre amor e dinheiro é novamente posta, e a cobrança explicitada, quando se trata dos homens. A pergunta sobre o receio de entrar na internet, mediante a figura de linguagem “entrar em uma fria”, remete a possíveis inseguranças advindas do contato pela internet conforme discutida no subtópico anterior.

O *site*, se associado ao discurso ilegítimo da atividade, pode ser considerado como um cafetão moderno e subversivo se associado ao discurso ilegítimo da atividade, pois o valor é cobrado do *daddy*. Contudo, se associado à sites que permitem encontros, o que é discurso institucional da empresa, está associado à possibilidades legítimas na sociedade (FOUCAULT, 1999). O

enunciado do livro reforça o objetivo legítimo das mulheres que escolhem se cadastrar e se tornar *sugar*:

(17)Hoje não há mais limites para alcançar a meta desejada e até mesmo conquistar um companheiro inteligente, bem-sucedido e que sabe o que quer. É uma liberdade e um direito seu. Se você encarar assim, vai entender que não precisa se sentir culpada. Nestas páginas você vai aprender, entre muitas coisas, como escapar das “alfinetadas” e julgamentos preconceituosos da sociedade. (DOCUMENTO B)

Há, no trecho 17, o interdiscurso entre a temporalidade de uma mulher limitada na sociedade, posta no passado, em oposição às mulheres livres contemporâneas. O trecho aciona a possibilidade de escolha, e mais, revela os direitos conquistados por meio das lutas feministas (BUTLER, 1990). Tanto a liberdade, quanto os direitos das mulheres, no nível macro, desvelam o movimento possibilitado na esfera pública (GONZALES, 1984; PATEMAN, 1993), no entanto, reifica o relacionamento normativo como sendo a melhor conquista.

Nesse momento, ainda que como escolha, dado que, no passado, era o único caminho legítimo para as mulheres brancas, o relacionar com o homem rico antagonicamente se liga à culpa. Butler (1990) discorre como os relacionamentos eram acordos entre homens, e o principal motivador não era a paixão ou desejo. A riqueza e o enriquecimento das famílias patriarcais eram a finalidade do contrato marital. Assim, a culpa pertence à esfera do não dito. A partir das ligações lexicais com as “alfinetadas” e “julgamentos preconceituosos da sociedade”, o texto recobre o significado social do relacionamento proposto conectado com os estereótipos negativos da prostituição (GOFFMAN, 2004; SILVA; CAPPELLE, 2016). Em contraponto com o estereótipo negativo, o discurso proposto pelo livro reproduz o imaginário social sobre as princesas da Disney:

(18)Os contos de fadas podem invadir a sua rotina agora. Duvida? Nas próximas páginas você vai se surpreender ao descobrir que princesas e príncipes existem e foram feitos um para o outro, afinal, quem disse que o desfecho não pode ser “felizes para sempre?” Para conquistar esse final de protagonista de cinema é preciso ser uma mulher que SABE O QUE QUER. É necessário ser uma mulher que quer conquistar, que tem atitude diante da vida e que vai em frente com seu projeto. É imprescindível deixar claro, desde já, que você deve se dar ao respeito, além de ser muito educada (DOCUMENTO B).

O trecho (18), aciona o imaginário interdiscursivo produzido em relação às princesas da Disney, coproduzidas em relacionamentos amorosos, nos quais os príncipes encantados as resgatam de uma vida complicada, pobre e problemática. O príncipe, então, é construído como salvador, rico e apaixonado (CECHIN, 2014). Tal construção molda e reafirma a possibilidade normativa de um relacionamento heterossexual, constituído como o normal, entre um homem e uma mulher (BUTLER, 1990), ao somar ao contrato sexual (PATEMAN, 1993) a possibilidade de um par romântico.

Resgata-se, no contexto brasileiro, que o racismo, como sistema estruturante de exclusões (ALMEIDA, 2018), afastou e negou a possibilidade do “conto de fadas” para as mulheres negras. Tal negação é reforçada pela ausência das princesas Disney, a qual, mesmo que minimamente, foi representada, não se ligou à possibilidade do príncipe encantado rico, e sim, ao príncipe que, a princípio, negou o trabalho para depois trabalhar com ela (BALISCEI; CALSA; STEIN, 2017). Nesse sentido, tais construções sociais, ainda que na esfera do não dito, revelam relações de poder, ao construir identidades em um imaginário social e produzir o legítimo para determinados corpos e o ilegítimo para outros. É efeito e produção das relações de poder, as quais são múltiplas, radiais, síncronas e, por vezes, antagônicas (FOUCAULT, 1999).

Ainda, no entrecho 18, o modo de organizar do cotidiano reaparece, ao reforçar, em letras maiúsculas que, para esse tipo de relacionamento acontecer, é necessário ‘saber o que quer’. O não dito aparece nos tipos de qualidade que são destacadas para o tipo de mulher que consegue se organizar, para obter o relacionamento dos felizes para sempre. A construção identitária dessa mulher se liga a mulheres que se dão valor e são educadas, produzindo, nesse sentido, o afastamento discursivo de mulheres opostas a essas qualidades comumente ligadas às mulheres marginais e tidas como prostitutas (RAGO, 1990).

O acordo, então, é relacionado à concepção de escolha. Dado o contexto patriarcal escravocrata brasileiro, cabe lembrar que apesar de as mulheres brancas terem sido construídas em lugares subalternos em referência aos homens brancos, estruturalmente, são as mulheres brancas quem acessa lugares privilegiados em detrimento das mulheres negras (GONZALES, 1984; HOOKS, 2018b). Sendo assim, o poder de escolha nesse tipo de relacionamento

é configurado para mulheres que tiveram acesso à renda e a escolhas minimamente relacionadas à burguesia, como estudantes, características essas que permeiam as classificações do alto meretrício (OLIVEIRA, 2008; SILVA; CAPPELLE, 2017). A venalidade da atividade é discursivamente contínua:

(19)Você não tem que escolher ENTRE o amor e dinheiro. Você PODE e merece ter ambos! E para ser feliz deveria ter os dois. Um relacionamento duradouro permite conciliar esses fatores muito bem. Dinheiro com amor é uma combinação PERFEITA para qualquer ser humano. Imagine para você! Afinal, quem merece o melhor em primeiro lugar? (DOCUMENTO B).

No trecho (19), a dicotomia de ser um relacionamento amoroso ou ser um relacionamento ligado ao dinheiro, é posta em xeque. As escolhas dos léxicos são importantes nas possibilidades de performatividade para as mulheres que buscam o livro. A preposição “ENTRE”, em maiúsculo, destaca a tentativa de negar que essa mulher, a qual está sendo induzida a performar de acordo com o livro, precise escolher entre as possibilidades dicotômicas de amor e dinheiro. Nesse sentido, um entremeio é discursivamente possibilitado ligado ao adjetivo, também maiúsculo, “PERFEITA”, para a combinação de dinheiro e relacionamento. Tal qual o discurso, produzido nas e pelas relações de poder, aos poucos, o livro constrói identidades positivadas e possibilidades de performance dessas mulheres (BUTLER, 2019). Ante a tais ligações discursivas, a associação das relações que envolvem dinheiro enquanto prostituição, ou trabalho sexual (MACHADO, 2005), são afastadas. A construção do desejo e consumo são articulados ao estilo de vida almejado:

(20)Reflita sobre alguns questionamentos: Você prefere viajar de primeira classe em um avião em vez de viajar na classe econômica? Está focada em nunca mais se preocupar com contas ou falta de conforto? É determinada a fazer acontecer a união entre felicidade, amor e dinheiro, sem problemas ou cobranças? Se suas respostas foram SIM, você está preparada. Então, SIGA em busca do seu sonho! (DOCUMENTO, B)

As relações de poder organizam a sociedade, de maneira que constituem lugares sociais, símbolos, espaços, organizações, acesso e exclusões (FOUCAULT, 1999). A partir dessa afirmativa, se compreende no trecho (20), os espaços e situações vinculados às pessoas com alto poder aquisitivo. Os mimos são símbolos valorativos, primeira classe, ausência de preocupação com contas e conforto, a felicidade e amor são apresentados como possibilidades inclusivas. Nesse enquadramento, o enunciado produz uma normalização da relação

afetiva financeira, afastada do discurso da prostituição (SILVA; CAPPELLE, 2016). Um outro ingrediente é adicionado ao discurso: a ausência de problemas ou cobranças. O léxico “ou” nessa frase apresenta uma ligação tênue às cobranças ao significá-las como problemas, embora, não seja o enfoque do discurso. A entrevistada Ester, relata uma das situações que podem ser encontradas na atividade sugar em que a cobrança seria um ingrediente não aprovado pelo *daddy*, pois são casados “Tem uns que falam que são casados e estão querendo só uma aventura fora do relacionamento” (ESTER). O imaginário social relacionado com a estereotipia negativa é acionado no trecho abaixo:

(21)Ao contrário do que muita gente pensa, mais do que encontrar um homem que a ajudará a realizar grande parte dos seus sonhos, uma *sugar baby* pode sim se apaixonar e viver uma relação forte e duradoura com um *sugar daddy*. Há muitos casos de Sugar Babies que se tornam esposas de seus Daddies, têm filhos e vivem um verdadeiro conto de fadas. Se esse é o seu sonho, garota, não deixe que ninguém o tire de você (DOCUMENTO A)

O trecho (21), inicia com o adjetivo contrário ao acionar o senso comum em oposição da relação ser estritamente venal e negativada. O homem além do provedor, pode ser também apaixonado e ainda se casar com a Baby. O conto de fadas é novamente acionado e a mulher é responsabilizada por fazer acontecer essa relação dos “sonhos”, e configurada de maneira positiva. As novelas são evidenciadas como espaços em que as relações entre *daddies* e *babies* são reforçadas antes e durante a atividade *sugar* ser comercializada por meio de sites de relacionamento. Ainda que as novelas abaixo não tenham abordado o tema de maneira explícita como relacionamento sugar, a questão da diferença de idade e o homem como provedor é discursivamente evidenciada para justificar a relação como “normal” na sociedade brasileira:

(22)¹ -Francesco e Paola de Terra Nostra – Na novela, Raul Cortez não resistiu aos encantos da personagem vivida por Maria Fernanda Cândido. O *Sugar Daddy* vivia mimando a moça. 2- Leleco e Tessália de Avenida Brasil – A diferença de idade nesse caso, deixa o *Sugar Daddy* bem inseguro, e sua Baby Tessália não gosta nada dessa desconfiança que vem do amado, visto que ela é a típica boa moça. 3- Ana Francisca e Ludovico de Chocolate com Pimenta. – Como não lembrar da protagonista que era humilhada e após um casamento e uma temporada fora volta rica e dona da fábrica de chocolate?! A relação deles é extremamente fraterna, mas além de rica, ele também torna Aninha uma mulher extremamente empoderada. 4- Glauco e Lurdinha de América – O *Sugar Daddy*, empresário muito bem-sucedido, era pai da melhor amiga da Baby nessa história, e ela não perdeu a chance de jogar seu charme e artimanhas até conquistar o bom partido. 5- Doutor Castanho e Suellen de Caminho das Índias – A *Sugar Baby*

desfruta de bailes de gafeira, jantares de luxo e mimos que seu *Sugar Daddy* lhe proporciona, mas ela avisa logo que não quer nada sério e vai cozinhando lentamente a relação que no final acaba em casamento (DOCUMENTO A).

Recorda-se que as relações tidas como legítimas ou ilegítimas são classificadas de acordo com relações de poder (FOUCAULT, 1999). O discurso empreendido no trecho (22), aciona a matriz de inteligibilidade de gênero, pois, o relacionamento sugar é enunciado como normal e apresentado como padrões socialmente aceito (BUTLER, 1990). A novela é um veículo de comunicação de massa e o recorte temporal e a multiplicidade de casais que se relacionaram com os parâmetros do mundo sugar, enuncia uma tentativa de cristalizar como verdade a relação. A questão é trazida para a contemporaneidade ao reificar a continuidade do tipo de relação sugar, de maneira explícita.

(23)Na novela “O Tempo Não Para”, o casal Vera Lucia e Laércio tentavam dar um *upgrade* no relacionamento e descolar uma grana com um *Sugar Daddy*. Ela queria a vida de princesa que merece e, é claro, ajudar em casa. Já na atual novela das nove “A Dona do Pedaço” o estilo de vida *Sugar* não foi escolhido, o destino tratou de unir o casal e ainda por cima inventar um novo termo, o *Sugar Lady*. A relação de Sabrina e Otávio começa de uma forma extraconjugal da parte dele, essa não é uma regra dos relacionamentos *sugar*, mas, ocorrem com frequência já que tendem a ser mais leves e sem pressões que os relacionamentos tradicionais impõem (DOCUMENTO A).

No trecho (13), o relacionamento é valorado positivamente quando a personagem consegue um valor com o daddy, alcançando a vida de princesa almejada. Já na segunda novela, o acaso trouxe a relação sugar à vida dos personagens mas no decorrer da novela o *daddy* e a *sugar lady* foram abordados de forma explícita e com um certo humor. Uma nova classificação foi adicionada, a *lady*, com tradução para dama, é igualmente uma menina nova que em troca da relação recebe dinheiro, mimos (apartamento) do então *daddy*. A questão da leveza e sem cobrança reaparece para o relacionamento, atrelado à homens casados que optam pela atividade sugar. Nesse contexto o relacionamento que têm conotação ilegítima na sociedade é atenuado pela leveza, em contraponto do relacionamento legítimo abordado como opressor.

Resgata-se que nesse tópico analisou-se as relações de poder que constituem as relações díspares de gênero. Por fim, identifica-se a matriz heterossexual de gênero, no processo orgânico de inteligibilidade, na tentativa de normalizar o tipo de relacionamento proposto na atividade *sugar*.

Compreende-se então, uma condição que é social, histórica e cultural que antecede as empresas propulsoras da atividade da *Sugar Baby*. Destarte, a matriz de inteligibilidade de gênero organiza o cotidiano e o imaginário, estilisticamente, por meio atos performáticos possíveis. Ademais, os discursos seguem a direção para com a construir o mundo *sugar* como uma performatividades possíveis que atraem os homens ricos, mulheres “interessantes” que aderem a atividade que explora a relação venal de tal atividade de troca.

5.4. Resistência: o dia a dia do movimento de subversão da atividade sugar

Esse tópico busca compreender as relações de poder e resistência generificadas, as quais envolvem o mundo *sugar*. Distinguiu-se, nesse tópico, as construções discursivas do mundo *sugar*, não apenas como relacionamento. Com isso, buscou-se compreender o mundo *sugar*, tal qual os discursos caminharam até o momento: como atividade. Para isso, os objetivos postos pelos discursos empresarias, o organizar do cotidiano, e a relação com um modo de mercantilizar a atividade, seja de maneira interpessoal ou por intermédio do site foi analisada.

Identificou-se as possíveis formas de resistência em relação às normas hegemônicas de gênero, as quais as *sugars* acabaram desenvolvendo em sua atividade e na possibilidade de performam no mundo *sugar*. Recorda-se que onde há poder, há resistência (FOUCAULT, 1992). Diferenciada pela não intencionalidade da resistência enquanto ação ao desestabilizar alguma norma das relações de poder (RAFFNSØE; MENNICKEN; MILLER, 2019; SOUZA, et al., 2006), nesse caso de gênero. A relação de vulnerabilidades tratadas no subtópico 5.2, abordam também questões de resistência quando mesmo sem a intenção *a priori* grupos movimentam as vulnerabilidades no intuito de alterar a norma vigente. Por isso, os grupos do *facebook* foram espaço que subvertem a norma posta pela empresa Meu Patrocínio.

Os grupos e páginas de facebook ao serem formados multiplicam as formas de existir no mundo *sugar*. Ao mesmo tempo que permitem encontros de pessoas que eventualmente são negadas nos sites que são agenciadas por

empresas como o Meu Patrocínio. Em relação a resistências individuais os discursos das entrevistas trazem subversões no discurso hegemônico do site que aborda a atividade *sugar* como um empreendimento e meta de vida, conforme foi descrito no decorrer dos subtópicos anteriores. Camila, conta como é a interação diante da sua perspectiva:

(24)A pessoa vai chegar para mim e dizer, te achei bonita, você tem o corpo muito legal, tenho vontade de ficar com você. E eu falo: olha, também achei legal, vi que você tem uma condição financeira boa, vamos tentar trocar alguma coisa bacana (CAMILA).

No trecho (24), Camila recorda o contexto social nos parâmetros que são tidos como bonitos na sociedade brasileira (GONZALES, 1984). A entrevistada evidencia que a beleza é sua moeda de troca na contrapartida da situação financeira, o legal encontra o interdiscurso com a condição financeira boa do *daddy*. A naturalidade da prática social da *sugar* é exposta na continuidade da entrevista como possibilidade de subverter os padrões de relacionamentos que conhece.

(25)Eles fingem que estão gostando de você, porque você é legal, você é bacana. Não, eles querem te pegar porque você tem um copo bonito, porque cê é nova e porque eles querem transar com você. E o principal motivo de eu ter entrado no site, quando os homens me perguntam, “que que cê ta fazendo aqui?” “Porque você ta aqui?”. Eu falo: olha eu to aqui porque eu estou cansada de hipocrisia. Eu gosto porque nesse cenário aqui desse site eu consigo ser sincera e aberta com meus interesses e eu espero isso no mínimo da pessoa que vai estar comigo (CAMILA).

Camila no trecho (25), mostra que não está interessada no relacionamento normativo que o site discursa ser a meta das *sugars*. Cabe dizer que os discursos, encontrados nos documentos, exercidos institucionalmente enunciam a *baby* como alguém que visa um relacionamento normativo. Essa é a meta e objetivo, quando o *daddy* não está disposto ao relacionamento legítimo porque ele é casado, à *baby* é dada a opção de aceitar passivamente. Nesse contexto, o *daddy* é exaustivamente o centro da relação, sendo ele quem dita as normas de como a atividade *sugar* é performada. A entrevistada, subverte a ordem quando afirma que a performance do *daddy* é um fingimento e o interesse é explicitamente sexual, em um determinado padrão de corpo tido como bonito.

O relacionamento honesto, discursado pela empresa Meu Patrocínio, ganha outra conotação no trecho (25). Para Camila, as hipocrisias dos discursos de cortejo podem ser evitadas ao revelar o interesse sexual explícito da parte do

daddy e ao interesse financeiro da parte dela. Tenciona nessa fala, a ressignificação da atividade em algumas frentes. A primeira resistência é que a *sugar* quem está no comando da situação, não o *daddy*. Subverte a fala do site, que discursa no sentido motivador do cadastro ser um relacionamento normativo. E, por fim, explícita o caráter venal da relação sem o estereótipo negativo legado a prostituição (BUTLER, 1990; GOFFMAN, 2004) quando se manifesta abertamente.

(26) Alguns, alguns eu nem cheguei encontrar pessoalmente não, eu só conversava pela internet. Alguns me pediam foto e a gente trocava foto. Foto íntima assim e eles mandavam dinheiro para mim. Eles nem me viam pessoalmente. Então eu achei assim, o máximo. Porque assim, eu tenho muita tranquilidade com meu corpo, nudez para mim é uma coisa muito natural. Então, tipo assim, se o cara quer ver me ver pelada e me pagar ai to super aberta (risos). Que eu não vejo problema nenhum nisso. Homem casado, um rapaz que eu nunca vi pessoalmente, mas a gente conversa muito. Ele é produtor [nome da emissora] (CAMILA).

No trecho (26), a entrevistada inicia o discurso ao revelar trocas de fotos íntimas pela internet por dinheiro. O trecho (13) analisado anteriormente revela a classificação de *Salt* para performances não condizentes dos *daddys* em relação a fotos íntimas das *babies*. Contudo, a entrevista revela a prática social com o adjetivo maravilhosa, dado que a contrapartida dela não envolvia encontros pessoalmente. O ingrediente adicionado a prática para ser aceita é o dinheiro do *daddy* para as fotos, o que configura uma relação com venal com o erótico (BREWIS; LISTEAD, 2000). A questão da nudez, é tratada com naturalidade, performatividade não recomendada pelo manual da empresa, a qual discursa um padrão de menina delicada e omite a sexualidade e a liberdade do corpo construído como feminino na sociedade. A entrevistada Ester, ainda que reifique alguns discursos institucionais traz uma nova categoria para a atividade:

(27) É uma coisa que assim, eu usava mais, vamos dizer assim, como recreativo. Não é uma coisa assim que eu ficava tipo assim, preciso sair com esse cara para pagar minhas contas. Conheci pessoas legais, que me proporcionaram muitas experiências boas. E eu continuei porque eu gosto, gosto de conhecer outras pessoas, eu gosto de, de...ir para outros lugares. Eu gosto de dinheiro sabe? Porque eu preciso de dinheiro. De certa forma eu posso dizer que eu gosto (ESTER).

No trecho (27), Ester classifica a atividade *sugar* como recreativa. A questão do dinheiro no primeiro momento sai da esfera do explícito. Ao recordar experiências o fato de conhecer pessoas, lugares são preponderantes para a

atividade. Nesse sentido, a entrevistada não relaciona o dinheiro como motivador principal, ainda que seja um dos motivadores. O gostar é colocado em primeiro lugar, ela gosta do dinheiro, mas ela também gosta da dinâmica da atividade, classificando-a como recreativa, um *hobby*.

Questões relacionadas a resistência foram as menos encontradas na produção de dados. No entanto, não significa que não existam ou que não são amplamente reconfiguradas na atividade. Acredita-se que a pequena quantidade de entrevistadas que aceitaram participar da entrevista tenha sido um fator importante para o pouco de resistência encontrada nas relações de poder. Os demais discursos produzidos nos documentos estão mais intrínsecos nas relações de performatividade admitida para a atividade *sugar*.

5.5 Cardápio: a oferta discursiva da atividade *sugar*

Esse último tópico visou discutir os múltiplos discursos e trajetórias que a pesquisa conduziu para discutir a pergunta chave da dissertação, como os discursos que perpassam a atividade das *Sugar Babies* são capazes de resignificar a atividade venal do sexo? O subtítulo como cardápio, é em alusão à entrevistada Camila, que descreveu o site de relacionamento como tal. A partir da pergunta propulsora, buscou-se múltiplos discursos a fim de compreender a categoria *sugar*. Encontrou-se múltiplas e dissonantes possibilidades discursivas. De maneira que a proximidade com uma prostituição de luxo (OLIVEIRA, 2008; SILVA, CAPPELLE, 2017) foi uma das possibilidades discursivas encontradas.

Tal discurso esteve mais presente no documento C, por meio de páginas do *facebook* as quais também dialogam com um público que estão fora de o mundo *sugar*. Por outro lado, o discurso produzido no *site*, Meu Patrocínio, procura idealizar relacionamentos “honestos” que envolvem trocas financeiras e afetivas como parte do mundo *Sugar* (MEU PATROCÍNIO, 2019). A categoria *Sugar Babe* é constituída discursivamente, no sentido de se afastar do estereótipo da prostituta, porém, permeia as atividades sexuais, nas quais a troca de afeto e dinheiro são significadas como prostituição (SANDERS, 2008; SILVA; CAPPELLE, 2017). Ao mesmo tempo, os discursos são direcionados a relacionamentos tidos como normais na sociedade, como a possibilidade de casamento.

Vale lembrar que o casamento tradicional, conforme dito durante a construção do referencial (BUTLER, 1990; GONZALES, 1984; HOOKS, 2018a) e discussão dos tópicos anteriores, quando configurado no modelo conservador, o homem é igualmente responsável financeiramente e “afetivamente” pelas mulheres. Sejam essas mulheres, brancas, esposas ou filhas, no passado, tiveram seus direitos vinculados aos pais e, posteriormente, aos seus maridos. Quando negras, foram desumanizadas, estupradas, violadas e animalizadas por homens brancos, por meio do racismo e sexismo e por homens negros, por meio do sexismo (HOOKS, 2018b; VIANA, 2010).

Existem possibilidades de fuga e rupturas das estruturas sociais que moldaram a sociedade brasileira como racista e sexista. Contudo, tais relações de poder são assimétricas, o que faz com que se tenha modelos falseados como dominantes nos discursos e, conseqüentemente, nos sujeitos e sujeitas envolvidas. As mulheres apresentadas no site, como descrito na figura 2, do tópico 5.1, reverbera quais são as mulheres que, implicitamente, são aceitas no site para ir em busca do mundo *sugar*.

Implicitamente, porque não há um aviso explícito dizendo que as mulheres brancas são as aceitas e as negras não, porém, dado que as imagens são igualmente discursivas (SILVA; ARAUJO, 2015) e evidenciam o recorte racista do site. Retorna-se a esse trecho, pois quando se trata da categoria do alto meretrício o afastamento à atividade explícita da prostituição é uma constante. Além de garotas universitárias com um certo padrão e beleza em oposição à “putas pobres” (MATTOS, 2009) as quais a venalidade, o estigma marginal da puta são indissociáveis (GOFFMAN, 2004; SILVA; CAPPELLE; NAVES, 2016). A explicação institucional para quem pode entrar para o cardápio *sugar*, apresenta-se no seguinte trecho:

Os critérios de aprovação do Meu Patrocínio atendem aos requisitos que protegem ambos os lados (*Babies e Daddies*). Por isso, a existência de uma fila de espera revela o cuidado em garantir que apenas mulheres qualificadas entrem na base de dados e o equilíbrio de *Sugar Daddies e Babies* – assim todos conseguem encontrar a pessoa que procuram e construir um relacionamento (DOCUMENTO A).

A prática discursiva da empresa dialoga com o macro da sociedade, a qual conforme descrito a cima faz um recorte para mulheres de “qualidade”,

ainda que esteja na esfera do não dito se vale das questões raciais e de classe. Tal estratégia coaduna tanto com as questões ilegítimas, as quais afastam e velam a prostituição tida como Alto Meretrício, quanto com as questões legítimas, representados por contratos sexuais feitos por meio do casamento (PATEMAN, 1993). As questões envoltas às estereotípias negativas com a atividade do sexo aparecem nos discursos das entrevistadas:

(28) Às vezes você sente que está vendendo seu corpo mesmo, é um ponto negativo (ESTER).

(29) Ele me levou, me deu o dinheiro. Mas aí foi um choque, meio grande. Porque aí fiquei, será que é assim mesmo? Será que eu tenho psicológico para me envolver nisso, sabe? Porque você tem que ter uma maturidade e uma certa frieza, né. Para lidar com essas relações. Então assim, logo de cara eu me envolvi com uma pessoa que eu não sentia atração física e que eu tive que me submeter a uma relação sexual ali que eu não tava afim (CAMILA).

Os encontros com os *daddies* quando significados com a prática social da prostituição aparece como incômodo para as entrevistadas. No trecho (28), Ester apresenta o incômodo com certa frequência quando faz parecer que seu corpo está à venda. Para Camila, a ação de receber o dinheiro sem qualquer envolvimento amoroso remete igualmente ao mesmo incômodo. O choque e a frieza relacionam à estereotípias negativas (GOFFMAN, 2004) do mundo *sugar*. O que fica em jogo nessas relações são os discursos, experienciados entre uma proximidade com a venda do sexo e o afastamento. Tal distância e aproximação também são experienciadas por profissionais do sexo, quando dão sentido à venda do sexo por meio de profissões como massagistas, enfermeiras ou mesmo amizades e afetos genuínos que acontecem durante a interatividade com o cliente (BREWIS; LISTEAD, 2000; SILVA; CAPPELLE, 2016).

Se por um lado encontrou-se uma significação similar do movimento entre o afastar e aproximar da estereotípias, seja da prostituição [aproximar], de outras profissões [afastar] e também do afeto [afastar] entre os envolvidos, verificou-se que a categoria *sugar baby* opera discursivamente em uma direção oposta da prostituição explícita, ainda que ambas transitem pelo mesmo caminho. O que se pretende com tal afirmação?

É que enquanto a prostituta tem a questão de vender sua companhia ou sexo como um pressuposto explícito da atividade que monetariza a atividade e o afeto é adicionado discursivamente como uma possível consequência (BREWIS; LISTEAD, 2000; SILVA; CAPPELLE, 2017); na categoria *sugar baby*

o afeto é adicionado como um dos primeiros elementos, e a companhia e o sexo são adicionados posteriormente. No entanto, se para alguns a matemática seria a mesma, pois, de acordo com o ditado popular, a ordem dos fatores não alteraria o produto. Nesse trabalho, se fala de discursos como relações de poder, os quais configuram o legítimo e o ilegítimo (BUTLER, 2019; FOUCAULT, 1999) na sociedade. Portanto, minimamente a troca da ordem dos discursos produz afetamentos dissonantes entre os conhecedores do mundo *sugar*. Tal equação alterada, aproxima a *sugar baby* significativamente das relações matrimoniais conservadoras. A aproximação, não reduz a atividade da *sugar* a um relacionamento afetivo e pela multiplicidade dos discursos traz questões as quais novamente se ligam a venda de companhia por dinheiro:

(30)Ele perguntou o que eu queria assim mais, eu falei: eu preciso de ajuda financeira. Ai ele fala falou: não, então tá combinado. Ele veio, a gente saiu. A gente só saiu e jantou, ele pagou as coisas. Ele pagou a grana que eu tava precisando, mas a gente não chegou nem a ficar (CAMILA).

As *sugars babies* reconfiguram os discursos institucionais o qual prioritariamente diz sobre a relação afetiva. No trecho (30), Camila, descreve um encontro em que o ficar (ter contato físico sexual) não aconteceu, ainda que o pagamento sim. Os mimos entram como jantar, além do dinheiro na esfera explícita que a entrevistada precisava. Apesar da subversão a entrevistada não significa o encontro como uma relação de venda de companhia, comum as garotas de programa de alto luxo.

O site que se intitula de relacionamento apresenta os números de pessoas cadastradas e aprovadas na plataforma, a saber: “1.8 milhão *sugar babies* femininos, 638 mil *sugar babies* masculinos, 279 mil *sugar daddies* e 48 mil *sugar Mommies*” (DOCUMENTO A). O discurso com a questão do encontro de pares, se volta implicitamente, para a questão financeira. A relação de pessoas que pagam para estar no site é menor do que as que estão ali busca do milionário ou milionária. Nesse sentido, ainda que não atue como cafetão, o qual recebe valores pelo serviço sexual de outras pessoas. A empresa se localiza na esfera legalizada da venda de encontros, sexo, companhia por trocas financeiras.

6. CONCLUSÃO: TEMPO, TEMPO, POR SERES TÃO (IM)PRECISO²²

A conclusão posta nessa dissertação caminha no sentido de fechar a análise dos dados no período exposto, para o fechamento de um ciclo acadêmico. A conclusão, nesse sentido, não é um fechamento sobre a categoria empreendida. E sim, um ponto de reflexividade dessa pesquisa. Destaca-se que a atividade da *sugar baby* e o mundo *sugar* são temas com caráter exploratório no curso de Administração, pelos estudos serem incipientes acerca da atividade, flexionada nesse trabalho pela ressignificação discursiva. O trabalho buscou refletir com possibilidades fluídas de gênero, na busca de compreender as relações de poder. E como as mulheres circulam na miríade de possibilidades de (re)existência situadas na sociedade brasileira. De maneira que um tempo e espaço foi condutor para as reflexões que permitiram localizar relações de poder e resistências, vulnerabilidades e rupturas de padrões generificados. A literatura feminista foi condutora, pois, permitiu considerações para além de padrões hegemônicos.

Os tópicos e subtópicos foram importantes para compreensão de como a *sugar baby* é discursivamente localizada nos múltiplos sentidos temporais, sociais e culturais contemporâneos. Tais contextos foram importantes para compreensão de quem são essas mulheres, não no sentido de limitar ou encontrar um ponto fim para a classificação, porém, permitem compreender a atividade e seus múltiplos contextos sociais de determinados corpos que performam o feminino e são atravessados por relações de poder e resistência.

Buscou evidenciar modelos de performatividades e os múltiplos discursos sociais e temporais sobre o que é ser *sugar baby*. Ainda que as identidades sejam múltiplas, o *site* faz um recorte de quem são, como devem performar e o que se espera de tais mulheres. Na relação implícita, o *site* omite elementos relacionados às identidades de raça, de classe, orientação sexual, gênero, gordofóbicos, de etarismo, dentre outros. No explícito o relacionamento da *baby* é a busca do *daddy* representado pelo homem mais velho. Muitas das explicitações para essas mulheres se dão por meio da performatividade em relação ao corpo, performances legítimas sobre as identidades de gênero construídas como mulheres e femininas.

²² Título parafraseado “Oração ao tempo” cantada por Caetano Veloso.

A identidade de gênero tida como masculina é pouco tencionada e suas performances são consideradas majoritariamente legítimas, normais ou mesmo silenciadas. Nesse sentido, as performances encontradas atuam de maneira a reforçar o sexismo e o machismo presente na sociedade brasileira. Bem como, o racismo quando se tenciona a estética como um dos mediadores de porta de entrada para o mundo *sugar*.

Como contribuições desse trabalho, destaco como contribuição teórica a possibilidade de compreender a atividade do sexo para além de questões legais que flutuam entre o legítimo e o ilegítimo. Contribui por explicitar algumas das múltiplas possibilidades discursivas que perpetuam relações de poder assimétricas imersa na teoria feminista. No sentido que foram exploradas as classificações e nomeações, amplamente discutidas nesse trabalho envoltas das *sugar babies*. Categoria discursiva que produz e reproduz significados sociais. Por vezes classificados como novos, porém, partem das relações de poder as quais produzem disparidades entre gêneros. Sejam essas disparidades por meio de recortes entre mulheres, quando por meio da matriz hetero sexual de gênero ao forjar produções dicotômicas entre mulheres. As quais estão de acordo com a performatividade esperada ou mesmo a subversão dela. Como também, a reprodução da lógica normativa pela mesma matriz heterossexual, na qual legítima relação conservadoras que localizam uma performance de homem como provedor.

Quando o padrão das *sugar babies* ou *sugar daddies* não são compatíveis com as performances legitimadas pelo discurso da empresa Meu Patrocínio e, por isso, são excluídos da pertença da empresa os participantes subvertem os cadastros. Assim, a atividade extrapola grupos formais gerenciados por empresas e existe a agência dos participantes. No entanto, independentemente da plataforma utiliza, os discursos tem a reforçar o conservadorismo nas performances possíveis para homens e mulheres, forjando uma dicotomia entre homens e mulheres na sociedade. A matriz heterossexual de gênero é acionada como processador orgânico de inteligibilidade produzida pela performatividade intenta normalizar o tipo de relacionamento proposto na atividade *sugar*. Compreende-se então, uma condição que é social, histórica e cultural que antecede as empresas propulsoras da atividade da *Sugar Baby*.

A limitação do trabalho se deu na dificuldade de contactar mulheres que se auto intitulam *sugar baby* dispostas a conceder relatos gravados. Nesse sentido, reflete-se o quanto a própria escolha do escopo se concentrar nas mulheres podem ter sido limitados e sexistas. Destaca-se que a intenção não foi em momento algum sentenciar se a atividade *sugar* como legítima ou ilegítima. Porém, como é sabido das condições sócio históricas e culturais serem patriarcais se reflete nesse momento e como conclusão têm-se que os discursos deveriam ter sido mais plurais, incluído assim no conjunto os corpos masculinos. Por isso, deixa sinalizado a possibilidade de novos estudos que escutem *sugar daddies* e/ou mesmo *sugar babies* masculinos.

Como sugestão de pesquisas futuras, se aponta igualmente como possibilidade aprofundar como objeto de estudo empresas que propiciam esse encontro e as possibilidade de ressignificação do mediador de relacionamentos que envolvam práticas sexuais e financeiras. Bem como, aprofundar nas desigualdades da sociedade brasileira que movimentadas e estruturadas pelo racismo, sexismo, elitismo, colonialismo dentre outros marcadores sociais. Reafirma aqui que, até o momento do trabalho, a empresa se localiza na esfera legalizada da venda de encontros, sexo, companhia por trocas financeiras.

Interessante que assim como a multiplicidade de produção de dados do trabalho, a temporariedade contemporânea, traz múltiplos discursos, dissonantes, congruentes, tal qual as relações de poder destacadas por Foucault (1992,1999). Ainda que se buscou abordar múltiplos discursos, sendo eles da empresa, de *sugar babies*, documentos online e offline, muito ainda tem para se discutir sobre o assunto como forma organizativa e cooptada pelas organizações. Por isso, se faz importante para trabalhos futuros aprofundar nas empresas que se encontram no mundo da digitalização de negócios.

Destarte, enquanto existem importantes trabalhos que discutem a possibilidade da prostituição no Brasil, entre sua legalidade e (re)existência nos múltiplos espaços (DA SILVA; RABELO; PEREIRA, 2007; LENZ, 2014; OLIVEIRA; GUIMARÃES; FERREIRA, 2017; SILVA; CAPPELLE, 2017; SILVA; CAPPELLE, 2016). Existe uma lacuna, que esse trabalho visa contribuir, de como a comercialização do sexo é cooptada pela possibilidade de redefinição dentro de possibilidades licitas. As empresas mercantilizam a atividade do sexo ao promover encontros e ressignificar a possibilidade de lucrar com o sexo. Se

por um lado, a cafetinagem é crime, outras formas organizativas de venda da atividade do sexo são possibilitadas ao se reorganizar: como nos sites de encontro *sugars*.

Reitero nesse final como contribuição o processo reflexivo como pesquisadora, nos múltiplos espaços e a possibilidade de fazer ciência e novas descobertas. Em momentos que a ciência vem sendo questionada, fechar os trabalhos como espaços de conhecimento, sociabilidade e endossar que o processo de escrita é UM DOS múltiplos trabalhos feitos por cientistas. Nesse lugar, hoje, como cientista da sociologia aplicada é altamente contributivo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- AGUIAR, A. R. C.; CARRIERI, A. de P. “Água De Lona” E “Sangue De Serragem” Nos Discursos De Sujeitos Circenses. **Organizações & Sociedade**, v. 23, n. 77, p. 247–262, 2016.
- ALCADIPANI, R.; ALMEIDA, A. Por fora bela viola, por dentro...: análise crítica sobre a gestão do espaço nas organizações através de um estudo de caso sobre a implementação de um escritório no Brasil. **Organizações & Sociedade**, v. 7, n. 19, p. 35–52, 2000.
- ALVES, A.; LAGO, M. **Ai que Saudades da Amélia.pdf**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/roberto-carlos/87939/>>.
- ANDRADE, A. L. de; SILVA, P. D. O. M. Configurações e consequências de investimento afetivo em relacionamentos românticos / Configuration and affective consequences of investing in romantic relationships. **Psicologia e Saber Social**, v. 2, n. 2, p. 217–228, 2016.
- BALIEIRO, F. D. F. “Não se meta com meus filhos”: a construção do pânico moral da criança sob ameaça. **Cadernos Pagu**, n. 53, 2018.
- BALISCEI, J. P.; CALSA, G. C.; STEIN, V. Tiana, a primeira princesa negra da Disney: olhares analíticos construídos juntos à cultura visual. **Visualidades**, v. 15, n. 2, p. 137, 2017.
- BARTHES, R. **AULA - Aula Inaugural da Cadeira de Semiologia do Colégio de França**. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 1977.
- BEAUVOIR, S. de. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BENTO, M. A. S.; SILVA, T. T. Racismo institucional. **Forum de debates: educação e saúde**, p. 100, 2014. Disponível em: <<http://www.cehmob.org.br/wp-content/uploads/2014/08/Caderno-Racismo.pdf#page=5>>.
- BINDEL, B. J. Book review the pimping of prostitution : abolishing the sex work myth. n. February, p. 734–737, 2018.
- BLANCHETTE, T. G.; SILVA, A. P. Amor um real por minuto a prostituição como atividade econômica no Brasil urbano.pdf. In: CORRÊA, M.; PARKER, R. (Org.). **.Sex. e política na América Lat. histórias, intersecções e Parad**. Rio de Janeiro: SPW, 2009. p. 192–233.
- BONI, V.; QUARESMA, J. Aprendendo a entrevistar : como fazer entrevistas em Ciências Sociais. v. 2, n. 3, p. 68–80, 2005.
- BRAH, A. Difference, Diversity, Differentiation. **International Review of Sociology**, v. 2, n. 2, p. 53–71, 1991.
- BREWIS, J.; LISTEAD, S. **Sex, Work, and Sex Work: Eroticizing Organization**. 1. ed. London: Routledge, 2000. v. 33.
- BUTLER, J. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, H. B. De (Org.). **. Pensamento Fem**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 213–230.
- _____. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. v. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.
- _____. Rethinking Vulnerability and Resistance. In: BUTLER, J.; GAMBETTI, Z.; SABSAY, L. (Org.). **. Vulnerability Resist**. Duke Unive ed. Durham: Duke University Press, 2016. p. 1–348.

- _____. **Unduing Gender**. 1. ed. NEW YORK: Routledge, 2004.
- CALÁS, M. B.; SMIRCICH, L. Do Ponto de Vista da Mulher: Estudos Feministas nos Estudos Organizacionais. In: CARDOSO, R.; MISOCZKY, M. C. (Org.). **Questões e Temas Emergentes em Estud. Organ.** Atlas São ed. São Paulo: [s.n.], 1999. p. 273–327.
- CALDWELL, K. L. **Negras in Brazil**. 1. ed. New Brunswick, New Jersey, and London: Rutgers University Press, 2007.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Câmara dos Deputados.pdf**. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=551899>>.
- CAMARGO, T. I.; LEÃO, A. L. M. de S. Pulando a Cerca Ponto Com: a Opinião Pública Sobre a Mercantilização do Adultério. **Organizações & Sociedade**, v. 22, n. 74, p. 443–463, 2015.
- CARDOSO, L. Acritical and Critical Whiteness: a racial supremacy and the antiracist white. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 8, n. 1, p. 607–630, 2010.
- CARNEIRO, A.; BARROS, A. Uso de documentos para narrar a história de organizações: reflexões e experiências. **Revista de Contabilidade e Organizações**, v. 11, n. 30, p. 14–23, 2017.
- CARRIERI, A. D. P. As gestões e as sociedades. **Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 1, p. 1–44, 2014.
- CARRIERI, A. de P. et al. Gender and work: Representations of femininities and masculinities in the view of women Brazilian executives. **BAR - Brazilian Administration Review**, v. 10, n. 3, p. 281–303, 2013.
- CARRIERI, A. de P.; SOUZA, E. M. de; AGUIAR, A. R. C. Trabalho, violência e sexualidade: estudo de lésbicas, travestis e transexuais. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 18, n. 1, p. 78–95, 2014.
- CAVALCANTI, M. F. R.; ALCADIPANI, R. Em defesa de um crítica Organizacional Pós- Estruturalista: Recuperando o pragmatismo Foucaultiano-Deleuziano. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 12, n. 4, p. 557–582, 2011.
- CECHIN, M. B. C. O que se aprende com as princesas da DISNEY? **Zero-a-Seis**, v. 16, n. 29, p. 131, 2014.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in Late Modernity**. 5. ed. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.
- COFFEY, A. Analysing documents. **SAGE Handb. Qual. data Anal.** London: Sage, 2014. p. 367-369 (cap.25).
- COLLINS, P. H. It ' s All In the Family : Intersections of Gender , Race and Nation. **Hypatia**, v. 13, n. 3, 1998.
- _____. **Pensamento feminismo negro**. 1. ed. São Paulo: Boi Tempo, 2019.
- COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em administração um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação**. 2. ed. Porto Alegre: [s.n.], 2005. Disponível em: <Bookman>.
- CONNELL, R. New maps of struggle for gender justice: Rethinking feminist research on organizations and work. **Gender, Work and Organization**, v. 26, n. 1, p. 54–63, 2019.
- CORRÊA, M. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. **Cadernos Pagu**, n. 16, p. 13–30, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332001000100002&lng=pt&tlng=pt>.
- CORRÊA, S. A “ política do gênero ” : um comentário genealógico. **Cadernos**

- Pagu**, n. 53, p. e185301, 2018.
- DA SILVA, C. L.; RABELO, V. I. M.; PEREIRA, R. B. A bela adormecida: estudo com profissionais do sexo que atendem à classe média alta e alta. **Psicologia e Sociedade**, v. 19, p. 69–76, 2007.
- DAVIS, A. **Mulheres, Raça e Classe**. 1. ed. São Paulo: Boi Tempo, 2016. v. 1.
- DELEUZE, G. O que é um dispositivo. In: CORDEIRO, E. (Org.). **O mistério Ariana**. Vega/Passa ed. Lisboa: [s.n.], 1996. p. 83–96.
- DUFFY, K.; HANCOCK, P.; TYLER, M. Still Red Hot? Postfeminism and Gender Subjectivity in the Airline Industry. **Gender, Work and Organization**, v. 24, n. 3, p. 260–273, 2017.
- ELMER, P. Re-encountering the PR man. **Prism**, v. 7, n. 4, p. 1–5, 2010.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. 1. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FIALHO, C. B. et al. Empoderamento e Gênero: Um Estudo com Mulheres que Ocupam Cargos de Gestão em uma Universidade Federal. **Revista Administração em Diálogo - RAD**, v. 20, n. 1, p. 1, 2018.
- FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2008. v. 3.
- _____. **História da Sexualidade I: A vontade de Saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- _____. **Microfísica do Poder**. 1992.
- GOFFMAN, E. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 1. ed. Rio de Janeiro: Coletivo Sabotagem, 2004.
- GONZALES, L. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. p. 223–243, 1984.
- GONZALEZ, L. **Lélia Gonzalez: Primavera para as Rosas Negras**. 1. ed. São Paulo: Filhos da África, 2018.
- GONZALEZ, L. Mulher Negra. **Cadernos Geledés**, v. 4, p. 1–41, 1993.
- GOUVÊA, J. B. O que há por trás do discurso da harmonia racial no país da miscigenação? **Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 4, n. 10, p. 915–955, 2017.
- GUIMARÃES, A. S. A. Depois da democracia racial. **Tempo Social**, v. 18, n. 2, p. 269–287, 2006.
- HALES, S.; RIACH, K.; TYLER, M. Putting sexualized labour in the picture: Encoding ‘reasonable entitlement’ in the lap dancing industry. **Organization**, 2018.
- HANCOCK, P.; SULLIVAN, K.; TYLER, M. A Touch Too Much: Negotiating Masculinity, Propriety and Proximity in Intimate Labour. **Organization Studies**, v. 36, n. 12, p. 1715–1739, 2015.
- HARDING, S. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Revista Estudos Feministas**, v. 1, n. 1, p. 7, 1993.
- HARDY, C.; PALMER, I. Discourse as a Strategic resource. **Human Relations**, v. 53, n. 9, p. 1227–1248, 2000.
- HEARN, J. Gender , Work and Organization : A gender – work – organization analysis. **Gender, Work and Organization**, v. 26, n. October 2018, p. 31–39, 2019.
- hooks, b. **O feminismo é para todo mundo**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018a.
- hooks, b.. **Não serei eu mulher?** 1. ed. Lisboa: Orfeu Negro, 2018b.
- HRYNIEWICZ, L. G. C.; VIANNA, M. A. Mulheres em posição de liderança: obstáculos e expectativas de gênero em cargos gerenciais. **Cadernos**

- EBAPE.BR**, v. 16, n. 3, p. 331–344, 2018.
- HUBER, G.; BROWN, A. D. Identity Work, Humour and Disciplinary Power. **Organization Studies**, v. 38, n. 8, p. 1107–1126, 2017.
- JEFFREYS, S. **The Industrial Vagina: The Political Economy of the Global Sex Trade**. 1. ed. Abingdon: Taylor & Francis e-Library, 2005.
- JOLIN, A. On the Backs of Working Prostitutes: Feminist Theory and Prostitution Policy. **Sage Publications**, v. 40, n. 3, p. 69–83, 1994. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/104973239100100307>>.
- KELLER, E. F. Qual foi o impacto do feminismo na ciência? **Cadernos Pagu**, n. 27, p. 13–34, 2006.
- KNIGHTS, D. Gender still at work: Interrogating identity in discourses and practices of masculinity. **Gender, Work and Organization**, n. celebrate the 25th anniversary, p. 18–30, 2019.
- LANDES, R. **A cidade das mulheres**. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.
- LAZAR, M. M. Feminist Critical Discourse Analysis: Articulating a Feminist Discourse Praxis. **Critical Discourse Studies**, v. 4, n. 2, p. 141–164, 2007.
- LENZ, F. Gabriela Leite , prostituta que viveu e promoveu a liberdade. **Revista em Pauta**, v. 12, p. 209–215, 2014.
- LEWIS, P. Postfeminism , Femininities and Organization Studies : Exploring a New Agenda. **Organization Studies**, v. 35, n. 12, p. 1845–1866, 2014.
- LOURO, G. L. **GÊNERO SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO Uma perspectiva pós estruturalista**. Editora Vo ed. Petrópolis: [s.n.], 2003. v. Volume 6.
- _____. **O Corpo Educado**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- MACHADO JÚNIOR, C.; BAZANINI, R.; MANTOVANI, D. M. N. The myth of racial democracy in the labour market: a critical analysis of the participation of afro-descendants in brazilian companies. **Organizações & Sociedade**, v. 25, n. 87, p. 632–655, 2018.
- MACHADO, P. S. O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural. **Cadernos Pagu**, n. 24, p. 249–281, 2005.
- MAGALHÃES, I. A ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA. **D.E.L.T.A.**, v. 21, p. 1–9, 2005.
- MARIANO, S. A. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. **Revista Estudos Feministas**, v. 13, n. 3, p. 483–505, 2005.
- MATTOS, P. **A dor e o estigma da puta pobre**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- MCCARTHY, L.; MOON, J. Disrupting the Gender Institution: Consciousness-Raising in the Cocoa Value Chain. **Organization Studies**, v. 39, n. 9, p. 1153–1177, 2018.
- MENEZES, R. S. S.; OLIVEIRA, J. L.; DINIZ, A. P. R. Simbolismos de gênero e gestão: uma análise das feminilidades de executivas brasileira. **Revista de Gestão e Secreteriado**, v. 4, n. 1, p. 1–22, 2013.
- MESQUITA, J. S.; TEIXEIRA, J. C.; SILVA, C. R. “Cabelo (crespo e cacheado) pro alto, me levando a saltos” em meio à resignificação das identidades de mulheres negras em contextos sociais e organizacionais. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, 19(2), 222-251, 2020.
- MEU PATROCÍNIO. **Meu Patrocínio**. Disponível em: <<https://www.meupatrocínio.com/relacionamento-sugar>>. Acesso em: 31 jan. 2019.
- MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **CBO**. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.j>

sf>.

MISKOLCI, R. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, v. 11, n. 21, p. 150–182, 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=86819550008>>.

_____. Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à “ideologia de gênero”. **Cadernos Pagu**, n. 53, 2018.

_____. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Ouro Preto: Autêntica, 2012.

MISKOLCI, R.; PEREIRA, P. P. Quem Tem Medo De Judith Butler? A cruzada moral contra os direitos humanos no Brasil. **Cadernos Pagu**, v. 53, p. 1–4, 2018.

MOLINETE, I. A.; BARCELLOS, R. de M. R. de; SALLES, H. K. de. Da mão de ferro ao romantismo: A produção do gênero no discurso da literatura pop management. **Revista de Gestão Social e Ambiental**, v. 11, p. 6–22, 2017.

MUNANGA, K. **Negritude - Usos e sentidos**. 3. ed. São Paulo: Autêntica Editora, 2009. Disponível em: <http://grupoautentica.com.br/autentica/negritude_-_usos_e_sentidos/530>.

NASCIMENTO, M. C. R. et al. Com que cor eu vou pro shopping que você me convidou? **RAC - Revista de Administração Contemporânea**, v. 19, n. 3, p. 245–268, out. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0020-38742015000300091&lang=pt>.

NASH, L. Gendered places: Place, performativity and flânerie in the City of London. **Gender, Work and Organization**, v. 25, n. 6, p. 601–620, 2018.

NEVES, R. “Joga pedra na Judith”: discursos de ódio e populismo. **Cadernos Pagu**, n. 53, 2018.

OLIVEIRA, M. Q. de. **Prostituição e trabalho no baixo meretrício de belo horizonte – o trabalho da vida nada fácil**. . Belo Horizonte: Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) Universidade Federal de Minas Gerais. , 2008

OLIVEIRA, T. Z.; GUIMARÃES, L. V.; FERREIRA, D. P. Mulher , Prostituta e Prostituição: da História ao Jardim do Éden . **Teoria e Prática em Administração**, v. 7, n. 1, p. 139–169, 2017.

ORTLIEB, R.; SIEBEN, B. Balls, Barbecues and Boxing: Contesting gender regimes at organizational social events. **Organization Studies**, v. 40, n. 1, p. 115–134, 2019.

PARREÑAS, R. S.; HWANG, M. C.; LEE, H. R. What Is Human Trafficking? A Review Essay. **The University of Chicago Press Journals**, v. 37, n. 4, p. 1015–1029, 2016.

PATEMAN, C. **O Contrato Sexual**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PEREIRA, P. P. G. Judith Butler e a pomba-gira. **Cadernos Pagu**, n. 53, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332018000200404&lng=pt&tlng=pt>.

PETERS, M. **Pós- estruturalismo e filosofia da diferença Uma introdução**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PHILLIPS, M.; KNOWLES, D. Performance and Performativity: Undoing Fictions of Women Business Owners. **Gender, Work and Organization**, v. 19, n. 4, p. 416–437, 2012.

PULLEN, A. et al. Postscript: Queer Endings/Queer Beginnings. **Gender, Work and Organization**, v. 23, n. 1, p. 84–87, 2016a.

_____. Sexual Politics, Organizational Practices: Interrogating Queer Theory, Work and Organization. **Gender, Work and Organization**, v. 23, n. 1, p. 1–6,

2016b.

RAFFNSØE, S.; MENNICKEN, A.; MILLER, P. The Foucault Effect in Organization Studies. **Organization Studies**, v. 40, n. 2, p. 155–182, 2019.

RAGO, L. M. Amores lícitos e ilícitos na modernidade paulistava ou no borde de Madame Pomméry. **TEORIA & PESQUISA**, v. 47, p. 93–118, 2005.

_____. Os Prazeres da Noite: Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo. v. 1, 1990.

_____. Práticas Feministas em Novos Modos de Subjetivação. **Maracanan**, v. 4, p. 13–36, 2008.

_____. Prazer e Sociabilidade no Mundo da Prostituição em São Paulo, 1890-1930 *. **University of Wisconsin Press - Journals Division**, v. 30, n. 1, p. 35–46, 1993.

REID, E. M. Straying from breadwinning: Status and money in men's interpretations of their wives' work arrangements. **Gender, Work and Organization**, v. 25, n. 6, p. 718–733, 2018.

REY, F. L. G.; SILVA, M. A. F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade os processos de construção da informação.pdf**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005

REZENDE, A. F.; MAFRA, F. L. N.; PEREIRA, J. J. Black entrepreneurship and ethnic beauty salons: possibilities for resistance in the social (re)construction of black identity. **Organizações & Sociedade**, v. 25, n. 87, p. 589–609, 2018.

RIACH, K.; RUMENS, N.; TYLER, M. Towards a Butlerian methodology: Undoing organizational performativity through anti-narrative research. **Human Relations**, v. 69, n. 11, p. 2069–2089, 2016.

RIACH, K.; RUMENS, N.; TYLER, M. Un/doing Chrononormativity: Negotiating Ageing, Gender and Sexuality in Organizational Life. **Organization Studies**, v. 35, n. 11, p. 1677–1698, 2014.

RIACH, K.; WILSON, F. Bodyspace at the pub: Sexual orientations and organizational space. **Organization**, v. 21, n. 3, p. 329–345, 2014.

RIBEIRO, D. **O que é Lugar de Fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RUMENS, N.; DE SOUZA, E.; BREWIS, J. Queering Queer Theory in Management and Organization Studies: Notes toward queering heterosexuality. **Organization Studies**, 2018.

SANDERS, T. "It's Just Acting": Sex Workers' Strategies for Capitalizing on Sexuality. **Gender, Work and Organization**, v. 12, n. 1, p. 26–31, 2005.

_____. Selling sex in the shadow economy. **International Journal of Social Economics**, v. 35, n. 10, p. 704–716, 2008.

SARTI, C. a. Feminismo e contexto: lições do caso brasileiro. **Cadernos Pagu**, n. 16, p. 31–48, 2001.

SCHUCMAN, L. V. Racismo e Antirracismo: A categoria raça em questão. **Psicologia Política**, v. 10, n. 19, p. 41–55, 2010.

_____. Sim, nós somos racistas: Estudo psicossocial da branquitude Paulistana. **Psicologia e Sociedade**, v. 26, n. 1, p. 83–94, 2014.

SCOTT, J. W. Gender: a useful category of historical analyses Gender and the politics of history. **Columbia University Press**, p. 1–35, 1989.

_____. **Gender and the politics of history**. Columbia U ed. New York: [s.n.], 2017.

SILVA, A. R. da; ARAUJO, A. C. da S. de. Semiótica crítica: materialidades, acontecimento e micropolíticas. **Intexto**, p. 132–145, 2015.

SILVA, K. A. T.; CAPPELLE, M. C. A. O trabalho na prostituição de luxo: Análise

- dos sentidos produzidos por prostitutas em belo horizonte – MG. **Revista de Gestão Social e Ambiental**, v. 11, p. 23–39, 2017.
- SILVA, K. A. T.; CAPPELLE, M. C. A. Sentidos Do Trabalho Apreendidos Por Meio De Fatos Marcantes Na Trajetória De Mulheres Prostitutas. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 16, n. 6, p. 19–47, 2016.
- SILVA, K.; CAPPELLE, M. C. A.; NAVES, F. **O (des)prazer na prostituição Reflexões sob a ótica do trabalho de mulheres em uma atividade simbolicamente constituída como não trabalho**. 1. ed. Salvador, BA: EDUFBA, 2016.
- SILVEIRA, R. da S.; NARDI, H. C.; SPINDLER, G. Articulações entre gênero e raça/cor em situações de violência de gênero. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 2, p. 323–334, 2014.
- SOUZA, E. M. de. A Teoria Queer e os Estudos Organizacionais : Revisando Conceitos sobre Identidade Queer Theory and Organizational Studies: Reviewing Identity Concepts. **RAC - Revista de Administração Contemporânea**, v. 21, n. 3, p. 308–326, 2017.
- _____. Fazendo e desfazendo gênero a abordagem pós-estruturalista sobre gênero. In: TEIXEIRA, J. C.; CARRIERI, A. D. P.; NASCIMENTO, M. C. R. (Org.). **Gênero e Trab. Perspect. possibilidades e desafios no campo dos Estud. Organ.** 1. ed. Salvador, BA: EDUFBA, 2016. p. 23–55.
- SOUZA, E. M. De et al. A Analítica De Foucault e Suas Implicações nos Estudos Organizacionais Sobre Poder. **Organizações & Sociedade**, v. 13, n. 36, p. 1–14, 2006.
- _____. Poder, diferença e subjetividade: a problematização do normal. **Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 1, p. 103–143, 2014.
- SOUZA, E. M. de; BREWIS, J.; RUMENS, N. Gender, the Body and Organization Studies: Que(e)rying Empirical Research. **Gender, Work and Organization**, v. 23, n. 6, p. 600–613, 2016.
- SOUZA, E. M. de; CORVINO, M. de M. F.; LOPES, B. C. Uma análise dos estudos sobre o feminino e as mulheres na área de administração: a produção científica brasileira entre 2000 a 2010. **Organizações & Sociedade**, v. 20, n. 67, p. 603–621, 2014.
- SOUZA, M. M. P. De; CARRIERI, A. D. P. Identidades, práticas discursivas e os estudos organizacionais: Uma proposta teórico-metodológica Identities, discursive practices and organizational studies: A theoretical-methodological proposal. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 3, n. 1, p. 40–64, 2012.
- SOVIK, L. **Aqui ninguém é branco**. 1. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.
- TAYLOR, S. J.; BOGDAN, R.; DAVAUULT, M. J. **Introduction to qualitative research methods a guidebook and resource**. Canadá: JohnWiley & Sons, 2016.
- TAYLOR, S.; SPICER, A. Time for space: A narrative review of research on organizational spaces. **International Journal of Management Reviews**, v. 9, n. 4, p. 325–346, 2007.
- TEIXEIRA, J. C.; CAPPELLE, M. C. A.; OLIVEIRA, M. de L. O. Feministas? Não, femininas! Analisando visões sobre o feminismo, no discurso de mulheres que vivenciaram o auge do movimento feminista brasileiro. **SOCIAIS E HUMANAS**, v. 25, n. 01, p. 75–97, 2011.
- TEIXEIRA, J. C.; SARAIVA, L. A. S.; CARRIERI, A. D. P. Os lugares das empregadas domésticas. **Organizações & Sociedade**, v. 22, n. 72, p. 161–178, 2015.

- TYLER, M. Tainted love: From dirty work to abject labour in soho's sex shops. **Human Relations**, v. 64, n. 11, p. 1477–1500, 2011.
- UHR, D. D. A. P. et al. Um estudo sobre a discriminação salarial no mercado de trabalho dos administradores do Brasil. **Revista de Economia e Administração**, v. 13, n. 2, p. 194–213, 2014.
- VIANA, E. D. E. S. (Ufrj). Lélia Gonzalez e outras mulheres: Pensamento feminista negro, antirracismo e antissexismo. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros**, v. 1, n. 1, p. 51–63, 2010.
- YUVAL-DAVIS, N. Intersectionality and Feminist Politics. **Sage**, v. 13, n. September 2001, p. 193–209, 2006.
- ZANONI, P.; JANSSENS, M. The Power of Diversity Discourses at Work: On the Interlocking Nature of Diversities and Occupations. **Organization Studies**, v. 36, n. 11, p. 1463–1483, 2015.
- ZAPPELLINI, M. B.; FEUERSCHÜTTE, S. G. O Uso Da Triangulação Na Pesquisa Científica Brasileira Em Administração. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 16, n. 2, p. 241, 2015.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

	<p>Universidade Federal do Espírito Santo – UFES Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas – CCJE Programa de Pós-graduação em Administração – PPGADM</p>
---	--

O (A), Sr.(a), _____, foi convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “**As *sugar babies* e os relacionamentos afetivos monetários**: a (res) significação da atividade do sexo a partir do mundo *sugar*”, sob a responsabilidade de Caroline Rodrigues Silva. Caso concorde em participar desta pesquisa, este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será impresso em duas vias, assinado e rubricado em todas as páginas por todos os envolvidos, participante e pesquisador.

JUSTIFICATIVA

Reconhecendo a dinâmica social de múltiplas possibilidades da relação monetária com atividade do sexo, os relacionamentos monetários e a apropriação das empresas do mercado de relacionamento, a presente pesquisa propiciará observar e detalhar um mercado emergente por meio de sites de relacionamento.

OBJETIVO(S) DA PESQUISA

O objetivo geral desta pesquisa é compreender como os discursos que perpassam a atividade das *Sugar Babies* podem ressignificar a atividade do venal sexo.

PROCEDIMENTOS

Sua participação na pesquisa permitirá a realização de observações do seu cotidiano no site de relacionamento e entre os pares escolhidos para se relacionar, a relação financeira do site.

RUBRICAS

Será feita por meio de uma entrevista individualmente, com duração de no máximo uma hora e meia., podendo ser pausadas ou mesmo finalizadas quando solicitadas. As entrevistas serão gravadas por meio de gravador digital de voz, e posterior à realização, serão armazenadas na nuvem digital e transcritas no processador de texto Word. A pesquisa ocorrerá na instituição de ensino no qual o (a) senhor (a) está lotado.

DURAÇÃO E LOCAL DA PESQUISA

Será realizada nos meses de abril a maio de 2020, em locais privados a escolha das entrevistadas ou em salas disponibilizadas pela Universidade do Espírito Santo, com duração de no máximo uma hora e meia.

RISCOS E DESCONFORTOS

Caso o (a) senhor (a) não se sinta à vontade para conversar durante a entrevista sobre algum acontecimento que não lhe traga boas lembranças, o (a) senhor (a) terá todo direito de não tocar no assunto. Assim, sinta-se à vontade em não responder a qualquer pergunta, bem como a solicitar o encerramento da entrevista a qualquer tempo. Se preciso, podemos conversar sem realizar gravação, não sendo essa conversa sob nenhuma hipótese material de pesquisa.

BENEFÍCIOS

Os relatos e reflexões decorrentes deste trabalho pretendem beneficiar a discussão em volta dos trabalhos relacionados com a atividade do sexo. Pretende ainda explicitar o assunto de maneira a ampliar as discussões em relação a legalidade do trabalho do sexo, o qual não é proibido e também não é legalizado na sociedade brasileira.

GARANTIA DE RECUSA EM PARTICIPAR DA PESQUISA

O (A) Sr. (a) não é obrigado (a) a participar da pesquisa, podendo deixar de participar dela em qualquer momento de sua execução, sem que haja penalidades ou prejuízos decorrentes de sua recusa.

RUBRICAS

Caso decida retirar seu consentimento, o (a) Sr. (a) não mais será contatado (a) pela pesquisadora.

GARANTIA DE MANUTENÇÃO DO SIGILO E PRIVACIDADE

A pesquisadora coletará informações que serão mantidas de forma confidencial, entendendo que a minha identidade não será revelada em nenhuma circunstância. Os dados coletados somente poderão ser utilizados em eventos ou publicações científicas, mas jamais identificará os participantes.

GARANTIA DE RESSARCIMENTO

Na hipótese de eventuais custos/despesas em virtude da participação da pesquisa, estes serão reembolsados mediante comprovação logo após a participação da pesquisa. Na impossibilidade de comprovação do custo/despesa imediatamente após a participação na pesquisa, esta poderá ocorrer nos dias seguintes conforme acordado com a pesquisadora. O reembolso se dará no limite do valor comprovado.

GARANTIA DE INDENIZAÇÃO

Fica garantido o direito de procurar indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes tão somente da participação dessa pesquisa, conforme o que vier a ser decidido judicialmente.

ESCLARECIMENTO DE DÚVIDAS

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, devo contactar a pesquisadora Caroline Rodrigues Silva, no telefone (32)99905-7277 e pelo e-mail Caroline_rodrigues@hotmail.com. Em caso de denúncia e ou intercorrências/problemas, poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos pelo telefone (27) 3145-9820, pelo e-mail cep.goiabairas@gmail.com, pessoalmente ou pelos correios, no seguinte endereço: Av. Fernando Ferrari, 514, Campus Universitário, sala 07 do Prédio

RUBRICAS

Administrativo do CCHN, Goiabeiras, Vitória - ES, CEP 29.075-910.

O Comitê de Ética e Pesquisa tem a função de analisar projetos de pesquisa visando à proteção dos participantes dentro de padrões éticos nacionais e internacionais.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Declaro que fui verbalmente informado e esclarecido sobre o teor do presente documento, entendendo todos os termos acima expostos, de que a entrevista será gravada, como também os meus direitos, e que voluntariamente aceito participar deste estudo. Também declaro ter conhecimento de assinar duas vias de igual teor deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, devidamente assinada pelo (a) pesquisador (a), ficando uma em minha posse e outra em posse do pesquisador.

Participante da pesquisa

Na qualidade de pesquisador responsável pela pesquisa “**As sugar babies e os relacionamentos afetivos monetários: a (res) significação da atividade do sexo a partir do mundo *sugar*”**”, eu, Caroline Rodrigues Silva, declaro ter cumprido as exigências do(s) item(s) IV.3 e IV.4 da Resolução CNS 466/12, a qual estabelece diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

_____, ____ de _____ de 2020.

Caroline Rodrigues Silva

RUBRICAS

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1. Quantos anos você tem?
2. Qual seu gênero?
3. Você trabalha? Estuda?
4. Tem filhas ou filhos?
5. Me conta um pouco sobre você.
6. O que é ser sugar baby para você?
7. Em que momento resolveu ser *sugar*?
8. Como é a sua relação com os *Daddies*?
9. Quais são suas expectativas com os *Daddies*?
10. Em que locais os encontra?
11. Como faz para definir a parte monetária da relação?
12. Você pode informar a respeito dos valores e mimos combinados?
13. Qual ou quais são as formas de pagamento?
14. Como é o seu dia a dia e acesso ao *site*?
15. O dia a dia corresponde com a propaganda do site? Como?
16. Quais são suas perspectivas de estar e se manter no site?
17. O que você vê de positivo na sua relação *sugar*?
18. E os pontos negativos?
19. Você pretende continuar? Por quê?
20. Há experiências que foram marcantes nesta trajetória e que você gostaria de compartilhar?
21. Você estabelece, antes, o que faz e o que não faz?
22. Há possibilidades de concessões dentro destes limites estabelecidos previamente?
23. Qual é o significado dessa atividade em sua vida?
24. Você significa esses encontros como trabalho?
25. E qual é, para você, o significado conferido pela sociedade a estes encontros?
26. As pessoas de sua família ou círculo de convívio social sabem de sua atividade?

27. Se há formas de ocultá-lo, quais são suas estratégias para este ocultamento?
28. Você é contra ou a favor da prostituição? Por quê?
29. Você é contra ou a favor da legalização da prostituição? Por quê?
30. Além das garantias de sigilo, assinadas no termo livre esclarecido, existe algum trecho da entrevista que gostaria que fosse retirado?